Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19165 6$00

SÁBADO 25 SETEMBRO 1976

À VISTA UM ESCÂNDALO NACIONAL

QUEREM SAFAR BOMBISTAS

. Ameaças pessoais, pressões de toda a ordem, «piadas» dos próprios colegas, recusas superiores na passagem de mandatos de captura, tudo tem sido feito para travar os investigadores da rede bombista. Eles interrogam-se já se, no caso de as forças de direita vierem a dominar o País, os bombistas presos não virão a ter honras de heróis, enquanto que os seus captores iriam para Caxias. Ao mesmo tempo que isto acontece, crescem os rumores de que alguns dos principais responsáveis estariam em vias de ser libertados, o que a suceder, poderia suscitar um grave escândalo nacional.

Ontem o agente da P. J. do Porto, Júlio Regadas, foi ouvido na Polícia Judiciária Militar, pelo juiz de instrução, dr. Dário Raínho. Tal como o «D. L.» já revelou, este detido, preso no dia 8 de Agosto, juntamente com os industriais Joaquim Torres e Abílio de Oliveira, e com António Carlos Rangel, é tido como um dos responsáveis pela introdução de armas em Portugal, vindas de Espanha, para além de participar em reuniões do M. D. L. P., em Espanha e de ter actuado directamente nas operações bombistas — caso da explosão na Avenida da Liberdade, em Lisboa, no 1.º de Maio, junto à sede do P. C. P. Regadas era, entretanto, já conhecido pela sua actividade de repressão aos antifascistas, nomeadamente na greve dos estudantes de Coimbra, em 1969, e várias colaborações com a P. I. D. E.

Entretanto, e ao contrário do que chegou a ser noticiado, o capitão Ferreira da Silva não abandona as investigações, tendo apenas pedido a substituição no seu cargo específico (delegado no Porto da P. J. M.) «para evitar que a sua situação viesse a ser empolada» e para evitar pressões sobre os investigadores, continuando, no entanto, ligado à investigação da rede.

Confirma-se por outro lado, que muitas das visitas feitas aos detidos têm «furado» os circuitos legais e que estaria aí à origem das «viragens espectaculares» registadas, por exemplo nas declarações de Ramiro Moreira.

Continua também a estranhar-se a recusa do comando da P. S. P. do Porto (continua lá, em funções, o adjunto de Mota Freitas, o major Cerveira) de entregar «as armas encontradas na arrecadação, sem terem sido dadas à carga». Registe-se que as armas encontradas ao Ramiro Moreira, pertenceriam ao citado lote, armazenado na P. S. P. do Porto. Considera-se ainda, nos meios próximos das investigações, que as três carrinhas recentemente encontradas incendiadas no Porto, seriam destinadas a uma operação que visava libertar de Custóias o arguido José Cruz da Silva, elemento da quadrilha do assalto à Standard Eléctrica, ao que se julga também ligada à rede bombista.

Recorde-se que quando a P. J. prendeu os autores do assalto à Standard Eléctrica, ocorrido em Fevereiro, ficou logo na posse de elementos suficientes que permitiriam desmantelar a rede terrorista ou, no mínimo, neutralizá-la, pondo fim aos atentados de vária ordem nomeadamente os que recorreram ao uso de engenhos explosivos de alta ou média potência que vitimaram uma dezena de pessoas e provocaram largos milhares de contos de prejuízos no sector privado e público.

Sabe-se que José Luís, um dos principais autores do assalto à Standard Eléctrica, ao ser preso, esclareceu as autoridades: das ligações ao E. L. P., das pessoas envolvidas nas operações terrorista de que o assalto fazia parte, cujo objectivo principal, para além da obtenção de fundos visava prioritariamente criar a ideia de que as acções eram praticadas por iniciativa da esquerda, já que a Standard Eléctrica é uma empresa multinacional, de controlo estado-unidense.

Logo nessa altura, o José Luís indicou os nomes de alguns indivíduos ligados à rede, indivíduos esses que agora se encontram incriminados e, na sua maioria, detidos à ordem das autoridades judiciais militares, sob acusação dos crimes que o José Luís mencionara e de forma tão peremptória, que não deixou aos inquiridores qualquer margem para dúvidas quanto à autenticidade das afirmações. Isto aconteceu há seis meses, em Março ou Abril. Nessa altura, aquele indivíduo

Continua na pág. 20

Em Agosto havia 420 000 desempregados (CENTRAIS)

Lisboa pode ficar sem carne (PÁG. 8)

32 PÁGINAS

Nkomo provável primeiro-ministro do Zimbabwé

. O primeiro-ministro Ian Smith, cedendo finalmente à exigência do Ocidente para pôr termo ao regime minoritário branco na Rodésia, iniciará conversações na próxima semana sobre a transferência do Poder para os seis milhões de negros do país. Fontes governamentais declararam que Ian Smith agiria com toda a rapidez para pôr em prática um plano anglo-americano que lhe foi apresentado a semana passada pelo secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, para estabelecer um Governo negro dentro de dois anos. «Ian Smith avistar-se-á com dirigentes negros não especificados para preparar a criação de um Conselho Supremo de Estado» — esclareceram essas fontes.

Duas importantes questões continuam sem resposta: qual dos dirigentes nacionalistas negros figurará no Conselho de Estado? Quem decretará o fim da guerra de guerrilha nacionalista? E sem resposta porque a chefia do em tempos unificado Conselho Nacional Africano (C. N. A.) encontra-se agora profundamente dividida entre facções dirigidas por Joshua Nkomo, pelo bispo Abel Muzorewa e pelo reverendo Ndabaningi Sithole.

«Cedi perante Kissinger e Vorster» — explicou Smith — «porque a isolada posição da Rodésia deixou de ser viável em face da crescente hostilidade ocidental.»

. Sabe-se também que as facções lideradas por Nkomo e Muzorewa puseram já uma questão: porque não é encurtado o prazo de dois anos relativo ao ascenso ao Poder de um governo de maioria negra? «Há lacunas e ambiguidades nas propostas de Kissinger» — salientou ainda Joshua Nkomo. (Este dirigente nacionalista, o único que se avistou com Kissinger, parece ter fortes possibilidades, de acordo com certos rumores, de se vir a tornar primeiro-ministro).

Aliás, fontes governamentais declaram que Ian Smith considera-o como o mais aceitável dos dirigentes negros, mesmo apesar de terem fracassado, no começo deste ano, as conversações constitucionais, entre os dois homens. «Nada posso adiantar ainda» — disse Nkomo. «Mas se assim for, o meu país chamar-se-á Zimbabwé.»

O estado em que ficou a Rua das Pretas

VINTE E QUATRO HORAS DE CHUVA TORRENCIAL

• Quatro mortos na estrada
• "Metro" inundado de madrugada
• Quinhentas chamadas no B.S.B.

. Quarenta e quatro acidentes de viação em todo o País, com quatro mortos e 51 feridos, sete dos quais em estado grave, foi em parte o resultado das chuvas torrenciais caídas durante as últimas 24 horas no Continente, com uma precipitação máxima de 56 milímetros em Coimbra e de 1 milímetro em Faro.

Só em Lisboa o Batalhão de Sapadores Bombeiros teve de acorrer a 500 chamadas para remover árvores ou tapar buracos abertos nos pavimentos com a força das enxurradas, recolocar antenas de televisão ou vidros de clarabóias que ameaçavam cair sobre as cabeças dos transeuntes; e transportar ao Hospital de S. José três feridos graves de um acidente registado no Parque Florestal de Monsanto. Até para tirar de apuros um gato enleado nas ramagens de uma árvore na Avenida Elias Garcia a sua presença foi solicitada...

Esta manhã, sempre com chuva abundante a cair, esteve longo tempo interrompido ao trânsito o troço compreendido entre a Rua de S. José e a Avenida da Liberdade. Motivo: pedras e lama trazidas na enxurrada obrigaram a desviar os carros por outro trajecto. Os prejuízos para o comércio na zona são avultados, especialmente na Filmarte, onde a água atingiu cerca de um metro

. Segundo apurou a ANOP, a chuva teve ainda efeitos nefastos na rede do Metropolitano, inundando por completo as estações do Rossio e Restauradores. Não houve, porém, prejuízos materiais expressivos e a circulação encontra-se normalizada.

Entretanto os meteorologistas do Posto Central de Previsão do Tempo prevêem, a partir do dia 27 uma melhoria gradual das condições climatéricas, esperando-se até lá aguaceiros ou períodos de chuva, com céu nublado ou limpo, podendo apresentar-se temporariamente muito nublado junto ao litoral a Norte do Mondego, devido à passagem de um sistema frontal em dissipação.

Nacional

Política de A a Z

A REVOLUÇÃO E A IGREJA

As recentes declaracões, em Paris, do Cardeal-Patriarca de Lisboa devem ter decepcionado uma «direita» incorrigível que não desistiu de utilizar a influência da Igreja Católica em extensas e populosas zonas do Centro e do Norte contra a Democracia e o Socialismo. Mas registe-se que é D. António Ribeiro que o reconhece e sem reticências o declara: «A revolução não afectou a Igreja. Provocou o acordar da consciência cristã e deu um significado à liberdade. Houve um renascimento nas comunidades e organizações cristãs existentes.» Referindo-se às relações entre o Estado e a Igreja, D. António Ribeiro afirmou: «As relações são normais.» Esta normalidade não agrada aos «reaccionários» que tiveram sempre a tendência para utilizar a Igreja como cobertura dos seus interesses egoistas, mas é uma das condições da institucionalização da vida democrática e da marcha para o socialismo. A participação de católicos, e até de sacerdotes, na vida política democrática e mesmo em movimento de «esquerda» de tendência radical, garante, por outro lado, uma renovação da presença da Igreja no processo de transformação da sociedade portuguesa. Entre as vítimas da Revolução portuguesa, na luta sem tréguas que a reacção terrorista lhe move, contam-se cristãos. Recordemos só, como exemplo dramático, o crime de que foi vítima o Padre Maximino.

O CRIME E OS QUE PROTEGEM OS CRIMINOSOS

O assassínio do Padre Maximino, e os outros crimes praticados pelos terroristas reaccionários, pró-fascistas, não pode deixar indiferentes as autoridades, os responsáveis políticos, o Governo, o Primeiro-Ministro, o Presidente da República. Não se trata só, o que já seria determinante, de uma questão de segurança de pessoas e bens que às autoridades civis e militares cumpre assegurar; trata-se de uma questão de coerência e de honra. Estamos perante um desafio à «ordem democrática» e estamos perante um escândalo de falta de vigilância, de ineficiência e de cumplicidades. A análise dos jornalistas, as interpretações e as denúncias dos órgãos da Imprensa não fascista, foram ultimamente reforçadas por declarações do coronel Ramos, director da Polícia Judiciária Militar. O Governo não poderá deixar de dar a essas declarações a importância e a gravidade que realmente revestem: «Há uma manobra intimidativa evidente, não só no noticiário que muitos jornais ultimamente têm publicado como, até, nalgumas acções concretas». E o coronel Ramos citou as pressões, ameaças e intrigas de que vem sendo objecto o capitão Ferreira da Silva. A própria casa dos pais do capitão Ferreira da Silva teria sido assaltada por indivíduos que não se interessaram pelos valores nela existentes, mas que a devassaram à procura de alguma coisa ou para infundir pânico. Bem sabemos que, nas declarações a que estamos a fazer referência, o coronel Ramos, director da Polícia Judiciária Militar, afirmou:

. «Estamos firmemente decididos a avançar com o desmantelamento da rede terrorista detectada no Norte do País, como levaremos até ao fim quaisquer outras investigações relacionadas ou não com redes bombistas. Estamos determinados e nada, nem ninguém, nos fará parar.» Assim seja. Mas nós sabemos, também, que aos investigadores militares e civis faltam meios e estímulos. Situação para a qual é lícito chamar a atenção do Governo e da opinião pública.

OS PRETEXTOS E A REALIDADE

Os pretextos ideológicos, ou psicológicos, do «gonçalvismo» e do «anticomunismo», não poderão continuar a ser invocados, com um mínimo de legitimidade e de seriedade, para justificar a liberdade de acção que se consentiu aos bombistas nortenhos e não só. Os «casos» de Monsanto e da Standard Eléctrica, pelo menos, forneceram indicações claras velhas de muitos meses. Como se justificam as lentidões da actuação das autoridades civis e militares? Como se explica a indiferença perante actividades subversivas e criminosas de nítido cariz antidemocrático? O Governo constitucional, apesar das pressões e das talentosas manobras dos advogados dos terroristas e dos seus financiadores e orientadores, não poderá eximir-se à responsabilidade de defender a «ordem democrática». Os pretextos ideológicos não poderão deter a acção da Justiça. Portugal não é uma selva e o Norte não é um território feudal. Nem a reacção conservadora, nem a Igreja, nem as esferas militares, estarão interessadas em que fique confundida a opinião conservadora legítima e os caceteiros, activistas e terroristas que não hesitam perante métodos e meios. A Democracia deverá fundamentar-se num diálogo efectivo entre correntes de opinião. Os bombistas de S. Martinho do Campo, os expedicionários terroristas que vieram, a mandado e pagos, fazer destruições na área de Lisboa, os assassinos do Padre Maximino, não pretenderam dialogar. Quiseram amordaçar-nos pela violência e pelo terror. Hoje, pretendem impedir a verdade e a referência aos seus crimes por meio da chantagem e da ameaça. Não estamos dispostos a aceitar o ultimato do silêncio.

Ao Governo cabe a defesa da «ordem democrática». Ao Governo cabe providenciar para que vá até ao fim o desmantelamento das redes terroristas.

AFIRMOU MÁRIO SOARES

Relações com Angola a caminho da normalização

. O Primeiro-Ministro Mário Soares que, com já anunciámos, esteve ontem reunido com o Presidente da República, em Belém revelou que se espera para muito brevemente a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros de Portugal e de Angola. Sem especificar qualquer data ou local, o dr. Mário Soares declarou que era portador duma carta do Presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto, que iria mostrar a Ramalho Eanes e que o deixava esperançado quanto à evolução futura das relações entre os dois países.

À sua entrada para o Palácio de Belém, Mário Soares abordou, a pedido dos jornalistas, o problema do saneamento do reitor da Universidade de Coimbra, prof. Teixeira Ribeiro, tendo afirmado que os protestos que se vêm ouvindo, «se são todos do mesmo lado não tem significado», acrescentando ainda que não tinha as mesmas informações que os jornalistas no que respeita aos protestos unânimes que se têm verificado por parte dos Conselhos Directivos das Faculdades.

Finalmente, Mário Soares comentou o galardão que lhe foi atribuido pela Liga Internacional dos Direitos do Homem tendo afirmado a propósito: «É uma distinção que me honra muito, mas que eu recebo não por mim, mas pelo meu Partido, e no fundo, por todos aqueles que em Portugal lutaram pela Democracia e pela liberdade».

SOARES VAI AMANHÃ A VISEU

O Primeiro-Ministro desloca-se amanhã a Viseu em visita oficial. A propósito desta viagem a comissão administrativa do Município local divulgou um comunicado convidando a população a concentrar-se na Praça da República (Rossio) antes das 17.30, hora de chegada do dr. Mário Soares.

SARMENTO PIMENTEL EM S. BENTO

Foi recebido ontem de manhã pelo dr. Mário Soares o capitão Sarmento Pimentel, oposicionista que o regime de Salazar forçou ao exílio em terra brasileira.

Sarmento Pimentel, que só depois do 25 de Abril pôde regressar a Portugal, continua, porém, radicado no Brasil por motivos familiares. Esta sua nova viagem a Lisboa prende-se com as comemorações do 5 de Outubro, para que foi oficialmente convidado.

M.E.S. reúne-se no Porto para discutir congresso dos G.D.U.P.'s

PORTO, 25 — Reúne-se no Porto, na Faculdade de Engenharia, o Comité Central do Movimento de Esquerda Socialista, alargado aos membros das Direcções Regionais e Secretariados de Núcleo daquele partido, bem como a alguns militantes empenhados nos trabalhos dos GDUP's.

Esta reunião do CC do MES assume especial importância depois do Encontro Distrital dos GDUP's de Lisboa e da eleição da sua direcção, realizada no último fim-de-semana.

A reunião do CC do MES, que tem como ordem de trabalhos a análise do que tem sido a actividade dos GDUP's, depois da campanha eleitoral para a Presidência da República, deverá também estudar os problemas relacionados com o próximo Congresso dos GDUP's, que foi adiado pela CNPUP para a terceira semana de Outubro.

Neste campo é ainda provável que venha a ser discutida a forma como têm decorrido os trabalhos preparatórios do Congresso, nomeadamente o recenseamento dos activistas empenhados na luta pela unidade popular e a participação democrática e alargada de todos os militantes, com ou sem filiação partidária, na discussão das teses a enviar ao Congresso. Estes pontos e ainda a necessidade de o Congresso vir a ser, não um comício, mas uma reunião de trabalho onde a discussão seja possível e onde os delegados sejam portadores de mandato específico das bases, constituem questões básicas definidas pelo MES como forma de impedir quaisquer tentativas de manipulação no processo de constituição do Movimento de Unidade Popular.

C.D.S. e P.P.D. preparam estratégia eleitoral no Norte

. PORTO, 25 — As comissões políticas do C.D.S e do P.P.D. reuniram-se separadamente esta tarde no Porto, com vista a traçar a estratégia para as próximas eleições para as autarquias locais. A reunião do primeiro daqueles partidos efectuou-se no Instituto Democracia e Liberdade e teve a presidi-la o prof. Freitas do Amaral; a do P. P. D. teve lugar na sua sede, na Praça de Carlos Alberto, e nela participaram deputados, presidentes e vice-presidentes de todas as comissões concelhias e das comissões coordenadoras da cidade.

À noite, e no mesmo local, haverá uma assembleia distrital para análise da situação política a nível nacional.

P.S. e P.P.D. preparam congressos

. Ao contrário do que chegou a correr, não se realiza na Figueira da Foz mas em Lisboa o próximo Congresso do PS, com data marcada para os dias 30 e 31 de Outubro e 1 de Novembro. A decisão de realizar o Congresso na capital deve-se à impossibilidade de obter, na Figueira da Foz como em qualquer lugar da província, alojamento para cerca de duas mil pessoas — tantas quantas se prevê venham a participar ou a assistir aos trabalhos.

Uma vez decidido que será em Lisboa que o Congresso se realize, não se sabe porém exactamente onde os trabalhos terão lugar. Se o PS não encontrar melhores instalações, admite-se como provável que seja de novo a Universidade de Lisboa, onde já se realizou o I Congresso em Dezembro de 1974.

Entretanto, conhece-se já a data para o também II Congresso da JS, organização da Juventude do Partido: é nos dias 12, 13 e 14 de Dezembro. Também para este Congresso, os trabalhos preparatórios já começaram.

ALTERAÇÕES NO PPD

O Conselho Nacional do PPD vai reunir nos próximos dias 2 e 3 de Outubro em Cascais, no Hotel Estoril-Sol.

Da reunião poderão resultar sensíveis alterações na estrutura de cúpula partidária — segundo uma informação difundida pelo semanário «Expresso» na sua edição de ontem.

De acordo com esta fonte, poderá confirmar-se aquilo que já há algum tempo se vem prevendo — e a que oportunamente o «DL» também se referiu: Francisco Sá Carneiro passará a presidente do partido, correspondendo esta alteração ao que se julga ser uma exigência das próprias estruturas internas da organização.

Passando Sá Carneiro a presidente, ainda segundo a fonte a que nos reportamos, haverá dois vice-presidentes, um secretário-geral e quatro secretários nacionais. O «Expresso» aponta nomes, desde já: Figueiredo Dias, Sousa Franco (vice-presidentes), Magalhães Mota (secretário-geral), Barbosa de Melo, Rui Machete, Sérvulo Correia e Helena Roseta (secretários-nacionais).

Em tempo: também o PPD vai realizar o seu II Congresso muito brevemente: em Leiria, e a 30 e 31 de Outubro, ou seja, ao mesmo tempo que o PS.

Coincidência ou não, igualmente a organização de juventude do partido, a JSD, vai realizar o seu II Congresso provavelmente ao mesmo tempo que a J.S., meados de Dezembro.

Autoridade nacional de segurança

. Um despacho do general Ramalho Eanes, na sua qualidade de Chefe do EMGFA, publicado hoje no «Diário da República» nomeia autoridade nacional de segurança o general do Exército Henrique de Olibeira Rodrigues.

O general Oliveira Rodrigues substitui o general Melo Egídio, entretanto nomeado vice-chefe do EME.

post-scriptum

Bacalhau só para burgueses

..Diz o eng.º Pedro Coelho que o bacalhau irá ser um artigo de luxo. E eu pergunto se já não o é, quando ele é vendido descaradamente a 140 e 150 escudos o quilo, como vem acontecendo em supermercados de Gaia, e do que já dei conhecimento à fiscalização.

Mas, os tais supermercados, talvez não satisfeitos com esta desenfreada especulação, já têm vendido bacalhau demolhado a 150$00 o quilo.

Neste ponto, apetece-me perguntar: que faz a fiscalização perante estes casos?

. Se são funcionários pagos pelo povo e não pelos comerciantes desonestos, é urgente que se tomem medidas efectivas para a defesa do público consumidor. É mais que tempo de pôr na ordem esses desenfreados especuladores...

Um leitor de Gaia, devidamente identificado

Assistência: vamos de mal a pior...

Sou beneficiário da Caixa de Previdência do Comércio com o n.º 009636870 e nessa condição dirigi-me ao posto clínico n.º 9, na Avenida da Igreja, a fim de marcar consulta para um médico estomatologista.

A funcionária que ali me atendeu começou por me cobrar a importância de cinco escudos por troca de uma senha, e em seguida informou-me não ter aquele posto médico aquela especialidade e assim aconselhou-me a dirigir-me ao posto n.º 66, na Alameda das Linhas Torres, n.º 243.

Desloquei-me ao posto indicado, e qual não foi o meu espanto quando, após explicar a uma funcionária as razões que ali me levavam, esta me informou não estarem a aceitar marcações para aquela especialidade clínica e que, assim, só para meados do próximo mês poderia marcar-me a referida consulta. Voltei ao posto n.º 9, para explicar o que se estava a passar, e a funcionária disse-me que só na Avenida dos Estados Unidos da América, lote 77, me poderiam resolver o assunto. Para ali me desloquei e mais uma vez expliquei os motivos que ali me levavam. Informaram-me então que não poderiam resolver o problema, dado que, tanto nos vários postos clínicos, como inclusivamente nos hospitais, as marcações para as consultas das várias especialidades, estavam superlotadas.

Que fazer? perguntei. Foi-me respondido que a solução era ir consultar um especialista particular, pagar a consulta e apresentar o recibo na Caixa. Mas como, se a Caixa demora meses sem fim a reembolsar?...

Até quando se manterão situações como esta? AFinal andamos de mal a pior...

E ainda há quem fale em aumentar os descontos para a Previdência...

De um leitor devidamente identificado

Promoções

Ainda no passado dia 22 na secção «Tome Nota», li — e tomei nota — da estranha situação do comandante Silva Horta, passado à reserva em 25 de Março e «reactivado» depois de 25 de Novembro. Hoje, a confirmação corrigida e aumentada: promoção a contra-almirante!

. Tanto na Armada como cá fora são conhecidas as conotações spinolistas deste oficial, proposto para contra-almirante pelo mesmo chefe de Estado-Maior da Armada que afastou Leonel Cardoso. Pergunto: a Armada teve de aguardar a chegada da Democracia para ter um «dono»?

. E o Conselho da Revolução, teoricamente sempre tão preocupado com a recuperação da direita, a nível sócio-político, sanciona estas investidas da mesma direita, a nível militar. Depois apelam para o Povo trabalhador, apoiar a Democracia, etc. Ora como pode o Povo acreditar naqueles que afastam os seus defensores, enquanto promovem, escandalosamente, outros?

Manuel da Silva — LISBOA

Ainda o filme «Trás-os-Montes»

O meu obrigado pelo apoio que deram a «Trás-os-Montes», de António Reis e Margarida Cordeiro, história de amor a uma terra e a um povo que tão esquecidos continuam do Poder central.

Pena é que o filme tenha entretanto saído do cinema que o exibia. Os jornais, sim, forçaram a sua propaganda, como competia neste caso de cultura — mas o exibidor em que pensava?

Diamantino Ferreira da Silva
— LISBOA

SUBMARINOS E SEGURANÇA NACIONAL

JOSÉ MATO

1. Faz este mês três anos que foi editado em Roma («Portugal Socialista», via Giulio Romano, 46 I — 00 196 Roma — Itália) a Declaração de Princípios e Programa do Partido Socialista.

Trata-se de um documento valioso, sob diversos pontos de vista, para além do histórico, e que bem merece ser conhecido de todos os militantes do PS, em especial do senhor ministro dos Negócios Estrangeiros, pelo que adiante se verá.

2. O dr. Medeiros Ferreira publicou no n.º 1 da revista «Nação e Defesa» (edição do GEP do Estado-Maior do Exército — Julho de 1976) um naco de prosa que envergonha qualquer socialista e que o devia envergonhar a ele próprio. (Abra-se um rápido parêntesis para afirmar que todo o conteúdo desta novel revista merece ser objecto de profunda meditação e daqui nos atrevemos a pedir a atenção do general CEME para ela).

Diz o dr. Medeiros Ferreira, entre outras enormidades, que «Portugal é um país pequeno e como país pequeno não pode contar com o factor espaço para conter um qualquer inimigo. Portugal como pequeno país terá pois que defender as suas fronteiras muito longe delas. Assim a nossa integração na OTAN corresponde, para além das circunstâncias, a essa visão estratégica. A defesa da nossa fronteira terrestre começa na fronteira com a Alemanha Oriental e o Pacto do Atlântico garante-nos ainda a segurança, o acesso e a articulação com os Açores e a Madeira».

«A nossa posição leva-nos a privilegiar particularmente a defesa da zona ocidental e atlântica. Daí que se deva encarar com prioridade a criação de uma «Brigada OTAN«. A origem do armamento dessa «extensão OTAN» será aquela que permitirá a manutenção das características de «standardização» preconizada na Aliança Atlântica».

O dr. Medeiros Ferreira defende, portanto, o reforço da nossa dependência face à NATO. Aliás, isto mesmo aparece confirmado no programa do actual Governo, na parte que diz respeito à política externa, onde se afirma textualmente que «somos membros da OTAN, e assim entendemos continuar. Neste sentido se irão intensificar os contactos, quer a nível político quer a nível militar, com vista à execução dos compromissos decorrentes da Aliança».

3. Vão longe os tempos de Roma.

Com efeito, há três anos, naquele programa do PS afirmava-se com clareza (pág. 54) «O Partido Socialista opõe-se radicalmente à política militarista do fascismo, caracterizada pela voluntária interdependência entre o poder político e o poder militar e pela subordinação da defesa dita nacional aos desígnios do imperialismo, instrumentado pela NATO» e, mais à frente (pág. 61), garante-se formalmente que «serão tomadas medidas para uma desvinculação dos país relativamente aos compromissos militares com o Pacto do Atlântico. Em consequência, tomar-se-ão as iniciativas diplomáticas e políticas julgadas necessárias com vista à retirada total das forças estrangeiras do território português, bem como à desactivação das bases e órgãos militares ocupados pelas referidas forças. O PS considera que compete exclusivamente ao Governo português decidir do destino a dar às instalações desocupadas».

Hoje, que dizem a isto os socialistas?

. 4. E que dirá a isto o dr. Medeiros Ferreira?

. É capaz de dizer que aquele programa se encontra ultrapassado pelo que actualmente vigora e que foi aprovado no últi[illegible]mo congresso do [illegible], não diga. Porque [illegible] se estabelece que «A [illegible] de independência nacional [illegible] fendida pelos socialistas portugueses pressupõe uma luta constante pela abolição dos dois blocos militares, pelo fim de condomínio maior soviето-americano e pela edificação de um sistema de segurança colectiva que favoreça a paz na Europa (mas que não seja conseguida à custa da mutilação da soberania de cada Estado). Nesse sentido, pensa o PS que o desarmamento internacional completo é um objectivo pelo qual é necessário lutar permanentemente».

5. E, portanto, certo e sabido que o dr. Medeiros Ferreira discorda publica e frontalmente do Programa do Partido Socialista. Tal como é evidente que a política de independência nacional que defende não é a mesma que se diz ser defendida pelos socialistas. O que é grave num destacado membro do PS. O que é inadmissível se tal membro for o ministro dos Negócios Estrangeiros de um governo partidário e homogéneo.

6. Ah! — Quem mais, no PS, está com o dr. Medeiros Ferreira e com as suas posições?

A HISTÓRIA DO I.P.I.

CALUNIAS CONTRA A INFORMAÇÃO DOS NÃO-ALINHADOS

PHIL KELLY

. LONDRES (IPS) — O coro de críticas da Imprensa ocidental à «pool» das agencias noticiosas dos países não-alinhados foi orquestrada pelo Instituto Internacional de Imprensa (IPI) com sede em Zurique.

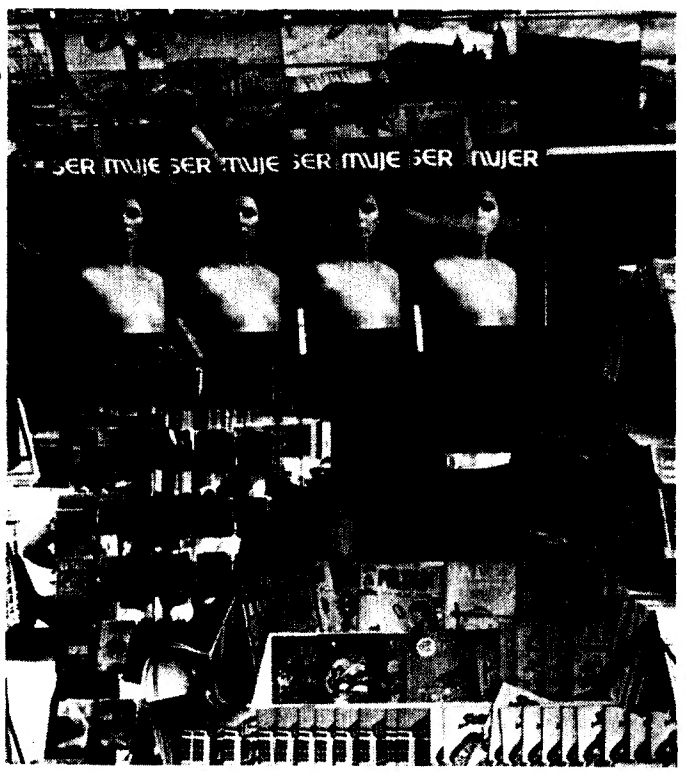
Durante cerca de 30 anos, o IPI defendeu e promoveu as ideias ocidentais acerca da informação e do jornalismo. Para esta campanha, o IPI, recebeu o apoio de proprietários e editores dos jornais mais importantes do Ocidente e da Agência Central de Informações (CIA).

O IPI foi fundado em 1948. A ideia da sua criação foi dum norte-americano, Lester Markel, na altura director do «New York Times». O organismo foi criado segundo o modelo do Instituto Americano de Imprensa (AMI), mas nem esta associação quis, a princípio, apoiá-lo.

Foi detrás da fundação do IPI, no final da segunda guerra mundial, estão obviamente motivos políticos. Por essa altura, muitos países exprimiam preocupação especial por que as ideias de tipo fascista e racista, que se encontravam entre as causas da guerra, nunca mais voltassem a difundir-se no mundo.

Os países socialistas, com o apoio de numerosas nações do Terceiro Mundo, propuseram na ONU que uma organização educacional, científica e cultural (UNESCO) tomasse a seu cargo a tarefa de distribuir informação por todo o mundo. Também propuseram que essa organização assumisse a responsabilidade de lutar contra o racismo e o imperialismo através dos meios de comunicação de massa. Mas a iniciativa foi atacada pelos países ocidentais em nome da «liberdade de Informação».

Como as nações ocidentais controlavam então as Nações Unidas, a proposta nunca foi avante. Mas tornava-se claro que a Imprensa ocidental iria ser objecto de críticas frequentes devido às suas posições pró-imperialistas. Foi então que Markel requereu o apoio dos jornais americanos mais importantes e das grandes agências desse país (como a AP e a UPI) para fundar o IPI, com vista a fornecer uam cobertura «ideológica» a essa imprensa opondo-se às exigências do Terceiro Mundo e dos países socialistas para que os meios de comunicação de massa se comprometessem na luta contra o racismo e o imperialismo.



Para os dirigentes das agências de informação ocidentais liberdade de «informação» significa sobretudo a possibilidade de venderem o seu material sem interferência dos governos. A distribuição de discos, revistas, jornais e outras publicações é mais um dos meios de infiltração imperialista e manipulação da pinião pública.

A liberdade de informação significa diferentes coisas para os diferentes povos. Para os dirigentes das agências de notícias ocidentais, significa, sbretudo, a possibilidade de venderem o seu material onde quer que o desejem sem interferência dos governos. Nos anos 40, os planos da UNESCO foram encarados como uma tentativa de controlo csobre os meios internacionais de Informação, semelhante à atitude dos governos dos países socialistas que silenciaram a Imprensa oposicionista ao começar a guerra fria.

Markel deparou também com a oposição quando procurou vender o IPI aos proprietários e editores de diários ingleses. Estes não viam a necessidade de apoiar Markel e estavam seguros de que o Império britânico — a Commonwealth, como começava a ser chamada — deveria para sempre, e que, portanto, os diários da Comunidade seriam sempre uma reprodução mais ou menos fiel dos que se editavam na Fleet Street, a rua de Londres onde quase todos têm a sua sede.

A campanha para modificar esta atitude foi conduzida em Londres pelo então director da Reuter, sir Alexander Chancellor, que se apercebeu daquilo que os seus compatriotas não tinham entendido: a utilidade do IPI na elaboração e difusão de uma ideologia que poderia vir em apoio da dura realidade económica da venda de notícias no Mundo. Chanceller prometeu a Markel fazer modificar a situação e conseguiu o apoio britânico para o IPI.

No entanto, nunca o IPI conseguiu das empresas jornalísticas apoio financeiro suficiente para levar a cabo as actividades que gostaria de ter desenvolvido. Os fundos maciços vieram-lhe sobretudo dos EUA, de fundações como a Ford e a Rockefeller.

Continua na pág. 4

Geral

Comissão de Agricultura do P.S.

Intenções da C.A.P. postas a claro

«Tais afirmações que primaram pela demagogia da linguagem utilizada, se por um lado devem merecer repúdio pela baixeza dos ataques dirigidos ao ministro Lopes Cardoso, servem por outro lado para pôr bem a claro as verdadeiras intenções das forças que se acobertam na CAP e a manipulam», sublinha a comissão de agricultura do Partido Socialista num comunicado enviado à nossa Redacção, comentando as afirmações produzidas pela CAP na recente conferência de imprensa, em Rio Maior.

«Deixando cair a máscara — prossegue o comunicado do P.S. — mostraram que, como objectivo a atingir, pretendem fazer cessar toda e qualquer forma de alteração das estruturas da propriedade agrícola e das relações da produção e conseguir o afastamento do ministro Lopes Cardoso a quem implicitamente acabam por reconhecer a capacidade de efectuar as correcções dos desvios cometidos e de levar por diante a Reforma Agrária justa e humana que o Partido Socialista sempre defendeu.»

«Parecem já não lembrar — diz o P.S. — que num período em que essas forças preferiam a comodidade do silêncio, quando os socialistas eram atacados nas estradas e nas ruas, era Lopes Cardoso quem pública e corajosamente denunciava na Fonte Luminosa os atropelos cometidos.

E ainda, muito recentemente, mais uma vez declarou que a Reforma Agrária se poderia e tem de fazer sem ocupações, aplicando exclusivamente os mecanismos legais. Evidentemente que não era de esperar outra reacção de tal organização.

O comunicado conclui frisando:

«Mas é preciso que estes senhores tenham consciencia que as suas manobras não passam já despercebidas a ninguém e muito menos aos milhares de trabalhadores agrícolas e agricultores, os principais interessados no processo da Reforma Agrária.

E se alguns se deixaram impressionar pelos presságios pessimistas da CAP, daqui os alertamos para manobras das quais viriam a ser as primeiras vítimas.»

A história do I.P.I.

Continuação da pág. 3

Nos Anos 60 os fundos começaram a chegar doutras paragens. O IPI começou a ter um papel preponderante na difusão das ideias ocidentais pelo Terceiro Mundo. Entre outras coisas pôs-se em marcha um programa para jornalistas africanos no Quénia e na Nigéria, enquanto se desenvolviam intensas actividades em Ceilão — agora Sri Lanka — Índia, Japão e Vietname do Sul.

O programa asiático do IPI era inteiramente financiado pela Fundação Ásia, uma das organizações utilizadas pela CIA para executar projectos especiais. A Fundação Ásia, praticamente controlada pela CIA, nasceu em 1951, sob a designação da «Comissão para uma Ásia Livre», tendo sido decalcada doutra «Comissão» igualmente controlada pela CIA — a «Comissão por uma Europa Livre».

Muitos dos membros da direcção da Fundação Ásia passaram pelas divisões de espionagem e acção psicológica do exército norte-americano e alguns deles lutaram com Chang K ai Chek contra a revolução chinesa.

O objectivo da Fundação Ásia era expressamente o de lutar contra o comunismo na Ásia, o IPI tem sido um desejável aliado dessa Fundação.

Os seminários e programas de ensino no Terceiro Mundo, organizados de colaboração com os proprietários de jornais nesses países, deram a conhecer aos jornalistas locais as técnicas de produção dos diários, e ao mesmo tempo, persuadiram-nos a aceitar as ideias da «liberdade de imprensa», que acompanhava as lições técnicas. Inculcava-se aos jornalistas a ideia de que eles podiam e deviam manter-se alheios aos conflitos dos seus próprios países e do mundo.

Segundo o IPI, depois de seguirem os seus cursos, os jornalistas africanos deviam pôr de lado os materiais da Tass e voltar à Reuter não porque esta fosse pró-ocidental, mas porque é «objectiva».

O programa asiático — afirma também o IPI — «conseguiu quebrar a resistência em relação às fontes estrangeiras de consulta», graças ao profissionalismo dos mestres. Um dos mestros é agora director do «Sunday Times» de Londres e o seu periódico é um dos muitos que têm lançado ataques enérgicos contra a natureza e os objectivos da «pool» de agências noticiosas dos países não-alinhados.

O IPI publica todos os anos uma lista dos países onde a Imprensa é livre. Um exemplo dos critérios utilizados é o da África do Sul, onde nenhum negro pode editar um diário nacional, mas que, segundo o IPI, tem «Imprensa livre» como a de nenhum outro país africano.

O IPI está agora com problemas financeiros. Tão graves que prevê a sua mudança para Londres, cidade mais barata que Zurique, devido à queda da libra esterlina.

Mas o IPI continuará a ser aquilo que sempre foi: um instrumento dos proprietários de periódicos ocidentais para proteger os seus privilégios contra o Terceiro Mundo.

PUB.

COMUNICADO

AOS TRABALHADORES DO SECTOR GROSSISTAS TÊXTEIS

MOÇÃO

Os trabalhadores ao serviço de empresas do sector grossista têxteis, reunidos em plenário nas instalações do INATEL, no dia 21/9/76, decidiram o seguinte, face à recusa do patronato em concluir o seu primeiro contrato colectivo de trabalho que já se arrasta desde Setembro de 1975:

1 — Que a comissão de negociação convoque o patronato para o reinício das negociações na próxima sexta-feira, dia 24/9/76, no Ministério do Trabalho ou noutro local que eles indiquem.
2 — Que esta negociação termine na próxima segunda-feira, dia 27/9/76.
3 — Que na próxima terça-feira, dia 28/9/76 se faça novo plenário geral de trabalhadores deste sector para serem informados do resultado dessas negociações.
4 — No caso do patronato não cumprir esta decisão ou não comparecer às negociações os trabalhadores responsabilizam desde já o patronato por todas as consequências que poderão advir desta sua falta.
5 — Estarem dispostos a no seu próximo plenário de terça-feira, enveredar por todas as formas de luta ao seu alcance incluindo a mais radical que será a greve.
6 — Dar conhecimento desta decisão a todos os sindicatos intervenientes neste CCT, à Imprensa, ao Presidente da República, ao Primeiro-Ministro, ao Ministério do Trabalho, ao Conselho da Revolução e à Assembleia da República.

Aprovada por unanimidade e aclamação.

Os Sindicatos:

Comércio
Escritórios
Técnicos de Vendas
Armazéns
Contínuos e Porteiros.

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

ANÚNCIO

«Está aberto concurso, até 28 de Outubro de 1976, para soldados aprendizes de música na Banda de Música da Guarda Nacional Republicana.

No Comando-Geral — 1.ª Repartição, Largo do Carmo, em Lisboa ou em qualquer Quartel da Corporação, serão prestados os esclarecimentos necessários.»

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES da Grande Lisboa

ASSEMBLEIAS DE DELEGADOS

ENSINO PRIMÁRIO

Convocam-se todos os Delegados Sindicais do Ensino Primário para uma Assembleia de Delegados Extraordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Informações
2 — Diferenciação de quadros
3 — Profissionalização

Chamamos a atenção dos colegas para a importância desta O. T., para a dinamização da vida sindical em relação à qual os Delegados Sindicais têm um papel fundamental.

DIA — 2.ª feira, dia 27/9
HORA — 15 horas
LOCAL — Sala de Conferências da Reitoria da Universidade de Lisboa.

C. P. E. S. E ENSINO SECUNDÁRIO

Convocam-se os Delegados Sindicais do Sector CPES/ES para uma Assembleia de Delegados Extraordinária a realizar na **2.ª feira, dia 27 de Setembro, pelas 17 horas, na Rua do Alecrim, 46, 1.º em Lisboa**, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Colocações e Plano de Profissionalização.

PELA DIRECÇÃO SINDICAL

PUB

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE LOURES

CÂMARA MUNICIPAL

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se os senhores consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 26 (Domingo) das 8 às 14 horas nas seguintes localidades:

Toda a zona de Odivelas - Pombais - Ramada

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 22 DE SETEMBRO DE 1976.

O Engenheiro Director-Delegado

Casimiro Martins Neves Cabaço

PUB

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO

SECRETARIA

PRECISA-SE:

ENGENHEIRO CIVIL

Prestam-se informações nos Serviços de Gestão de Recursos Humanos, nos dias úteis, durante as horas normais de expediente.

Almada, 21 de Setembro de 1976

O Presidente do Conselho de Administração

José Manuel da Costa Morgado

PUB

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE SETÚBAL

ADMISSÃO DE PESSOAL

Admitem-se para Gabinete de Projectos e Obras:

— Arquitecto de 1.ª classe
— Engenheiro civil de 1.ª classe
— Engenheiros Técnicos

Prestam-se informações no Serviço de Pessoal.

Setúbal, 21 de Setembro de 1976

O VICE-PRESIDENTE
DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA
Francisco Leonel Rodrigues Lobo

Nacional

DEMISSÃO DE TEIXEIRA RIBEIRO

Direcção-Geral da A.A.C. repudia qualquer tentativa de substituição

«Repudiar qualquer tentativa de substituição do Reitor que ignore os órgãos representativos das Escolas e da Academia» é a posição assumida pela Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra a propósito da exoneração do prof. Teixeira Ribeiro.

Apoiando os conselhos directivos de todas as Faculdades da Universidade de Coimbra, os representantes dos estudantes lembram que, quando concorreram às eleições que os levaram à referida Direcção-Geral, se inscrevia no seu programa « a eleição do reitor por parte da Academia, docentes, discentes e funcionários. Confirmando e defendendo essa posição», sublinha o comunicado da Direcção-Geral da AAC, «constata-se que a nomeação do reitor tem competido ao MEIC, sendo, na prática, um lugar de confiança desse Ministério. Nessa medida, e defendendo também a independência do movimento associativo, reserva-se o direito de analisar e criticar as eventuais decisões do Ministério».

Entretanto, na Universidade de Coimbra efectuou-se ainda ontem uma reunião geral da Direcção da Academia, durante a qual a questão foi analisada.

REPÚDIO DA UEC

A demissão do prof. Teixeira Ribeiro do cargo de reitor da Universidade de Coimbra, mais uma das decisões do ministro Sottomayor Cardia que, desde a sua tomada de posse como titular da pasta da Educação, tem tido a preocupação de afastar responsáveis por alguns sectores do ensino antes de começarem as aulas, está a causar viva polémica.

A Comissão Executiva da Comissão Central da UEC, por exemplo, «manifesta o seu mais vivo repúdio por mais esta medida antidemocrática e reaccionária do MEIC, profundamente lesiva dos interesses da Academia de Coimbra, que via no prof. Teixeira Ribeiro a figura de democrata e antifascista consequente e de intransigente defensor das transformações democráticas já operadas na Universidade de Coimbra, e denuncia mais este saneamento à esquerda que bem caracteriza as intenções políticas do dr. Cardia».

A UEC alerta ainda os estudantes «para o total desrespeito do sr. ministro Cardia face à autonomia da Universidade quando toma uma medida desta importância, contrariando a vontade da esmagadora maioria da população universitária». Responsabiliza ainda «o MEIC e a sua política bem ilustrativa dos «princípios democráticos e pluralistas» por todo o clima de desestabilização que se possa vir a gerar em Coimbra».

Também a Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas manifesta «o seu mais veemente repúdio pela demissão do prof. Teixeira Ribeiro e desde já se compromete a apoiar activamente a luta que a Universidade de Coimbra vier a travar pelo seu não afastamento».

RESPOSTAS PREOCUPANTES

A Associação dos Estudantes do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (AEISCSP) avistou-se entretanto com o ministro Cardia para lhe expor problemas relacionados com a actividade estudantil.

Prof. Teixeira Ribeiro

«O balanço das respostas que foram dadas a estas questões é particularmente preocupante» — afirma aquela Associação num comunicado. Diz não poder deixar de «manifestar a sua mais profunda preocupação em relação a uma política que parece norteada pelo objectivo de anular tudo o que de progressista foi conseguido no campo do ensino após o 25 de Abril».

«A insistir numa política como a que tem vindo a aplicar — conclui, — o ministro Cardia continuará a contar com os aplusos da «CAP dos Pais» e de outras forças que pretendem reinstaurar a ordem fascista nas escolas; mas encontrará pela frente a resistência de todos aquelas que lutam por um ensino ao serviço do povo trabalhador numa sociedade que encarne o projecto político e social da Constituição — a democracia a caminho do socialismo».

Criada uma comissão interministerial para reestruturação da Imprensa

Realizou-se ontem uma reunião de trabalho entre o subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro, e os administradores e directores da Imprensa estatizada.

Entre os assuntos discutidos acertou-se a hora de saída dos jornais, com vista a permitir o início da fase experimental da distribuição conjunta dos jornais estatizados. No próximo dia 1 começará a distribuição dos matutinos de Lisboa, no dia 1 de Novembro, a dos matutinos do Porto e a 1 de Dezembro a dos vespertinos lisboetas.

Nesta reunião já participaram os novos administradores do «Diário de Notícias», eng. Moreira do Amaral e capitão-de-fragata Correia Raposo, enquanto que o administrador de «O Século» ali esteve pela última vez, dado que o seu pedido de exoneração foi aceite.

O subsecretário de Estado leu ainda um despacho (que deverá ser assinado pelo Primeiro-Ministro) criando uma Comissão Interministerial de Imprensa. Esta Comissão deverá traçar «a situação previsível em 1977 para as empresas públicas» (bem como para o «DL» e jornalistas do «Jornal do Comércio», cujo problema está ainda por resolver), indicando as alternativas possíveis.

Esta Comissão é composta por representantes dos Ministérios das Finanças, Plano e Coordenação Económica, Trabalho e Indústria e Tecnologia, e Secretaria de Estado da Comunicação Social, e bem assim por dois representantes das administrações de jornais estatizados.

Espera-se que o diploma saído do despacho comece a receber as assinaturas dos respectivos ministros a partir de 22 de Novembro.

Esta Comissão tem amplos poderes de actuação, o que pode significar a revogação de alguns dos pontos do contestado «Projecto Almeida Santos».

Também nesta reunião foi abordado o problema do Contrato Colectivo de Trabalho dos jornalistas, tendo sido visível a disposição dos responsáveis de chegar a plataforma de entendimento com as exigências apresentadas.

Paulo Mendo no Porto

. PORTO, 25 — O dr. Paulo Mendo, secretário de Estado da Saúde encontra-se no Porto a fim de tratar de problemas relacionados com a dinâmica hospitalar da Zona Norte. Esta manhã, visitou o Hospital Geral de Santo António a fim de se inteirar das carências existentes naquele estabelecimento.

SEGUNDO MEDINA CARREIRA

Défice das Finanças Públicas deve ir aos 90 milhões de contos

. «Um balanço, necessariamente grosseiro e provisório, do que poderá vir a ser o défice de grande parte do sector público em 1976 (Orçamento do Estado, Fundo de Abastecimento e Previdência social) aponta para os 65/70 milhões de contos», afirmou ontem o dr. Medina Carreira, ministro das Finanças, na posse da comissão que deverá apresentar os estudos relativos ao imposto único sobre pessoas físicas e do imposto sobre pessoas colectivas.

Aquele valor subirá para 75/80 milhões de contos se considerarmos os encargos do Fundo de Abastecimento, por regularizar, da ordem dos 9 milhões de contos.

Se se acrescentar o montante dos prejuízos para um vasto conjunto de empresas daquele sector, de muitos milhões de contos, chega-se a um saldo negativo da ordem dos 90 milhões de contos, acrescentou Medina Carreira.

«Os avales prestados pelo Estado, vão também crescendo aos poucos e andam pelos 36/37 milhões de contos.

Convirá porém esclarecer que 30 milhões de contos correspondem a despesas do Plano e aumentos de capital de empresas.

Mesmo assim, poderá atingir os 50 milhões de contos o défice corrente do próximo exercício do Sector Público não empresarial.

Um défice desta ordem, no contexto da nossa vida económica, assume uma gravidade que é necessário salientar, repercute-se nos preços e agrava o saldo negativo da balança de pagamentos.

Sabemos que não é possível evitar a inflação, mas entendemos ser indispensável impedir uma inflação excessiva e descontrolada, com todo o seu habitual cortejo de graves consequências sociais.

Quanto às disponibilidades externas o problema põe-se com grande simplicidade: ou possuímos divisas para comprar no estrangeiro tudo o que é mais essencial à nossa vida (com os alimentos em primeiro lugar), ou cessamos pagamentos externos e é o colapso económico.

Sabe-se que as reservas do País em divisas e ouro têm caído desde Dezembro de 1973, mas com especial intensidade desde o início de 1975.

Hoje, são constituídas sobretudo por ouro.

Precisando-se porém de divisas para efectuar os pagamentos no estrangeiro, ficaríamos em sérios embarcos se chegassemos à exaustão das mesmas.

Mas a mobilização de divisas através do envolvimento externo tem de praticar-se com extremas cautelas. É fundamentalmente, para fins de desenvolvimento económico nacional.

É que a dívida externa se situa, como se sabe, já acima dos 95 milhões de contos.

E o respectivo serviço (amortizações e juros ascenderá em 1976 a cerca de 15 por cento das exportações, em 1977 andará pelos 17 ou 18 por cento. Quer dizer que, por cada milhão de contos de bens que exportarmos em 1976, 150.000 contos são para pagarem os empréstimos e seus encargos financeiros.

Não é já só o problema de saber se há quem se disponha a financiar-nos; desde princípios de Agosto, não escasseiam as ofertas.

Há — ou terá de criar-se — outra preocupação, mais importante neste momento: a de usar as disponibilidades que conseguirmos obter em divisas no desenvolvimento de produções para exportação que permitam o máximo e mais rápido reembolso dos nossos credores externos, e não para consumos que estão fora das possibilidades actuais do País.

Nenhum português poderá alhear-se hoje do grave problema em que nos encontramos face aos desequilíbrios da nossa balança de pagamentos.»

Foi a sepultar Olavo d'Eça Leal

. Ao fim da manhã seguiu para o cemitério dos Prazeres o funeral de Olavo d'Eça Leal, antecedido de missa de corpo presente na igreja dos Mártires, onde o corpo fora ontm depositado após chegar de Inglaterra.

Operado há pouco tempo em Oxfor, Olavo d'Eça Leal não sobreviveu à doença, vindo a falecer no passado dia 17.

Brigadeiro Ferreira Lemos empossado no comando militar dos Açores

HANGRA DO HEROÍSMO, 25 — O novo comandante militar dos Açores, brigadeiro José Manuel Ferreira Lemos, tomou ontem posse, substituindo nessas funções o brigadeiro Manuel Amorim Sousa Meneses. O novo comandante desempenhava o cargo de director dos Transportes Militares.

Ao acto presidiu o general Barbeitos de Sousa, governador militar, estando presentes ainda o comandante naval, comodoro Toste de Carvalho, comandante da zona aérea, brigadeiro Francisco Rosa, respectivos chefes do Estado-Maior, comandantes da Unidade do arquipélago, oficiais, sargentos e delegações de praças da guarnição terceirense.

O novo comandante militar dos Açores começou por acentuar, no seu discurso, que em cargos militares como este não há programas definidos, tendo afirmado a sua fidelidade à legislação e à Constituição. Acrescentou ainda que através dos canais hierárquicos estará sempre à disposição da população para a servir enquanto isso for do seu alcance.

O ex-comandante militar, brigadeiro Sousa Meneses, veio ontem para Lisboa a fim de assumir o comando-geral da Guarda Fiscal no próximo dia 1 de Outubro.

Nito Alves

MEMBRO DO ESTADO-MAIOR DAS FAPLA.
MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA
DA R.P. DE ANGOLA.

"NITO ALVES dá-se hoje a conhecer como Poeta.
Os que fazem a História
nem sempre podem escrevê-la.
Ele pôde." – Albertino Almeida, *em "Introdução" à "Memória da Longa Resistência Popular".*

África editora — Distribuição CDL
Central Distribuidora Livreira

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA PESSOA

Nacional

O MEIC E AS ESCOLAS DO MAGISTÉRIO

"Impossível não aproveitar as experiências pedagógicas"

— afirma a escritora Ilse Lose

As recentes medidas do MEIC relativamente às experiências pedagógicas que vinham sendo efectuadas nas Escolas do Magistério Primário e a suspensão dos professores, que passarão a ser recrutados mediante provas, põem em causa o processo de renovação do ensino naquele sector. Com efeito, tais medidas impedem a continuação de trabalhos iniciados há dois anos e cujos resultados práticos, em várias cidades, se consideram altamente positivos.

É sabido — e os alunos demonstram-no — que o ensino tradicionalmente ministrado nestas escolas era traumatizante, nada criativo e alienante, perfeitamente inadequado à preparação de pessoas que se destinam a ensinar crianças. Matérias indispensáveis àquela preparação eram ostensivamente ignoradas. Pode dizer-se que estas escolas funcionavam às avessas da pedagogia.

Opiniões recolhidas junto de alunos e professores, ao longo destes dois anos, permitem concluir pelo aparecimento de um forte entusiasmo pedagógico, por uma estimulante abertura às realidades e até por um surgir de vocações reencontradas num trabalho colectivo novo. Enfim, aquilo que em qualquer parte do mundo poderia justificar que uma escola merecesse verdadeiramente esse nome.

Em face disto, o que se afirma quanto às medidas do MEIC é que elas, pelo modo como foram tomadas e pela linguagem utilizada nas referências públicas ao problema, são injustas, apressadas e traduzem um olhar superficial sobre questões importantes que se têm debatido dentro das escolas do Magistério e que ao Ministério deveriam merecer outra atenção e outro cuidado de análise.

Alunos e professores, intervenientes na experiência feita no Porto, dão-nos o testemunho do seu esforço e também do seu (actual) desencanto. Hoje responde a escritora Ilse Losa, autora de livros para crianças e especialmente voltada para os problemas do ensino infantil, que se encontra suspensa como as restantes pessoas que se empenharam naquela experiência, algumas das quais adquiriram no estrangeiro uma qualificação que em Portugal não foi possível.

JOSÉ GOMES BANDEIRA

Ilse Losa aceitou participar na experiência pedagógica do Magistério do Porto após convite e longa conversa com uma professora que nos disse estar «profundamente empenhada na renovação pedagógica do ensino primário». Decidiu-se pelo grande interesse que ali viu em «substituir o ensino autoritário, monótono e ineficaz por uma alegria de participar e de aprender». E acrescentou: «Durante o primeiro ano apercebemo-nos todos de um certo apalpar de terreno novo. Mas no segundo ano as coisas começaram a correr bem e depressa se instalou um clima de entusiasmo entre os professores e a grande maioria dos alunos. Pela minha parte, as aulas e seminários tentaram aproximar os alunos de uma literatura infantil que, de um modo geral, lhes era desconhecida. Estavam convencidos que escrever para crianças era fácil e que livros como «Anitas», as «Silvias» e os «Vickies» eram os mais indicados para a «catraiada». Não sabiam que escritores como Hans Christian Andersen, Oscar Wilde, Mark Twain, Tolstoi e Kastner, e até portugueses como Irene Lisboa, Aquilino Ribeiro, Sophia de Mello Breyner e outros se tinham dedicado a essa arte. Os resultados foram bastante satisfatórios. Um campo da literatura que tinham julgado restrito surgiu-lhes de invulgar vastidão. Os temas mais tratados foram os contos tradicionais, literatura infantil clássica e moderna, imagens, análises de conteúdo, o papel da tragédia e do humor nas histórias para crianças».

Constatação de Ilse Losa, pedagoga e escritora: quem pensa nos «Wickies» desconhece Aquilino Ribeiro autor de literatura infantil (como por exemplo «O Romance da Raposa»).

Ilse Losa destacou depois, a partir deste exemplo da literatura infantil na aprendizagem dos futuros professores de crianças, uma série de preocupações a que os alunos se tornaram receptivos e que traduzem uma realidade muito positiva num esforço de renovação pedagógica como o que se viveu no Magistério do Porto. Essas preocupações significaram a descoberta, por parte dos alunos, de horizontes totalmente novos quanto ao futuro exercício da sua actividade profissional e, pela primeira vez para a grande maioria, o conhecimento de uma responsabilidade individual e colectiva que nos disse não ter sido possível sem o ambiente geral de criação e participação que exercício da sua actividade propiciou.

Em face disto, perguntamos se as medidas tomadas pelo MEIC salvaguardam o que houve de positiva nessa experiência. A sua resposta é também um aviso: «O que houve de positivo nessa experiência foi de tal modo importante que julgo impossível que o MEIC não o reconheça e não o aproveite».

Perguntámos depois a Ilse Losa: acha que as medidas do MEIC, até pelo modo como são referidas, vão desanimar as experiências iniciadas e desencorajar quem melhor as viveu, os alunos? Disse-nos: «Acho que sim, absolutamente. Não só vão desencorajar mas, o que me parece pior, vão provocar nos alunos uma desconfiança contra tudo e todos, criar-lhes a sensação de que em Portugal as realizações nunca chegam ao fim».

SÓ «EXPERIÊNCIA»?

Como se sabe, o MEIC considerou inadequada a maneira como os professores destas escolas foram recrutados (convite dos respectivos elementos directivos) e prefere agora recorrer ao concurso documental ou por provas públicas. Ilse Losa afirmou-nos: «Devo dizer que me parece inoportuno interromper uma experiência que, apesar de algumas deficiências, estava a dar resultados muito positivos. As coisas podiam ter continuado neste ano lectivo para que no fim se tornassem patentes os resultados e para que não houvesse grandes atrasos no começo das aulas. Entretanto estudar-se-ia a melhor maneira de abrir os concursos, uma vez que o MEIC os acha indispensáveis. Num clima revolucionário as precipitações e surpresas são naturais, mas neste clima de tranquilidade de que nos falam continuamente não se compreende por que razão se não tem procedido com mais prudência e por que é que não se têm consultado as pessoas que estariam empenhadas em dar uma participação válida. Agora, mesmo que alguns dos suspensos sejam reconduzidos, nunca mais terão essa frescura e esse entusiasmo que tão saudavelmente transmitiram aos alunos. Instalou-se a sensação de instabilidade e de «sabe-se lá se vale a pena»... Quebrou-se o fio e, mesmo que se ate, ficará o nó».

Temo-nos referido, como se tornou hábito chamar-lhe, a «experiência pedagógica». Perguntámos ainda a Ilse Losa se se trata de mera «experiência» ou já um entendimento concreto do papel e da preparação dos professores primários. Respondeu-nos: «Acho que, se por um lado se tratava de uma experiência nova, por outro tratava-se já de uma autêntica preparação dos professores. Tendo consciência de que alguma coisa de novo se preparava para o País, os alunos aceitaram as interrogações que surgiram e procuraram eles próprios dar também resposta. Assim, os alunos aprenderam com os professores e estes com aqueles. Além disso o que se fez estava dentro das ideias defendidas pelo actual governo e desejo que neste País não se destrua aquilo que já foi feito de bom e de justo».

Ilse Losa referiu-se ainda à apreciação, um tanto displicente, que o MEIC fez da competência ou incompetência dos professores convidados:

«Evidentemente que haverá casos de incompetência, como não podia deixar de ser num País onde não existe propriamente uma multidão de competências. As competências não caem do céu. A actividade impetuosa do MEIC podia ter-se canalizado nesse sentido, criando cadeiras universitárias com esse objectivo e enviando professores ao estrangeiro para fazerem estágios em escolas primárias e do Magistério».

Telef. 99 46 58 Pontinha — Telef. 99 46 80 Pontinha

ALBERTO HORTA & IRMÃOS, LDA.

PONTINHA — LISBOA-4 — R. S. MARCOS, 8
(ao Largo Falcão, junto às Escolas novas)

GRANDE ARMAZÉM PARA GROSSO E RETALHO
todas as madeiras nacionais e exóticas

PARQUETES — CARPINTARIAS — ESTORES
Laminite — Platex — Aparite — Portas — Perfis — Colas

C. RAINHA 22812/22539/23661 — T. VEDRAS 22571 — LISBOA 994658/994680

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS
Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 2 10 29 10
INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO — RUSSO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
MATRÍCULAS ABERTAS PARA OS CURSOS A INICIAR EM 1 DE OUTUBRO
Das 10 às 12 h. e das 17 às 22 h. excepto sábados

CURSOS COMPLEMENTARES DO ENSINO TÉCNICO
(PARA ALUNOS C/ CURSOS GERAIS TÉCNICOS)
ACESSO DIRECTO AO ENSINO SUPERIOR
EXTERNATOS
MARQUÊS DE POMBAL — Rua Morais Soares, 93 — Tel. 820221/834658
ALVARES CABRAL — Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) Tel. 706874/5
PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)
ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

SURDOS
CASA SONOTONE

Não me irrite ao fazer-me repetir 4 e 5 vezes a mesma palavra, podendo ser remediado esse mal, ouvindo com um aparelho atrás da orelha, óculos só de encostar à cabeça, sem fios, nem pipetas o que há de mais moderno. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Vendemos pilhas de todas as voltagens. Fazemos trocas. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas. Também somos oculistas. Queira-nos visitar ficando muito reconhecidos em:

LISBOA — Póço do Borratém, 33 S/L — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-315602

FEIRAS & exposições

* 63.º SALÃO AUTOMÓVEL — Paris — 7/10 Out.
* 7.º SALÃO INTER. ALIMENTAÇÃO — Paris — 14/20 Nov.
* 9.º CONGRESSO FED. INT. DIABETES — New Delhi — 31 Out. a 5 Nov.

Europeia
AV. LIBERDADE 233 TEL 536121 LISBOA 2

Nacional

Prazo de matrículas em Economia até 9 de Outubro

O número máximo de alunos que se podem matricular no 1.º ano do Instituto Superior de Economia passa de 600 para 700, tendo o prazo de matrícula sido alargado até 9 de Outubro.

A decisão foi tomada entre os Conselhos Directivos das três escolas de Economia (ISE, ISCSP; ISCTE) e os estudantes que não puderem frequentar o ISE, terão matrícula assegurada nas restantes escolas.

A ex-comissão de Candidatos do 1.º ano do ISE, informa que a inscrição para as matrículas funciona na sala dos candidatos do ISE das 10 às 12 e das 14 às 17. A discussão dos programas do 1.º ano está já em curso pelo que se apela à participação de todos os interessados.

Movimento Alfa transforma-se em associação

O Movimento Alfa vai legalizar-se como Associação Juvenil durante a Semana de Solidariedade internacional dos Estudantes em Luta Contra o Analfabetismo, a realizar de 21 a 26 de Outubro, em Lisboa, com a presença de elementos da Unesco.

Com esta decisão pretende-se uma maior dinamização e mobilização do próprio movimento que a partir do próximo mês realizará novos cursos de preparação de alfabetizadores, em diversas faculdades de Lisboa. No final desse mês proceder-se-á a um balanço mais detalhado das actividades incluindo, além do Sul, o Centro e Norte do País.

Mário Valente director-geral do Planeamento Urbanístico

O ministro da Habitação, Urbanismo e Construção, eng. Eduardo Pereira conferiu posse no seu gabinete ao novo director-geral do Planeamento Urbanístico, eng.º Mário Ulisses da Costa Valente.

O novo director-geral é licenciado em Engenharia Civil pela Universidade do Porto.

MODERNISMO E ARTE NEGRO-AFRICANA NO MUSEU DE ETNOLOGIA

EXPOSIÇÃO ORGANIZADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, MUSEU DE ETNOLOGIA, FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN COM A COLABORAÇÃO DO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

ABERTO DIARIAMENTE, DAS 16 ÀS 21 HORAS
AO SÁBADO ENCERRA ÀS 24 HORAS
FECHA À SEGUNDA-FEIRA

AV. ILHA DA MADEIRA — RESTELO

CICLO PREPARATÓRIO
CURSO LICEAL NOCTURNO

— ABERTAS AS INSCRIÇÕES —
(das 16 às 23 horas)
Av. Duque de Loulé, 71, 2.º — Telef. 40345

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES
Av. João XXI, 5-D—R. Infantaria 16, 55-C—LISBOA

EXTERNATO ANA SULLIVAN
AV. DA BOAVISTA, 3770 – TEL. 684772
EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS DIFICEIS

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E D P

EX-UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 26 de Setembro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão, nas seguintes zonas:

CONCELHO DO SEIXAL: Alto do Moinho, Santarém, Corroios e Guerreiro, das 8 às 15 horas.
Bairro Novo, St.ª Maria e Camões, das 9 às 11 horas.

Lisboa, 25 de Setembro de 1976

Pela Electricidade de Portugal, E.D.P.
(U.E.P.-Sul)
Manuel F. Camacho

BPA 1976

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

BALANCETE EM 30 DE JUNHO DE 1976

(em milhares de escudos)

ACTIVO

	1975	1976
Caixa e Depósitos em Bancos	2 603 851	3 614 615
Promissórias de Fomento Nacional	377 000	38 000
Correspondentes no Estrangeiro	668 016	1 306 212
Ouro, Notas e Moedas Estrangeiras	61 924	90 205
	3 710 791	5 049 032
Carteira de Títulos e Cupões	2 461 790	2 452 047
Carteira Comercial	23 839 169	24 843 912
Correspondentes no Pais	81 484	92 778
Empréstimos e Devedores e Credores	7 634 266	8 147 773
Imobilizado	930 007	1 003 402
Contas Transitórias e de Regularização	14 670 835	* 5 217 564
Encargos	2 040 873	2 206 680
	55 369 215	49 013 188
Contas de Ordem		
Valores de Conta Alheia e Recebidos em Caução	31 133 127	24 843 554
Devedores por Garantias e Avales Prestados, Aceites e Créditos Abertos	29 450 152	25 362 207
Outras Contas de Ordem	8 717 040	9 896 305
	124 669 534	109 115 254

PASSIVO

	1975	1976
Depósitos à Ordem	12 968 763	15 769 574
Depósitos c/ Pré-Aviso e a Prazo	20 924 291	21 881 491
	33 893 054	37 651 065
Cheques e Ordens a Pagar	581 714	663 262
Exigibilidades Diversas	1 765 386	578 267
Contas Transitórias e de Regularização	14 232 334	* 4 625 251
Provisões	1 160 008	1 446 484
Capital	759 000	759 000
Fundos de Reserva	860 000	868 112
Lucros e Perdas (do ano anterior)	80 908	159 081
Receitas	2 036 811	2 262 666
	55 369 215	49 013 188
Contas de Ordem		
Credores por Valores de Conta Alheia e Recebidos em Caução	31 133 127	24 843 554
Garantias e Avales Prestados, Aceites e Créditos Abertos	29 450 152	25 362 207
Outras Contas de Ordem	8 717 040	9 896 305
	124 669 534	109 115 254

** Alterado o critério contabilístico*

RECEITAS E ENCARGOS
(de 1 de Janeiro a 30 de Junho de 1976)

DEBITO

Juros e Comissões a n/ cargo	1 400 082
Despesas com o Pessoal	401 053
Dotações para Amortizações e Provisões	265 999
Despesas Diversas	139 546
	2 206 680
Resultado Provisório	+ 55 986
	2 262 666

CREDITO

Juros e Comissões a n/ favor	1 997 788
Resultados em Operações Cambiais	234 384
Rendimento de Títulos de Crédito	28 567
Receitas Diversas	1 927
	2 262 666

BPA 1919

banco AO SERVIÇO DO TRABALHO

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

2.ª Publicação

ANÚNCIO

Pela primeira secção do primeiro Juizo da Secretaria Judicial desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos do executado, MÓNACO RESTAURANTE, LIMITADA, com sede na Estrada Marginal, em Caxias, para no prazo de dez dias posteriores àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução de sentença movida pelo exequente, Varequipe-Sociedade Geral de Equipamentos Industriais, SARL, com sede em isboa ,na Av. João XXI, 66-R/C-DIREITO.

Oeiras, 30 de Julho 1976

O Juiz de Direito do 1.º Juizo,

a) Francisco José Galrão de Sousa Chichorro Rodrigues

O escrivão de direito da 1.ª secção,

a) Adelino Augusto Migueis Carvalho

Trabalho

ENQUANTO BRAÇO FORTE BATE O PÉ

Lisboa pode ficar sem carne

Lisboa corre o risco de ficar sem carne, porque o proprietário duma empresa de enchidos e fornecimento de carne fresca, sita no Montijo decidiu obrigar 32 operárias a trabalhar de pé. Os restantes trabalhadores do sector dos distritos de Setúbal e de Santarém os dois centros de abastecimento de carne a Lisboa — solidarizando-se com as operárias em greve, pretendem entrar em greve geral, o que motivaria o corte de abastecimento a Lisboa.

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Carnes do Distrito de Setúbal e Santarém tem-se esforçado por evitar que sejam dramáticas as consequências duma «birra» de patrão, mas a verdade e que o Ministério do Trabalho perante a gravidade da situação, para além dos esforços de conciliação desenvolvidos pelo seu delegado em Setúbal e de uma reunião com o subsecretário de Estado daquela pasta, apenas aplicou uma multa de dois mil escudos ao patrão que dá pelo nome de Braço Forte....

«A minha avó trabalha desde muito nova numa fábrica de enchidos. Ela tem agora 98 anos e sempre trabalhou sentada», ouvimos uma trabalhadora da firma «C. Guerreiro e Braço Forte, Ltd.ª» do Montijo, de que são proprietários José Manuel Braço Forte e sua mulher, Ana Braço Forte. Os trabalhadores afirmam que esta «regalia» é centenária. A verdade é que não é exactamente de uma «regalia» que se trata mas de uma condição de trabalho inteiramente devida ao trabalhador: é do mínimo de justiça que operárias que trabalham 8 horas por dia a uma banca estejam sentadas.

Na C. Guerreiro e Braço Forte, Lda., os 32 trabalhadores (31 mulheres e um homem) que trabalhavam à banca também laboravam sentados em bancos. Antes das férias, a entidade patronal decidiu que os operários entrariam de férias ao mesmo tempo, pois pretendia mandar instalar um escaldão e um matador automáticos. Depois de ter alterado a data, o patrão permitiu finalmente que os trabalhadores gozassem as suas férias de 26 de Julho a 9 de Agosto, manifestando estes boa vontade em relação à prepotência patronal, visto que se tratava de um melhoramento da empresa e das condições de trabalho. Quando porém retomaram o trabalho, verificaram que tinham sido retirados os bancos aos que até então tinham laborado sentados e a altura das bancas fora elevada. Ao sindicato, a entidade patronal que desde o 25 de Abril ameaça com o encerramento da fábrica por falta de verba respondeu que tomara a medida porque quando sentadas, as operárias produziam menos. A fim de não agudizar a situação, e enquanto o sindicato tentava resolver a situação da melhor maneira junto do M. T. em Setúbal, os 32 operários, executaram o seu serviço de pé, com o maior sacrifício, além do mais a idade das mulheres oscila entre os 40 e os 60 anos, na sua maioria sofrendo de varizes, reumático e espondilose, como acontece dum modo geral aos trabalhadores cuja profissão obriga ao contacto com produtos congelados e perto de frigoríficos.

Das deligências do sindicato resultou a marcação duma inspecção do trabalho, que não foi atendida pela entidade patronal. Depois da intervenção infrutífera da Delegação do Trabalho em Setúbal, os trabalhadores chegaram à conclusão que não podiam resolver a situação se não com a greve. Deram um prazo de seis dias ao patrão, mas como tudo se manteve na mesma, paralisaram o trabalho e ocuparam as instalações da fábrica, onde permanecem de noite, dormindo nas piores condições. Esta situação arrasta-se há vinte dias.

Entretanto, depois de três tentativas de conciliação efectuadas pelo delegado do Trabalho em Setúbal, em que o patrão manteve a sua posição irredutível, expressando-se em termos ofensivos em relação aos trabalhadores, o sindicato recorreu à intervenção do subsecretário de Estado do Trabalho. Este marcou uma audiência para o dia 18 passado, em que participaram além dos representantes do sindicato, representantes da Intersindical, o delegado do Trabalho em Setúbal e a entidade patronal. O comportamento de Braço Forte foi de tal ordem, que levou o representante do Governo a exaltar-se. Entre outras declarações disse que os trabalhadores nunca me passariam por cima e exigiu a desocupação imediata das instalações da fábrica, para recomeçar a trabalhar com outros operários.

No local de trabalho, as relações entre a entidade patronal e os trabalhadores ocupantes da fábrica deterioraram-se sensivelmente. O patrão diz-lhes depreciativamente que se querem bancos vão buscar «O Espírito Santo, o Sotto Mayor, etc.» As discuss s e os insultos são inúmeros, hegando Ana Braço Forte a tentar agredir uma operária. O patrão suspendeu e levantou processos disciplinares a duas trabalhadoras, alegando que quiseram agredir a patroa. Há três dias, José Manuel Braço Forte, depois de discutir com os trabalhadores, (durante a discussão deu um murro na secretária que ficou a sangrar) tirou as carnes do frigorífico e colocou-as no meio da casa, ameaçou de encharcar o chão (onde as operárias dormem) tentando assim obrigá-las a trabalhar. O sindicato foi mais uma vez obrigado a intervir e às 18 horas, trabalhadores do Montijo acorreram às instalações da fábrica, pondo-se ao lado das operárias da firma Braço Forte. Estas voltaram a colocar as carnes nos frigoríficos, e os ânimos acalmaram. Afirmam no entanto as trabalhadoras que as carnes, já há demasiado tempo congeladas, estão a deteriorar-se, pelo que quando a fábrica voltar a laborar, se Braço Forte quiser aproveitar aquele material, impõe-se a vigilância da Intendência Pecuária de Setúbal.

...ar de muito mal instaladas, as trabalhadoras da firma Braço Forte mantêm-se firmes na deresa dos seus interesses. A apoiá-las, 4 mil trabalhadores do sector estão dispostos a ir para a greve geral

As 31 trabalhadoras em greve (só não entrou em greve o seu colega do sexo masculino, que segundo elas trabalha das 6 às 24 horas, o pessoal administrativo e os familiares do patrão) não recebem o vrncimento, estando a ser subsidiadas pelo sindicato e por outros operários.

Os trabalhadores do ramo entretanto, têm manifestado ao sindicato vontade de entrar em greve, diligenciando alguns elementos do patronato por sua vez, junto do sindicato, no sentido de evitar a greve, alegando que não têm culpa do comportamento de Braço Forte, que condenam.

Na segunda-feira passada a Inspecção do Trabalho visitou mais uma vez a fábrica e aplicou aos patrões uma multa de dois mil escudos. Sindicato e trabalhadores aguardam por enquanto que o Ministério do Trabalho actue urgente e energicamente na questão, evitando que 4 000 trabalhadores entrem em greve e Lisboa fique sem carne.

INCIDENTES EM A.G.T. DA LISNAVE

Conselho Geral de Trabalhadores vai proceder a inquérito

. Sobre os factos ocorridos na última Assembleia Geral de Trabalhadores da Lisnave, realizada no dia 22, e na qual foi «aprovado por larga maioria o leque salarial em discussão», é tema de um comunicado do Conselho Geral de Trabalhadores daquela empresa. Nesse documento, aquele órgão afirma que «não podiam nem o C.G.T. nem o secretariado da Intersindical como órgãos representativos dos trabalhadores da Lisnave deixar passar em claro tais acontecimentos». E afirmam que «estão, pelo contrário, dispostos a apurar toda a verdade dos factos, para que, com todos os trabalhadores se venha finalmente a agir em conformidade contra procedimentos tão graves».

No mesmo comunicado, o C.G.T. afirma que vai ser efectuado «um rigoroso e aprofundado inquérito para o que vão ouvir todos os trabalhadores que, de algum modo, tenham verificado total ou parcialmente o desenrolar dos factos na Assembleia».

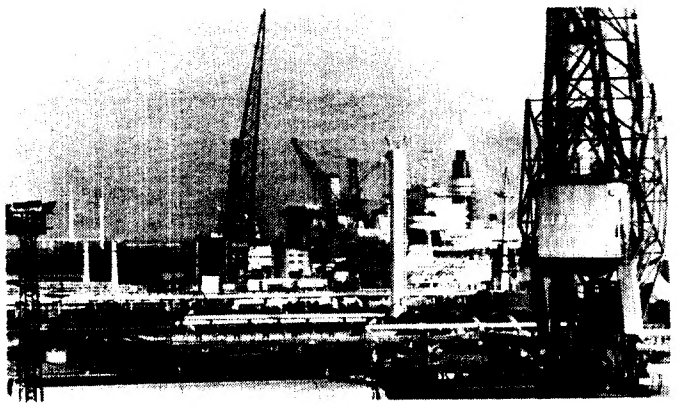
Em declarações prestadas ao nosso jornal, os membros do C.G.T. da Lisnave desmentiram que se tenham verificado dois feridos graves como chegou a ser noticiado em alguns jornais (houve dois feridos ligeiros) e atribuiram a responsabilidade dos factos a uma minoria de «esquerdistas» que, ao verem derrotadas as suas posições, reagiram derrubando mesas, arremessando cadeiras, garrafas e pontapeando pessoas. Segundo a mesma fonte, essas pessoas estão devidamente identificadas e acontece que algumas delas já foram afastadas pelos próprios trabalhadores das funções de representação (como delegados) para que tinham sido escolhidos.

Ainda de acordo com o órgão dos trabalhadores da Lisnave, o desacordo ficou a dever-se à posição irredutível de um grupo, que pretendia ver consagrado no termo destas negociações, uma proposta de leque salarial que inicialmente tinha sido apresentada à administração, mas que através das sucessivas fases de negociação foram sendo rejeitadas, até se chegar a esta que agora mereceu o acordo dos trabalhadores na Assembleia do dia 22.

A proposta de leque salarial, estabelecendo novas regalias sociais e pequenos ajustamentos salariais (700 escudos para os directamente ligados à produção, 400 para os outros) representa um aumento anual de encargos, na ordem dos 113 mil contos. A proposta inicial dos trabalhadores representaria um aumento rondando os 300 mil contos anuais.

PEQUENA HISTÓRIA DO LEQUE

A história do leque salarial da Lisnave, começa com a aplicação da Portaria dos Metalúrgicos, que a administração pretende fazer através dos seus quadros técnicos. A solução não agradou aos trabalhadores e com o apoio do Sindicato foi elaborada uma proposta, que aliás era igual à dos operários da Setenave.



Assim, enquanto nesta empresa era possível resolver a questão no próprio mês de Maio, na Lisnave a questão foi-se arrastando e só no dia 15 do mês corrente foi possivel apresentar uma proposta que o C.G.T. e a Comissão do Leque Salarial consideraram aceitável. Mas nessa assembleia os trabalhadores presentes rejeitaram a proposta (por 644 votos contra 626). Proposta que afinal viria a ser aprovada em A.G.T., uma semana depois, porque a administração entendeu que não poderia ceder em qualquer outro ponto.

No entender do C.G.T. da Lisnave é curiosos que o grupo contestatário tenha rejeitado, desde logo, a proposta inicial apresentada à administração e que representava um aumento de encargos na ordem dos 300 mil contos. Mas, agora, entendiam que não deviam ceder e só aceitar esse projecto inicial.

Passemos às regalias que ficaram consagradas neste «leque salarial»: compromisso da administração, no que respeita ao cumprimento do C.C.T.V. dos Metalúrgicos que se encontra em negociação; reforma aos 65 anos ou 40 de serviço (mas no novo C.C.T.V. poderá ficar consagrado que a reforma se verifique aos 50 de idade e 25 de serviço); baixa a 100 por cento nas duas primeiras baixas do ano; garantia do ordenado por inteiro às famílias de operários acidentados mortalmente; pagamento de despesas de recuperação de trabalhadores acidentados; pagamento do ordenado de cinco dirigentes sindicais.

EM ALMADA

Empregados do Canecão actuarão "pelos seus meios"

. Em comunicado distribuido pelo Sindicato dos Trabalhadores na Hotelaria, Restaurantes e Similares do Sul, afirma-se que os trabalhadores do «snack-bar» Canecão, em Almada, «vão actuar pelos seus próprios meios», uma vez que «parece que ninguém neste País quer obrigar o patrão Jorge Paixão a cumprir os seus deveres».

Mais afirma esse comunicado: «O Ministério do Trabalho considera este encerramento como um «lock-out». Prometeu abrir o estabelecimento. Dali e do Ministério da Administração Interna foram dadas ordens à polícia nesse sentido. A polícia de Almada recusa-se a actuar e a proceder à abertura do «snack-bar».

O diferendo surge quando o patrão resolveu mandar os dez empregados do «snack» para férias, recusando-se, no entanto, a pagar-lhes o subsídio de férias, o subsídio de alimentação previsto no CCT do sector, e tão pouco o ordenado respeitante ao período de férias. No entanto, outro sector do estabelecimento, dedicado ao «restaurante», continua aberto.

Os trabalhadores que já em anos anteriores tinham ficado sem o subsídio de férias (alguns, em cinco anos de trabalho, na casa, nunca o receberam) temem que agora se trate de uma tentativa de trespasse sem pagamento de indemnizações aos empregados.

Para actuarem pelos seus próprios meios, afirma-se no documento a que nos referimos, os empregados do Canecão «necessitam de solidariedade actuante».

Nacional

TV PREOCUPADA TEM NOVO MAPA-TIPO

Obviar à saturação criada pela densidade da informação política

. Os dois órgãos directamente responsáveis pelo tempo de emissão da RTP, a Direcção de Programas e a Direcção de Informação, estão empenhados em recuperar o tempo e os espectadores perdidos. De acordo com os números ontem referidos por Carlos Cruz aos jornalistas que se deslocaram ao Lumiar, 27 por cento de portueses deixaram, nos últimos tempos, de se preocupar com a programação da RTP, enquanto na linha raiana muitas das crianças (porque aí não chega a RTP e é fácil apanhar a TVE) falam quase um dialecto luso-espanhol...

Para essa transmutação ontem adiantada pelo director de Programas da RTP, que salientou ser urgente findar com «o divórcio já existente entre a TV e o público», será necessário obviar «à saturação pela densidade de informação política» fornecida aos portugueses, estimular a produção literária e artística e, de harmonia com o mapa-tipo apresentado, «assegurarar a participação efectiva da criança, independentemente de certos programas de informação básica». Haverá nesse enquadramento, como inovação que aqui se sublinha, equipas de miúdos a fazer programas.

Os mais novos, além daqueles benefícios, terão semanalmente uma espécie de Telejornal, e num conjunto de programas que recusam o espartilho, consoante Carlos Cruz acentuou ao divulgar o aludido mapa-tipo que vigorará nos próximos seis meses, será dada ao teatro situação de relevo. Treze autores portugueses terão obras suas no pequeno «écran» nos seis meses que se avizinham, não sendo esquecidos por outro lado o bailado, as artes plásticas e a música.

Carlos Cruz lembrou os problemas técnicos e humanos com que se debate a RTP, dando vários exemplos de muitas das suas insuficiências e realçando o grau de competência da maioria do pessoal, o qual tem como habilitações máximas, em pelo menos 50 por cento, a 4.ª classe.

Um mês após a entrada em vigor do novo mapa-tipo, isto é, em 3 ou 4 de Novembro, a RTP fará uma sondagem junto da opinião pública e, pelo menos, junto dos 23 por cento dos portugueses que vêem todos os dias televisão, dos 21 por cento que quase todos os dias estão defronte do pequeno «écran» ou dos 29 por cento que raramente a viam, para averiguar se a RTP está a recuperar público, embora nesse espaço de tempo esteja suspenso para atravessar uma fase de reestruturação que possa, de acordo com o esquema que lhe está apontado, no futuro, responder às exigências culturais de muitos dos seus apreciadores.

Nota oficiosa

Livros escolares

O Ministério da Educação e Investigação Científica tornou pública a seguinte nota oficiosa:

«O M.E.I.C., ao preparar a abertura do ano lectivo de 76, deparou com grandes dificuldades devido às disposições legais vigentes sobre livros escolares.

«O Decreto-Lei n.º 436-A/76 de 2 de Junho enunciou princípios sobre o livro escolar que, para além da posição de fundo sobre a matéria, contém aspectos processuais. Reconhece-se, agora, na prática, que os dispositivos previstos no seu articulado quanto ao cumprimento de prazos por parte de eventuais recorrentes de decisões de reprovação de livros, e a não fixação de prazos para resposta a recursos por parte das direcções-gerais, mostraram a inviabilidade do seu cumprimento.

«Assim, sob pena de os alunos não disporem de livros escolares, impunha-se a sua revogação, o que já foi decretado pelo Governo. Para resolver o problema da escolha de livros e enquanto se prepara legislação nova sobre matéria, determina-se que sejam os professores os responsáveis nos respectivos estabelecimentos de ensino, pela adopção dos livros-base para as várias disciplinas. Simultaneamente, foram determinadas as regras de comercialização do livro base, a fim de não onerar os orçamentos familiares. Contemplaram-se, ainda, outros aspectos, nomeadamente os direitos de autor, os limites de preço de capa autorizados e as margens de comercialização dos livreiros.»

Ministro indiano

. É esperado depois de amanhã em Lisboa o ministro dos Transportes da União Indiana dr. G. S. Dhillon, que se avistará com o seu homólogo dr. Rui Vilar e visitará os estaleiros da Lisnave.

Onze milhões de dólares para escolas

Os Estados Unidos vão emprestar 11 milhões de dólares a Portugal. O empréstimo é através da AID (Agency for International Developement) para o Mutuário (Governo de Portugal), e destina-se a um projecto de construção de vinte escolas e equisição de equipamento a utilizar na televisão educativa.

O acordo foi celebrado no passado dia 13 de Agosto entre o ministro português dos Negócios Estrangeiros, Medeiros Ferreira, e o embaixador dos Estados Unidos em Lisboa, Frank Carlucci, e vem hoje publicado no «Diário da República».

Nos termos do texto que a edição de hoje da folha oficial insere, o Mutuário pagará à AID um juro calculado à taxa de 5 por cento ao ano e incidente sobre o saldo do capital e sobre quaisquer juros devidos e não pagos. O Mutuário deverá reembolsar a AID do capital no prazo de vinte e cinco anos a contar da data do primeiro desembolso.

Dos termos do texto oficial transcreve-se, do Artigo IV, Secção 4.07, Relatórios e Inspecções, respectivamente: «O Mutuário fornecerá à AID todas as informações e relatórios referentes ao empréstimo e ao projecto por ele financiado que a AID solicite para verificar os resultados do projecto» «Os representantes autorizados da AID, após solicitação ao Mutuário, terão o direito de, em alturas que se possam considerar aceitáveis, inspeccionar o projecto, assim como os livros, registos, e outros documentos, referentes ao projecto financiado e em empréstimo, a fim de verificarem os resultados dos projectos. O Mutuário prestará a sua colaboração à AID a fim de facilitar tais inspecções.»

. O acordo não especifica qualquer obrigação de Portugal comprar materiais e equipamentos aos Estados Unidos, à excepção de 100.000 dólares em equipamento para uso na televisão educativa.

O projecto diz respeito a escolas nas seguintes localidades Vale de Cambra, Ourique, Silves, Serpa, Porto de Mós, Azambuja, Olivais, Damaia, Miraflores, Leça da Palmeira, Paços de Ferreira, Penafiel, Tramagal, Alpiarça, Golegã, Baixa da Banheira, Alijó, Montalegre, Resende, Estreito (Câmara de Lobos), e algures nos Açores.

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia

MENDES Tel. 76 84 23

R. Capitão Ramires, 2-A (Ao Campo Pequeno)

REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»

FILIAL

Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

PUB

CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

SERVIÇOS TÉCNICOS

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO DA JUNTA DE FREGUESIA DE PAIO PIRES

EUFRÁSIO FILIPE GARCÊS JOSÉ, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Seixal:

Faz público que, em conformidade com a deliberação camarária de 16/9/76, se encontra aberto Concurso Público, pelo prazo de vinte dias contados após publicação deste anúncio no «Diário da República», para a adjudicação da empreitada referida em epígrafe.

A base de licitação é de 892 000$00 (oitocentos e noventa e dois mil escudos).

O processo da empreitada, pode ser consultado todos os dias úteis, durante as horas normais do expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos desta Câmara.

Os concorrentes deverão possuir alvará de empreiteiro de obras públicas 1.ª Subcategoria da I Categoria.

A caução provisória é de 22 300$00.

A abertura das propostas realizar-se-á perante a Comissão Administrativa na primeira reunião ordinária que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio. A Comissão Administrativa reúne todas as quintas-feiras pelas 21.00 horas no edifício dos Paços do Concelho.

PAÇOS DO CONCELHO DO SEIXAL, 20 de Setembro de 1976.

O PRESIDENTE DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

CICLO DE CINEMA ROBERT SNYDER

DIA 27, às 21.30 horas, na SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Tema — **Artes Plásticas e Música**
Filmes — **The Kooning**
Pablo Casals
Stravinsky
Vivaldi

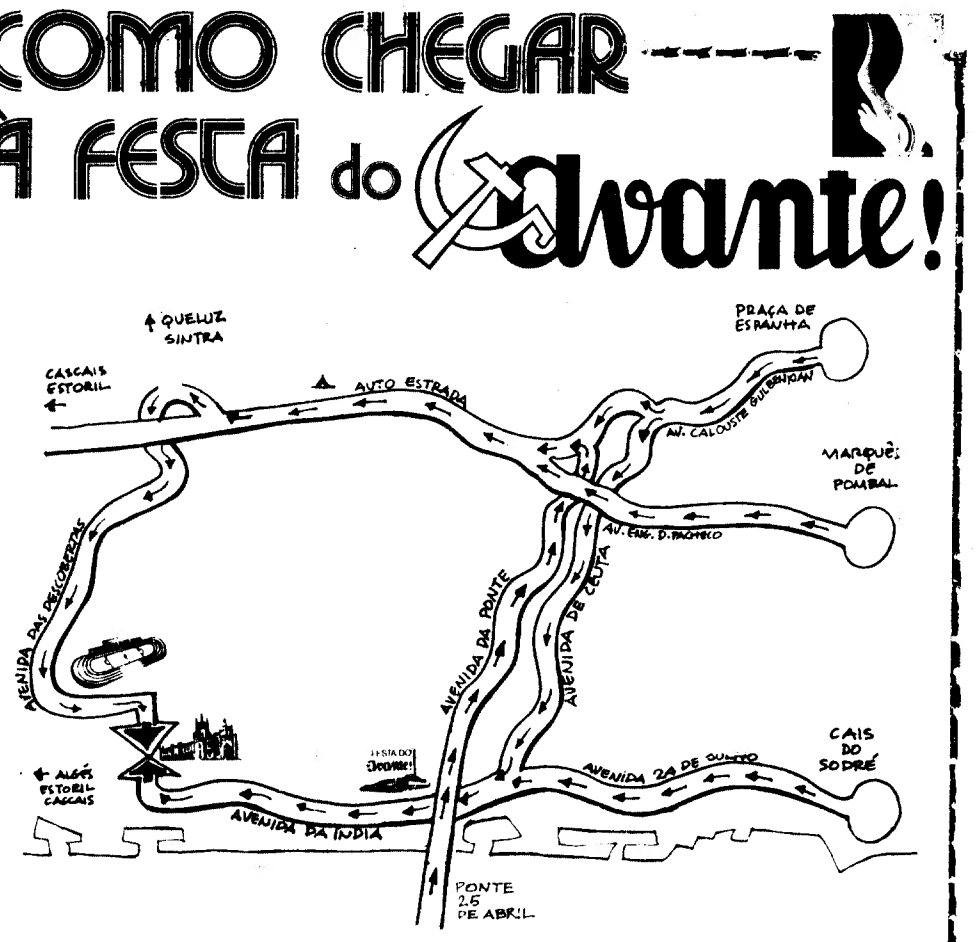
No final haverá um colóquio orientado por M.ª José Nobre (crítica de música) e Ernesto de Sousa (realizador e crítico de artes plásticas).

DIA 28, às 21.30 h., na SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

Tema — **Literatura**
Filmes — **Henry Miller na Broadway**
Henry Miller em Paris

No final um colóquio com o Dr. João Palma Ferreira (Prof. da Universidade Nova).

COMO CHEGAR À FESTA do Avante!



Acessos em automóvel

- Vindos das zonas de Olivais, Encarnação, Benfica, Lumiar, Alvalade, Areeiro, Chelas, Alto de S. João, Avenidas Novas

- Vindos de fora de Lisboa pela auto-estrada do Norte ou pela Alameda das Linhas de Torres.

Praça de Espanha → Av. Calouste Gulbenkian → Auto-estrada do Estoril → Desvio p/ a estrada de Sintra → Trav. das Descobertas → Av. de Restelo → Praça do Império

- Vindos das zonas Anjos, Graça, Conde Redondo

Praça Marquês de Pombal → Av. Joaquim António de Aguiar → Viaduto Duarte Pacheco → Auto-estrada do Estoril → Desvio p/ a estrada de Sintra → Av. das Descobertas → Av. do Restelo → Praça do Império

- Vindos das zonas de Xabregas, Alfama, Baixa, Santos

Av. 24 de Julho → Av. da India → Praça do Império

- Vindos de fora de Lisboa pela ponte 25 de Abril

Av. da Ponte → Auto-estrada do Estoril → Desvio p/ a estrada de Sintra → Av. das Descobertas → Av. do Restelo → Praça do Império

- Vindos de fora de Lisboa pela estrada de Sintra

Estrada de Sintra → Av. das Descobertas → Av. do Restelo → Praça do Império

- Vindos de fora de Lisboa pela estrada marginal

Estrada marginal → Praça do Império

Acessos para autocarros de excursões

- Vindos do Norte

Praça de Espanha → Av. Calouste Gulbenkian → Av. de Ceuta → Alcântara → Largo do Calvário → Rua 1.º de Maio → Rua da Junqueira → FIL (descida de passageiros) → Praça Afonso de Albuquerque → Passagem de nível → Estacionamento junto ao rio

- Vindos do Sul

Av. da Ponte → Alcântara → Lg. do Calvário → Rua 1.º de Maio → Rua da Junqueira → FIL (descida de passageiros) → Praça

Afonso de Albuquerque → Passagem de nível → Estacionamento junto ao rio.

Acessos nos transportes públicos

- Autocarros

N.º 12 — Caminhos de Ferro — Algés
N.º 14 — Praça da Figueira — Outurela
N.º 27 — Areeiro — Restelo
N.º 28 — Moscavide — Restelo
N.º 32 — Hospital de Sta. Maria — Restelo
N.º 43 — Praça da Figueira — Buraca
N.º 49 — Av. EUA — Belém
N.º 56 — Areeiro — FIL

- Eléctricos

15 — Praça do Comércio — Cruz Quebrada
16 — Poço do Bispo — Belém
17 — Alto de S. João — Belém

Parqueamento de automóveis

- Está assegurado o parqueamento na Praça do Império (junto ao Mosteiro dos Jerónimos). A Carris assegura uma carreira especial de autocarros permanentes Praça do Império → FIL → Praça do Império

- Está assegurado o parqueamento junto ao rio de autocarros de excursões (depois da descida dos passageiros)

- O estacionamento em todo o comprimento da Rua da Junqueira está condicionado

- Não é permitido o estacionamento em todo o comprimento da Av. da India e nas ruas que ligam a Av. da India à Rua da Junqueira.

Recomendações gerais

- Não utilização por automóveis do percurso da Av. de Ceuta a fim de evitar engarrafamento no largo de Alcântara

- Não parqueamento de veículos ligeiros no lado sul da linha de comboio (entre esta e o rio) a fim de evitar quaisquer acidentes ao atravessar a linha ou a Av. da India.

- E, finalmente, torna-se necessário respeitar as indicações dadas pelos elementos da organização da Festa e pelos agentes de trânsito da PSP!

Trabalho

O desemprego, no nosso país, é uma situação que atinge cerca de 420 mil pessoas, das quais só uma escassa percentagem é subsidiada pelo Estado. A curva de desemprego (ofertas de força de trabalho não satisfeitas) em Portugal acusa uma inflexão acentuada a partir de meados de 1974, coincidindo com as transformações económico-sociais que se processaram a partir de Abril e em sintonia com o agravamento das taxas de desemprego nos países ocidentais, resultado evidente da crise do capitalismo internacional.

A situação, pelo que nos toca, é grave. O dr. Sérgio Ribeiro, actual director-geral do Emprego, fez para o «D. L.» o diagnóstico da situação, revelou números, denunciou causas, apontou perspectivas. Das suas palavras resulta com clareza que a solução terá de ser global, passando pelo planeamento da economia por forma a permitir uma aplicação satisfatória dos nossos recursos humanos e económicos.

DIRECTOR-GERAL DO

O desemprego em i reflecte a crise do c

• cerca de 420 mil desempregados em Agosto

• subsídio só beneficia 30 mil pessoas

Qual a situação do «mercado do emprego», através dos Serviços?

Com toda a objectividade — e sobretudo com a que é irrecusável mesmo por aqueles que medem a objectividade pelo número certo até às unidades... no final de Agosto de 1976 havia inscritas 188 810 procuras de emprego de cidadãos desempregados, a que se contrapunham 4 512 ofertas de emprego, no conjunto de todo o território, o que dá a relação bem pouco tranquilizadora de 2,4 ofertas para cada 100 pedidos de emprego.

E estes números correspondem a desempregados — ou como tal tomados pelos serviços — pois há ainda mais cerca de 13 mil inscritos não desempregados num total de pouco mais de 200 mil portugueses procurando — através dos serviços — emprego, e menos de 5 mil ofertas que possam ser apresentados como hipótese de solução. Bem desequilibrada balança...

Significado destes números?

Estática e estatisticamente é uma amostra. Quer dizer que a parcela de desempregados que se inscreveu nos serviços — e que poderá representar um pouco mais de 45 por cento da totalidade, por ser a taxa de penetração que estimamos — nos dará o número aproximado de 400/420 mil desempregados.

Ainda estatisticamente, mas já procurando uma evolução, temos uma série pouco agradável, como se pode ver nos quadros e gráficos que vos posso facultar, mais ainda se observarmos que a «oferta» e a «procura» se aproximavam e, depois de Abril de 1974, a divergência das curvas que reflectem as séries é impressionante.

Quer então dizer que o 25 de Abril de 1974 é a causa?...

Diria que não só, e diria mesmo que **não principalmente**, qualquer a força que se queira dar aos efeitos indirectos e de «ajuda». Não é por estar no lugar em que estou que deixarei de afirmar o que sempre considerei definidor do capitalismo: a força do trabalho é mercadoria, como mercadoria deve alguma estar armazenada, quando a crise se agrava, ou se torna geral, os níveis de «stock» causam graves problemas...

E o mundo capitalista, particularmente desde o final de 1973/começo de 1974, tem visto o desemprego aumentar. Mostro-vos outros gráficos em que Abril de 1974 é ponto de inflexão, como o foi para Portugal, e assim talvez se possa verificar que as curvas de «procura de emprego» não começaram a subir — e daquela maneira — por causa dos capitães, do MFA, mas sim de uma crise do capitalismo, com reflexos em Portugal.

«Portugal viveu década e meia a exportar desempregados e a fardar emigrantes para guerras africanas, assim evitando desemprego»

O QUE NÃO SE INVESTIU

Mas não há causas portuguesas?

Evidentemente. Mas até das mais importantes são indirectamente resultado da crise do capitalismo ou do desemprego crescente que sofre desde 1974. Portugal viveu década e meia a exportar desempregados e a fardar emigrantes para guerras africanas, assim evitando desemprego. A média de emigração ultrapassava 120 mil por ano, é preciso não esquecer! E parou brutalmente! Que a desmobilização **se mede por dezenas de milhares e que retornaram de África muitos portugueses activos calculáveis em centena e meio de milhares...**

E **sobretudo** o que não se investiu, os postos de trabalho que não se criaram por não se terem aplicado poupanças, poupanças verdadeiras ou falsas com que antes especulavam em várias e «interessantes» operações.

Uma soma de muitas parcelas positivas para desemprego e de parcelas negativas de não criação de postos de trabalho.

Então esse número que referiu não é demasiado pequeno?

É uma estimativa. Não direi que é a única séria, mas não há por onde escolher. O Departamento Central de Planeamento (DCP) calcula por uma outra

«Quando o desemprego é mal geral e motivo de tanta preocupação, perguntar-se-á porque tão pouco se fala dele e menos se ouve quem estará dentro do problema nos seus aspectos particulares.

O Serviço Nacional de Emprego e o Serviço de Formação Profissional foram das heranças de antes do 25 de Abril que não seriam de «deitar fora». Corresponderiam à transposição, para Portugal, de serviços experimentados no estrangeiro próximo, e teriam a finalidade de servir uma política económica aparentada (embora pobre e terrorista). E como a política económica assenta — *sempre* — no trabalho do homem, o SNE seria um serviço que interviria no mercado do trabalho, e o SFP um serviço que continuaria essa intervenção, num ambiente relativamente calmo (ou repressivamente acalmado...), podendo até apresentar-se como instituições com qualidades tecnocráticas apreciáveis em regime que nem essas tinha.

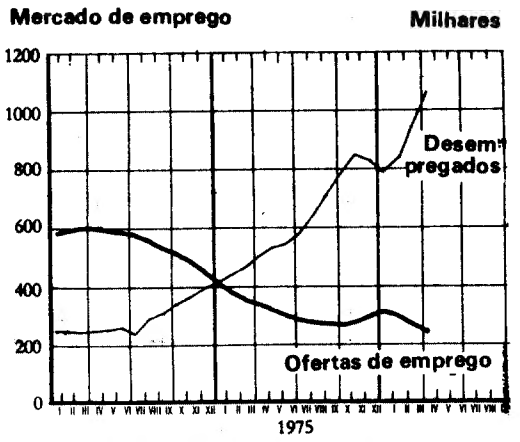
É verdade que alguns centros (de emprego ou formação) foram instalados, aqui ou ali, por influência de caciquismo local, compadrio, ou até outras razões que a razão desconhecerá. Mas também é verdade que, o 25 de Abril de 74 veio encontrar instrumentos montados relativamente estruturados, aproveitáveis tecnicamente para finalidades diferentes que não as de ajustar mercado de trabalho em tempo de não-desemprego, ou de servir de tampão ou de muleta de preparação de profissionais para empresas ou grupos poderosos, ainda que tais não fossem as intenções.

Até Dezembro de 1974 teria havido outras prioridades, mas então saíu um decreto-lei que institucionalizava a Secretaria de Estado do Emprego, e nela incluia o SPE (como Direcção de Serviços de Emprego na Direcção-Geral do Emprego) e o SPF (como Direcção de Serviços de Formação Profissional na mesma DGE). Seria um começo... mas não o chegou verdadeiramente a ser. A travessia jurídico-regulamentar manquejou os saltos e sobressaltos dos Governos Provisórios e do processo político-militar».

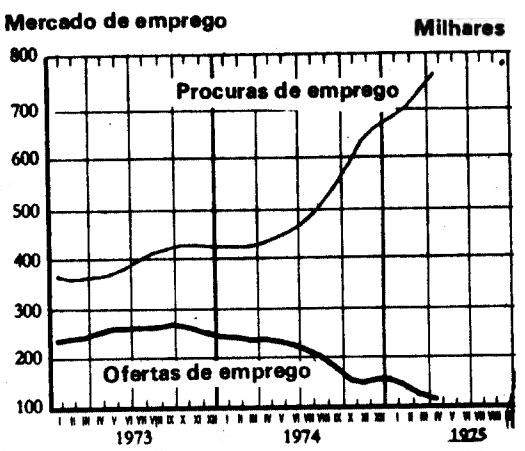
MERCADO COMUM...

DINAMARCA

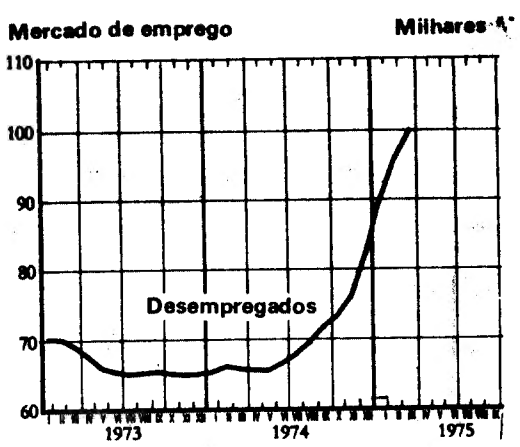
ALEMANHA FEDERAL



FRANÇA



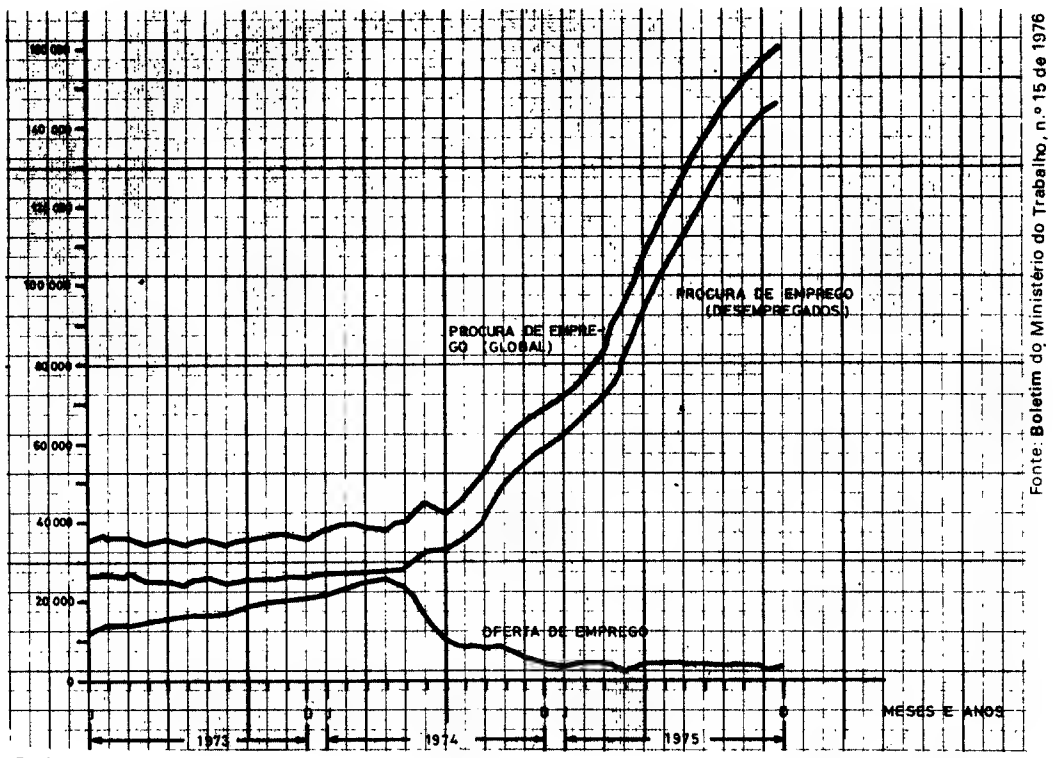
IRLANDA



Trabalho

EMPREGO AO "D.L."

Portugal capitalismo mundial



O desemprego em Portugal evoluiu, até fins do ano passado, da forma que o gráfico documenta. Os dados não são globais, respeitando apenas aos elementos disponíveis da Direcção dos Serviços de Emprego

forma, estimando a procura total de emprego através dos recursos disponíveis e confrontando-a com oferta de emprego, que é a população activa com profissão sendo a diferença o desemprego. O último valor que foi publicado — acabado de sair, e referido a Maio de 1976 — avançava com estimativas relativas ao final de 1975 e dava 322 mil desempregados. Para os nossos serviços, a inscrição de 145 922, no final de Dezembro de 1975, daria 324 mil à taxa de penetração de 45 por cento, o que é motivo de satisfação... técnica!

TAXA DE DESEMPREGO: 9,4 POR CENTO

Sim... pois os valores não são agradáveis. E são graves?

Diria que sim. O DCP calcula, para o final do ano de 1975, 9,4 por cento da taxa de desemprego da população activa, o que é efectivamente preocupante ou grave, embora não caótico... e é curioso que os «sábios do M.I.T.» (Massachusetts International of Technology) se admiraram da saúde da economia portuguesa no começo de 1976...

Então?

Bem... os 9,4 por cento serão 12,5 por cento para este final de Agosto, mas desde o princípio do ano não aparecem os sinais irrefutáveis de que novos postos de trabalho se estão a criar, embora o número de «ofertas» de Agosto surpreenda reforçando o sinal positivo de Julho de 1976. De qualquer modo, continua a ser uma amostra, e se a inscrição dos desempregados é aleatória, a da «oferta» de empregos ainda mais o é não obstante os esforços que os serviços têm feito — criando grupos de trabalho, apresentando propostas — para que a «inscrição obrigatória da oferta» venha a fazer-se num serviço que dispõe de capacidade e quer afirmar-se útil.

Mas, ao fim e ao cabo, querendo ajustar «oferta» e «procura», não se inscrevendo a «oferta» como se desejaria, penetrando só 45 por cento (e se for) do total de desemprego geral, qual a capacidade de intervir no mercado?

Diga-se, para já, que os tais 45 por cento não são desesperantes numa amostra, e que se espera que a «oferta» acabe por vir mesmo aos serviços e eles estejam capacitados...

Acrescento, ainda, que o decreto-lei 169/D/75, ao instituir o subsídio de desemprego (Abril de 1975) veio tornar aliciante (triste aliciante) a inscrição da «procura», pois o acesso ao subsídio só se faz por efeito dessa inscrição. Embora o decreto-lei (que há um ano espera revisão) seja muito restritivo há cerca de 30 mil inscritos que dele beneficiam.

32 MIL PROCURAM PRIMEIRO EMPREGO

E o primeiro emprego?

Quem procura o primeiro emprego não tem acesso ao subsídio e estarão inscritos, no final de Agosto, cerca de 32 mil portugueses procurando — através dos serviços — o primeiro emprego, e é curioso notar a importância que os serviços estrangeiros atribuem à influência, as curvas de procura, do final do período académico.

Mas os nossos serviços são só isso... são o «ajuste do mercado»?

Pelo meu lado, desejaria bem que não. Entendo que deveríamos ser instrumento, rede regional (que há), estrutura pluridisciplinar (estatístico, informação, orientação profissional, colocação, análise de profissões, etc.), e instrumento para uma política.

Os serviços deveriam contribuir para o melhor conhecimento possível da situação do «mercado de emprego», ser parte de um conhecimento global fundamentador da política global, e ser executores de política sectorial definida para o emprego, no quadro de uma estratégia global. Nunca gestor de **stock** ou fiel de armazém!

E será possível?

Penso que sim. Têm-se passado contingências e, sobretudo, oscilações ou ausência de decisão política. Como instrumentos teremos de o ser de uma política. Pelo meu lado, e sei que os serviços assim estão receptivos — e bem mais: desejosos — penso que deveríamos ser instrumento de uma política global, coordenada, interministerial, assente no direito ao trabalho como direito inalienável e... constitucional.

Mas há divórcio ou dificuldade entre o que é técnico e executivo e o que é política?

Não diria isso... não o penso assim. Mas o técnico e o executivo não pode substituir uma política. E ela é indispensável, mas não depende do que se chamará emprego. O **emprego** não se resolve no **emprego**, resolve-se em política global que considera o direito ao trabalho como elemento-chave e inalienável. O emprego será responsável por mal cumprir uma política ou por a ter mal informado. Nada mais!

Acções pontuais, fora da política global, de uma planificação económica e participada, serão aspirina igual ao subsídio que mantém rendimento, mas não ajudarão à cura do doente cuja única terapeutica é o trabalho produtivo, remunerador, livremente escolhido.

REFORMA AGRÁRIA OCUPOU BRAÇOS

No entanto, há coisas a fazer... e como explicar que, apesar de tudo, V. possa dizer que a situação não é tão má como isso?

Bom, isto é um pouco do muito que haveria para dizer, e procurando «localizar», emprego e o desemprego sem passar abertamente para outros terrenos.

Mas refiro algumas observações. A primeira é sobre a reforma agrária, no Sul, que não só ocupou terras como ocupou braços e produziu riqueza, e importa dizer que uma primeira portaria (de 10 de Setembro de 1975) e duas com alterações (de 4 de Março de 1976 e de 28 de Maio de 1976) regulamentam a prestação de trabalho rural nos distritos do Sul, inclusive tendo em tenção o que considero mais grave ainda que o desemprego que é o subemprego, e não me refiro só ao caso específico; uma segunda, é a de que alguns subsidiados como desempregados não o estarão, e até alguns estão no regresso (talvez episódico) ao sector primário, à agricultura; uma última, é a de que existirá sobretudo, e presentemente, uma capacidade produtiva por utilizar... e nela permito-me incluir (e incluir os serviços) como instrumental, meios, recursos humanos que esperam decisão política para serem instrumento, meio, recurso útil duma política de conjunto ao serviço do povo português.

«O emprego não se resolve no emprego, mas em política global que considere o direito ao trabalho como elemento-chave e inalienável»

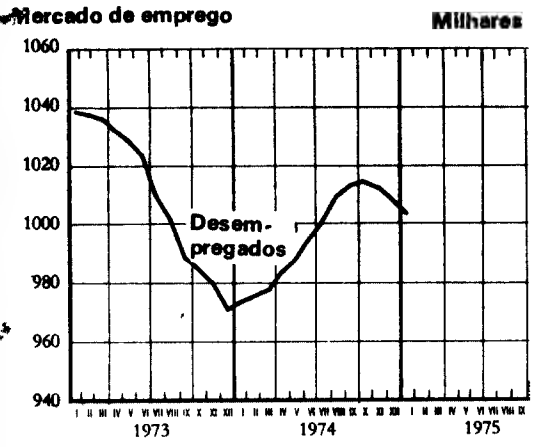
E não posso terminar (pois parece-me ser altura) sem acrescentar que considero pouco mais ter avançado que um aperitivo.

Mas, ainda antes, uma última pergunta: qual o papel dos serviços se o caminho for abertamente para o socialismo?

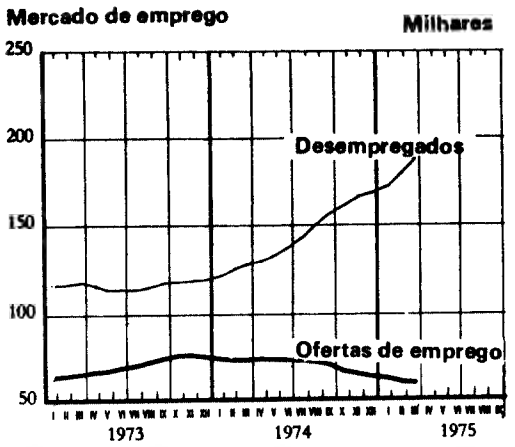
Para mim mais evidente é o que já afirmei: os serviços de emprego na transição para o socialismo serão instrumentos de uma política global, planificada e participada, contribuindo com informação para a actividade económica que assente no direito ao trabalho, e serão instrumento (de execução) da política sectorial que decorreu dessa política global, não condicionada por objectivos privados e de acumulação do capital; não quer isto dizer que a iniciativa privada não tenha o seu lugar na criação de postos de trabalho (e ao serviço de interesses privados), mas sim que o que deverá condicionar e determinar é o objectivo social, e ele toma a expressão de **consagrar o direito ao trabalho.**

Fonte: A situação económica da Comunidade, relatório da Comissão das Comunidades Europeias, Julho de 1975

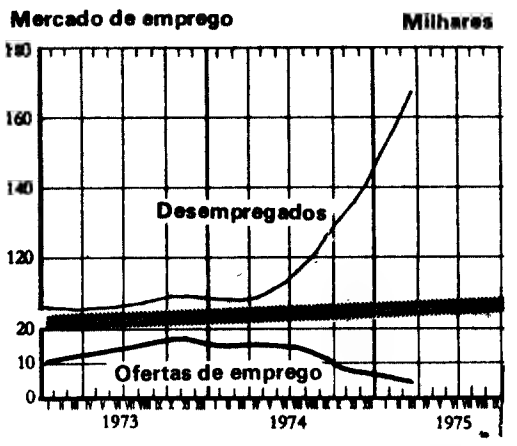
ITÁLIA



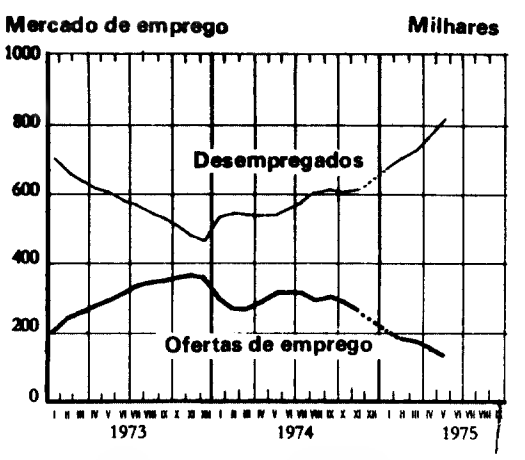
HOLANDA



BÉLGICA



GRÃ-BRETANHA



Estrangeiro

Equador: mistura normal de política e petróleo

Wilson Tapia (IPS)

QUITO — A notícia da nacionalização dos activos da empresa petrolífera norte-americana Gulf começou a abandonar o terreno económico para entrar no político.

Enquanto é cumprido o prazo de 30 dias concedido pelo Governo do Equador para que a companhia cancele as suas dívidas e inicie as negociações a nacionalização preocupa os políticos do país.

Até o próximo dia 30 de Setembro, irão suceder-se comunicados, críticas e ataques. Um partido político recusa a possibilidade de nacionalizar a Gulf e acusa o ministro dos Recursos Naturais de parcialidade em favor das empresas multinacionais. O Governo, pelo seu lado, esclareceu que a iniciativa nacionalizadora pertence ao triunvirato militar que está à frente do Governo equatoriano e que o ministro do Petróleo (Recursos Naturais e Energéticos) é apenas o executor desta determinação.

A ACTUALIDADE

O Equador caminha para o quinto ano de regimes militares. Primeiro com o general Guillermo Rodrigues Lara, — que deixou a presidência no passado dia 11 de Janeiro. Desde então, o Governo é compartilhado pelos três comandantes em chefe das Forças Armadas.

A saída de Rodrigues Lara ocorreu logo que fortes pressões dos sectores civis de direita se fizeram sentir, exigindo a entrega do poder. O mandato de Rodrigues Lara terminou quando essas exigências encontraram um eco considerável nas fileiras militares. Isto ficou demonstrado no dia 1 de Setembro do ano passado, quando foi tentado um frustrado golpe militar. A acção fracassou mas deixou um saldo de 29 mortos e dezenas de feridos.

Desde esta época, as tensões entre civis e militares diminuiram, mas apenas temporariamente. Entretanto, as autoridade trataram de continuar com um plano de retorno à democracia representativa, que culminará no mês de Janeiro de 1978.

Neste ambiente, qualquer conjuntura é utilizada politicamente pelos partidos. Esses agrupamentos, teoricamente, encontram-se em retrocesso, mas diariamente dão provas de actividade, através dos meios de comunicação. Em termos de representação de massas, entretanto, é pouco o que podem fazer.

Recentemente, o Governo viu-se sacudido por acusações sobre presumíveis irregularidades em matéria petrolífera e os argumentos usados pelos opositores provinham, precisamente, de um militar: o gerente geral da Corporação Petrolífera Equatoriana (CEPE). Ainda que as acusações tenham sido desmentidas publicamente pelo próprio funcionário, as críticas continuaram. Agora, tudo parece ter passado ao esquecimento, com a notícia da nacionalização. Esta medida conta com uma considerável popularidade.

Observadores locais tendem a ver na última notícia oficial, uma tentativa de conseguir dividendos políticos. Os primeiros anúncios foram feitos pelo ministro dos Recursos Naturais, Rene Vargas Pazzos, mas a Presidência da República reagiu rapidamente. A única novidade dada pelo secretário geral da administração ao que já era conhecido foi que as medidas que haviam sido adoptadas em relação à Gulf emanavam directamente do Conselho do Governo. Uma afirmação que parecia evidente, desde o momento em que Vargas é apenas um ministro que pertence a um Governo com uma linha determinada.

Talvez o que tenha apressado o «esclarecimento» do secretário da administração tenha sido o facto de Vargas ter impulsionado a ideia nacionalizadora desde que chegou ao cargo ministerial, em Janeiro passado. Anteriormente, não havia tido qualquer apoio.

Para os partidos políticos será uma tarefa difícil adoptar uma atitude opositora frente a uma medida nacionalizadora. Mas já a Frente Radical Alfarista de orientação de direita, lançou as primeiras críticas. Não se opõe à nacionalização mas denuncia a operação da forma como está planeada, como um mau negócio para o Estado.

POSSIBILIDADES

..Parece evidente que uma realização desta natureza permitirá aos militares recuperar um pouco do muito terreno perdido perante os cidadãos. E o que é mais importante para eles: dará confiança, novamente, a sua única base de apoio real, às Forças Armadas.

Por outro lado, analistas políticos nacionais estimam que a nacionalização da Gulf outorgará ao Governo um período de paz ou trégua política — que lhe permitirá seguir no caminho traçado para o retorno à democracia representativa.

Enquanto os políticos se preparam, os aspectos técnicos da nacionalização não foram descuidados. A Gulf opera no Equador em consórcio com a Texaco, também norte-americana, e a CEPE. As duas empresas dos Estados Unidos manejam, cada uma delas, 37,5 por cento do consórcio, enquanto a companhia estatal equatoriana tem direito a apenas 25 por cento. 62,5 por cento.

Uma vez realizada a nacionalização, a CEPE ficaria com 62,5 por cento e a Texaco continuaria com os seus 37,5 por cento. Esta última empresa não tem problemas pendentes com o Estado e tanto os seus executivos como as autoridades foram claros ao afirmar que as boas relações actuais continuarão. A Texaco, inclusive, afirmou oficialmente que ficava no Equador e que estava ultimando preparativos para a ampliação dos seus instrumentos.

A última delcaração da Texaco fez renascer a possibilidade de compra de parte dos activos e direitos hoje pertencentes à Gulf. Esta ideia, a princípio, foi apresentada, mas foi deixada de lado em razão da falta de maior interesse em avançar com o negócio. Agora, em contrapartida, parece que novamente esta alternativa é encarada. A ser assim, a CEPE, estatal, ficaria com 51 por cento e somente a Texaco teria 49 pro cento.

Tudo parece indicar que a nacionalização é um facto e também tudo revela que até 30 de Setembro esta medida ocupará o terreno político com exclusividade.

O Governo militar tem vantagens com esta conjuntura, mas os partidos tradiconais trataram de encontrar a fórmula que permita utilizar a iniciativa e, paralelamente, golpear o executivo.

Esta possibilidade poderá apresentar-se se os militares cometerem algum erro grave nas negociações. Se isso ocorrer, a direita civil terá um argumento de muito peso para exigir a entrega imediata do poder.

Ensino Particular

(Col. Sá de Miranda)

ABERTURA DAS AULAS:
dia 4 de Outubro

REUNIÃO DE PAIS:
Ens. Primário 30/9
Pré-Primário 1/10

R. Alexandre Braga, 17
Telefs 45310 e 537532

A CARRIS INFORMA:

«PASSES SOCIAIS»

A aquisição dos bilhetes de transporte para OUTUBRO, destinados ao cartão de identificação de assinante, poderá ser feita nos dias, locais e horários a seguir indicados:

DE 27 DE SETEMBRO A 6 DE OUTUBRO

A EXCEPÇÃO DOS DIAS 2, 3 e 5 DE OUTUBRO (SÁBADO, DOMINGO E 3.ª FEIRA)

Das 9.00 às 19.00 horas
— Campo Pequeno
— Estrela (eléctricos)
— Moscavide

Das 12.00 às 15.00 e das 16.00 às 19.00 horas
— Algés
— Benfica
— Cais do Sodré (autocarros no lado Nascente)
— Gomes Freire
— Graça
— Poço do Bispo
— Rato
— Rossio (autocarros na placa central, frente ao Teatro)
— Sete Rios

POSTOS PRINCIPAIS:

Santo Amaro, Arco do Cego, Cabo Ruivo, Santa Justa — Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 h.

A PARTIR DE 7 DE OUTUBRO

Santo Amaro — Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 15.30 h.
Santa Justa — Das 9.00 às 12.00 e das 13.00 às 19.00 h.

NOTAS:
1 — Os cartões de identificação de assinantes só podem ser requisitados **de 2.ª a 6.ª feira** nos Postos Principais e nos dias e horários indicados.
2 — Esclarece-se que as pessoas já possuidoras de cartão de identificação de assinante podem servir-se de outrem para a compra do bilhete de transporte.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDUSTRIA METALURGICA E METALOMECANICA DO DISTRITO DE LISBOA

MOÇÃO

GESTÃO DEMOCRÁTICA DA PREVIDÊNCIA

Os Sindicatos presentes na Reunião Geral de Sindicatos, no Instituto Superior Técnico, em 4.9.76,

Considerando:

. — Que os trabalhadores descontam dos seus salários para a Previdência muitos milhões de contos por ano (34 milhões é a previsão para 1976);

. — Que, apesar desta fabulosa verba, a Previdência e a Saúde que lhes têm sido proporcionadas são as que mantêm os reformados com pensões de miséria e Portugal como País da Europa com maior mortalidade infantil;

. Que, apesar dos esforços dos representantes do Movimento Sindical na gestão das Caixas, ainda não se conseguiu reestruturar a Previdência em termos democráticos, mantendo-se no essencial a estrutura fascista, devido aos boicotes do Ministério dos Assuntos Sociais;

. A linguagem tecnicista do Programa de Segurança Social e Saúde do Governo Constitucional que revela uma concepção tecnocrática da gestão da Previdência que repudiam;

. Que a gestão da Previdência, com a efectiva participação dos trabalhadores a todos os níveis — conforme a Constituição reconhece — será eficaz se for democratizada, com economia de muitos milhões de contos;

. Decidem:

. 1.º Manifestar ao Governo que nunca aceitarão o afastamento dos representantes do Movimento Sindical na gestão das Caixas, em troca de qualquer falsa representação ou qualquer organismo-fantasma sem nenhuma intervenção efectiva, apenas para que se dê a aparência de respeitar a Constituição;

. 2.º Reivindicar a presença de representantes do Movimento Sindical no Instituto de Gestão Financeira da Previdência, o qual parece estar a ser constituído nas costas dos trabalhadores, bem como nos centros distritais e regionais de segurança social, de que fala o Programa de Governo;

. 3.º Reivindicar uma progressiva reestruturação orgânica e funcional da Previdência que vise a sua descentralização ao nível das empresas, com participação dos Delegados Sindicais à Previdência, cujas funções devem ser reconhecidas legalmente, com vista a:

. a) Pagamento — nos locais de trabalho e sem atrasos — dos abonos de família e subsídios de doença, de nascimento, etc.

b) Aumento e pontual pagamento das pensões de reforma e viuvez;

. c) Criação do Serviço Nacional de Saúde, gratuito e eficaz, com participação e mobilização das populações para as tarefas sanitárias.

4.º Apelar aos trabalhadores da Previdência para que cooperem nestes objectivos a favor da saúde e da segurança social do Povo Português.

APROVADO POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO

Lisboa, 23 de Setembro de 1976
A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DAS INDUSTRIAS DE PANIFICAÇÃO E PRODUTOS ALIMENTARS AFINS DO DISTRITO DE LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
DIA 3 DE OUTUBRO

CONVOCATÓRIA

Em conformidade com a deliberação tomada na última Assembleia Geral Extraordinária de 15 de Agosto último e ainda em conformidade com a decisão do Plenário da Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins realizado em 18 de Agosto último, torna-se imperioso convocar uma Assembleia Geral Extraordinária a fim de informar a classe sobre o andamento dos trabalhos de elaboração da Portaria de Regulamentação de Trabalho prometido pelo sr. ministro do Trabalho para o nosso sector.

Aproveitamos ainda para nesta Assembleia prestar esclarecimentos sobre o Congresso de todos os Sindicatos portugueses.

Assim, nos termos da alínea b) do Artigo 33.º dos Estatutos do Sindicato, convoco todos os sócios do Sindicato para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar ao próximo dia 3 de Outubro (domingo), pelas 09.30 horas, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, na Rua Rovisco Pais em Lisboa, com a seguinte **ORDEM DE TRABALHOS:**

. 1.º Informações sobre os trabalhos de elaboração da Portaria de Regulamentação de Trabalho para a Indústria de Panificação em sequência da promessa feita pelo sr. ministro do Trabalho à Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação, Produtos Alimentares e Afins, em 24 de Julho último.

a) Medidas a tomar face à situação existente.

2.º Congresso de todos os Sindicatos Portugueses.

NOTA: É NECESSÁRIA A APRESENTAÇÃO DO CARTÃO DE SÓCIO DO SINDICATO:

. **SÓ COM A PRESENÇA DE TODOS, SÓ COM A FORÇA DA NOSSA UNIDADE PODEREMOS VENCER!**

NÃO DEIXES AOS OUTROS AQUILO QUE TU TENS O DEVER DE DEFENDER!

COMPARECE E PARTICIPA!

Lisboa, 20 de Setembro de 1976

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Arão das Neves Ribeiro

Estrangeiro

ANIVERSÁRIO DE EXECUÇÃO

Medidas de segurança excepcionais em cidades espanholas

. MADRID, 25 — (ANOP) — As autoridades governamentais espanholas ordenaram a montagem de medidas de segurança excepcionais nas principais cidades do país, depois de grupos de esquerda terem anunciado uma série de manifestações, destinadas a assinalar a passagem do primeiro aniversário da execução de cinco guerrilheiros nacionalistas espanhóis.

Círculos políticos de esquerda indicaram que é possível a ocorrência de graves confrontos com as autoridades policiais.

Na região setentrional basca, que constitui a zona fulcral de contestação no país, as forças anti-governamentais espalharam milhares de panfletos apelando para a população se manifestar e cumprir uma greve geral na próxima segunda-feira.

Entretanto, o governo parece ter recomendado à polícia formas não violentas de contenção dos manifestantes, na sequência do clima de instabilidade laboral gerado pela morte de um operário no princípio deste mês.

Círculos de esquerda de Madrid, Barcelona, Valência, Bilbau e San Sebastian declararam que muitos milhares de manifestantes deverão exigir publicamente uma amnistia do governo para todos os presos políticos e prestar homenagem aos cinco espanhóis executados à ordem do general Francisco Franco, pouco tempo antes do ditador morrer.

A execução dos cinco espanhóis em 27 de Setembro do ano transacto, dois bascos e três anarquistas, deu origem a uma onda de protestos no estrangeiro, tendo vários governos europeus mandado chamar temporariamente os seus embaixadores acreditados em Madrid.

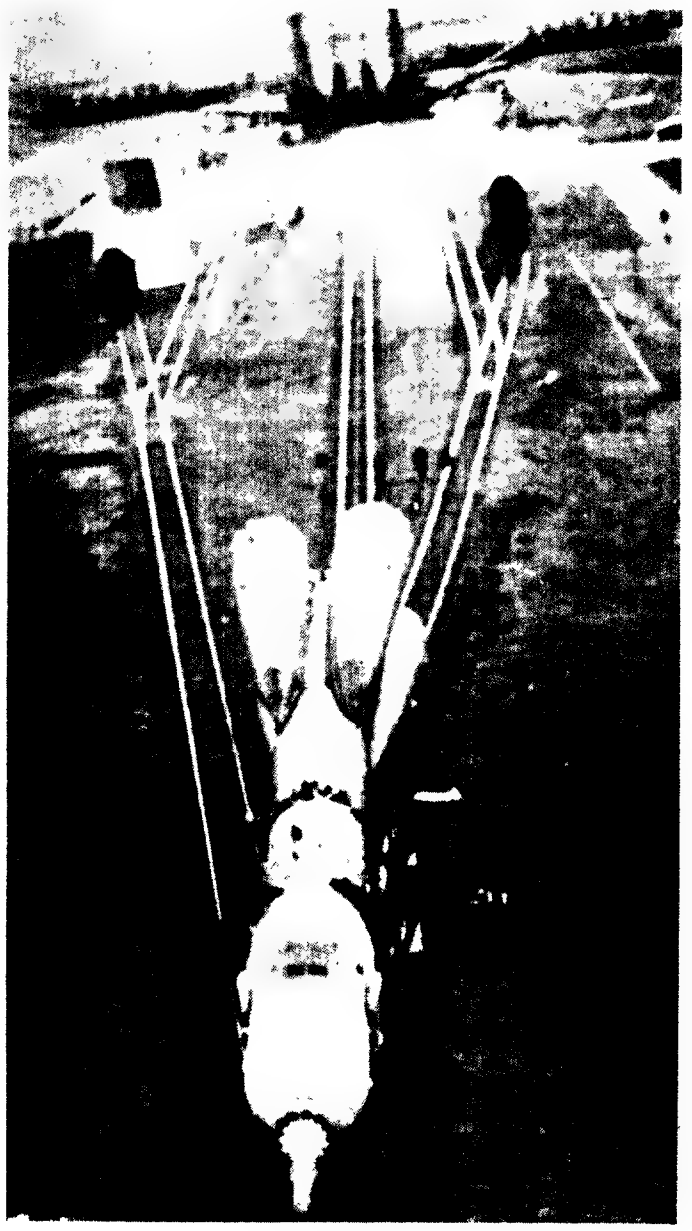
No entanto, a primeira grande acção de protesto iniciou-se em Barcelona, capital da Catalunha, com a abertura de uma exposição de Arte a favor da amnistia política, organizada pela Fundação Juan Miro, um dos mais proeminentes pintores do mundo contemporâneo.

Por outro lado, na populosa cidade industrial de Bilbau, mais de mil pessoas desfilaram em sinal de protesto pela morte de um operário de 24 anos, abatido pela polícia no decorrer de uma manifestação.

Entretanto, a Associação das Famílias e Amigos dos Presos Políticos, uma organização formada após a morte de Franco, apelou para a realização de manifestações à escala nacional, em locais e horas prefixadas nas cidades de Madrid, Bilbau, Barcelona e outros importantes centros populacionais espanhóis.

O governador civil de Vigo decidiu aprovar uma manifestação marcada para aquela cidade da Galiza contra a pena de morte, com a condição desta se realizar três dias após a data do aniversário da execução dos cinco guerrilheiros espanhóis.

Em San Sebastian, a tensão aumenta a cada momento, prevendo-se a ocorrência de manifestações violentas, depois das próprias autoridades civis da cidade terem acusado a polícia de exercer repressão violenta e o governo central de se mostrar incapaz de promulgar legislação adequada que regulamente a realização de manifestações.



A nave espacial soviética Soyuz-22 e o respectivo foguetão no momento em que eram transportados para a rampa de lançamento, no passado dia 15. Oito dias depois, a Soyuz, de regresso à Terra, após um voo orbital, aterrou no local previsto. Os dois tripulantes — Valery Bykovsky e Vladimir Aksenov — cumpriram integralmente o programa da missão, que entrará na História como o primeiro voo espacial de cooperação entre países membros do Comecon. Uma câmara fabricada na República Democrática Alemã fotografou parcelas dos territórios soviético e alemão oriental

Amnistia Internacional faz o mapa da violência

. ROMA, 25 — (IPSe DL) — O mapa das torturas no mundo e a maneira de acabar com elas são os temas tratados no âmbito do congresso anual da Amnistia Internacional, a prestigiosa associação fundada há 15 anos por um advogado inglês. A Amnistia Internacional estendeu a sua actividade de tutela dos Direitos Humanos atingindo actualmente 78 países. Os seus trabalhos são coordenados em Londres. O congresso iniciou-se no passado dia 23 e termina amanhã, dia 26, em Estrasburgo, França.

Através de 33 secções, a Amnistia Internacional examina presentemente 3.000 casos de presos políticos, publica boletins e «cadernos» mensais, organiza convenções, debates e conferências de Imprensa e exerce pressões sobre os governos.

O aniversário do golpe de Estado no Chile voltou a colocar os problemas dos direitos humanos, que continuam a ser espezinhados naquele país, três anos depois da instauração do regime fascista. Calcula-se que em 10.000.000 de habitantes 120 mil foram presos continuando seis mil ainda encarcerados e contando-se dois mil que desapareceram sem deixar rastro. A tortura é amplamente praticada pela polícia secreta, a tristemente famosa DINA, que não poupa mulheres nem crianças, nem velhos. A indignação pelo que se passa no Chile não deve, entretanto, fazer esquecer as situações análogas, e muitas vézes idênticas, que existem noutros países da América Latina, do Sudoeste Asiático e do Médio Oriente. O caso do Irão, único país onde a tortura é reconhecida oficialmente, foi levado, há dias, ao conhecimento da opinião pública. Pormenores desesperantes surgiram sobre a situação na Indonésia, onde 80 mil pessoas estão nos cárceres desde os tempos do falhado golpe de Estado, em 1965.

Em todo o mundo, o número de presos políticos chega a um milhão e meio. É de notar que todos os países citados são membros da Organização das Nações Unidas e subscreveram a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

No congresso, a Itália apoia a proposta holandesafpara a adopção de boicotes económicos contra os países que praticam a tortura e violam os Direitos Humanos.

Felipe Gonzalez: 750 mil desempregados

AMSTERDÃO, 25 — (R) — Felipe Gonzalez, secretário-geral do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) chegou a Amesterdão para uma visita de dois dias à Holanda, durante a qual terá uma reunião com o primeiro-ministro socialista holandès Joop Den Uyl.

Gonzalez declarou aos jornalistas no aeroporto estar preocupado com a situação económica do seu país.

Disse que a inflação aumentou 20 por cento nos últimos 12 meses e que cerca de 750.000 pessoas estão desempregadas, ou seja, sete por cento da força de trabalho.

Gonzalez manifestou esperar um «duro confronto» este Outono entre o governo, organizações patronais e trabalhadores espanhóis sobre novos aumentos de ordenado.

Gonzalez avista-se hoje com Den Uyl e com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Max Van Der Stoel, numa reunião do executivo do Partido Trabalhista holandès.

Callaghan rejeita nacionalizações propostas pelos trabalhistas

. BLACKPOOOL, 25 — (R.) — O primeiro-ministro britânico, James Callaghan, declarou que vai abrir um inquérito às operações da City, o bairro financeiro de Londres que tem sido abalado recentemente por uma série de escândalos, mas rejeitou ao mesmo tempo a nacionalização dos principais bancos e companhias de seguros, pedida pela ala esquerda do seu Partido Trabalhista.

Callaghan revelou as suas intenções numa conferência da Comissão Nacional Executiva do Partido, que reuniu nesta cidade em preparação do seu Congresso anual, que começa na próxima semana.

Disse que o Governo tenciona efectuar um inquérito completo às instituições financeiras, incluindo o sistema bancário, salientandp que os recentes escandâlos exigem acção específica, que será tomada logo que o tempo legislativo no Parlamento o permitir.

Callaghan prometeu medidas para ilegalizar as transacções internas, pelas quais os negócios das companhias podem ser manipulados de modo a beneficiar financeiramente os directores por processos fora do alcance dos investidores comuns. Em seguida, serão aprovadas leis para travar os abusos decorrentes dos empréstimos consentidos pelas companhias aos respectivos directores — acrescentou.

No entanto, o primeiro-ministro declarou que a proposta das nacionalizações, que a própria Comissão tinha ratificado, não pode ser aceite pelo Governo pois seria um «albatroz eleitoral» se fosse incluido no futuro programa político do Partido Trabalhista.

As instituições financeiras, incluindo o sistema bancário, devem ser revistas para que se estabeleça uma fiscalização pública mais estreita e, também, para que se examine a possível extensão do sector público — sublinhou.

Acrescentou que «o nosso objectivo é assegurar que o sistema bancário actue no interesse público e seja genuinamente receptivo às necessidades da indústria manufactureira.»

. A reputação de idoneidade das principais instituições financeiras britânicas recebeu ultimamente alguns golpes espectaculares, incluindo a violação da lei das companhias. Uma das muitas averiguações em curso é a investigação da Scotland Yard às alegações de que funcionários do Banco da Inglaterra teriam transgredido os regulamentos de controlo cambial.

Caleidoscópio

BEIRUTE, 25 — (R.) — Enquanto dirigentes da esquerda e da direita na guerra civil do Líbano falam de iniciativas para a paz, sob o novo presidente, Elias Sarkis, a realidade diária do conflito pouco muda.

Uma garantia dada ontem pelos dirigentes palestinianos de que as suas tropas estavam a conter o fogo nas várias frentes de combate teve pouco efeito nos duelos de artilharia e metralhadoras em curso ao longo das linhas de batalha agora estagnadas.

ADIS-ABEBA, 25 — (R.) — O dirigente etíope, major Mengistu Hailé Marian, escapou a uma emboscada, no centtro da capital, tendo sofrido apenas um ferimento insignificante na perna, segundo o próprio oficial.

TEERÃO, 25 — (R.) — Um piloto militar russo aterrou há dois dias numa pista iraniana com um avião ligeiro e pediu asilo político nos Estados Unidos — anunciou hoje o Governo iraniano.

O piloto identificado como primeiro-tenente Zasmiov Valentine Ivanovitch, aterrou na quinta-feira na província do Azerbaijão, no noroeste do Irão, que faz fronteira com a União Soviética. Pilotava um avião ligeiro «Antonov».

No dia 6, o primeiro-tenente Viktor Belenko, aterrou no Japão com um MIG-25 russo altamente secreto e pediu asilo nos Estados Unidos, que lhe foi concedido.

PEQUIM, 25 — (R.) — O Governo chinês cancelou as festas de 1 de Outubro, o aniversário da fundação da China comunista devido ao falecimento do presidente Mao Tsé-Tung, em 9 do corrente.

RIO DE JANEIRO, 25 — (F. P.) — O bispo de Nova Iguazu, monsenhor Adriano Hipolito, raptado e seguidamente restituido à liberdade na passada quarta-feira, revelou ontem à conferência nacional dos bispos do Brasil, que os seus raptores proferiram ameaças contra um outro prelado brasileiro, o bispo de Volta Redonda, monsenhor Valdir Calheiros de Novais.

NOVA DELHI, 25 — (F. P.) — George Fernandes, presidente do Partido Socialista indiano, actualmente detido na penitenciária de Nova Delhi, foi formalmente acusado de ter fomentado uma conjura para «intimidar» o Governo central.

Reduzida a pena de Patrícia Hearst

. SAN FRANCISCO, 25 (R e DL) — Inicialmente condenada a uma pena de 25 anos de prisão, Patrícia Hearst, herdeira de uma grande cadeia de jornais da Califórnia, teve agora a pena reduzida para sete anos, poderá ser libertada provisoriamente dentro de 16 meses e ainda vai depor contra antigos companheiros do Exército Simbiótico de Libertação (S.L.A.).

Com 22 anos, Patrícia Hearst foi considerada culpada, em Abril, de participar juntamente com os seus raptores do Exército Simbiótico de Libertação, a um assalto ao Hibernia Bank, em 1974. Ontem, recebeu mais dois anos de prisão por utilizar uma arma para cometer o assalto. As duas sentenças deverão ser cumpridas simultaneamente e o juiz norte-americano William Orrick autorizou que o ano já cumprido na prisão fosse levado em consideração. Ao abrigo da lei dos Estados Unidos, que prevê a libertação condicional depois do cumprimento de um terço da pena, Patrícia poderá sair da cadeia em Janeiro de 1978.

Ao aplicar a sentença, o juiz declarou à ré que a natureza violenta do seu crime não podia ser perdoada, mas que «um período adequado de aprisionamento deveria ser aplicado, de modo a actuar como dissuasor».

Recorde-se que Patrícia Hearst foi raptada em 4 de Fevereiro de 1974, aderindo logo a seguir ao movimento dos seus captores, participando a seu lado em diversas acções.

Entretanto, mudou de ideia e, na próxima segunda-feira deverá testemunhar, em Oakland, contra dois dos antigos companheiros do SLA, William e Emily Harria, que também são acusados do seu sequestro. Patrícia Hearst enfrenta ainda um julgamento em Los Angeles por, supostamente, ter participado num tiroteio em frente de um armazém de artigos desportivos, pelo qual os irmãos Harris já receberam uma pena de 11 anos de prisão.

Espectáculos

CRISE E DEMISSÃO NO LUMIAR

Veiga Pereira contesta Helena Vaz da Silva

Do jornalista Carlos da Veiga Pereira recebemos a seguinte carta de resposta a acusações de Helena Vaz da Silva a propósito do conhecido diferendo na Televisão:

«Embora tardiamente, devido aos acontecimentos que levaram à minha demissão de director de Informação da RTP, impõe-se opor a verdade às novas acusações contra mim lançadas por Helena Vaz da Silva, tão destituídas de fundamento como as primeiras, mas muito mais despudoradamente caluniosas.

A propósito da minha referência crítica a uma das intervenções de Solnado em «Agosto 76», Helena Vaz da Silva escreve: «Como é a primeira vez que o vejo reagir à esquerda, estou ofuscada». Linhas adiante, contradiz-se. As minhas atitudes seriam mais oficiosas do que direitistas, eu teria tido, até algumas «defesas de um ponto de vista coerente de esquerda e de um conceito independente de informação». Infere-se que Helena Vaz da Silva, e Vicente Jorge Silva por arrasto, reagiria sempre à esquerda, sem um desvio, ter-se-ia batido na RTP, sem um desfalecimento, por um conceito independente de informação. Será uma surpresa para quem conheça Helena Vaz da Silva e para quem seja, como eu, leitor assíduo do «Expresso».

Padeceria, portanto, de uma ausência, ou pelo menos de uma insuficiência, de reacções de esquerda. Doença rara desde há dois anos e meio a esta parte. É um diagnóstico que se ajustará mal a quem foi detido duas vezes pela PIDE, a quem foi mandado, por motivos políticos, para a Companhia Disciplinar de Penamacor, a quem esteve exilado dez anos, a quem se despediu de um jornal como protesto contra o saneamento político de um colega, o Carlos Eurico da Costa, foi despedido de outro por reivindicar o cumprimento do Contrato Colectivo de Trabalho, foi despedido da ORTF por haver referido, numa emissão para os imigrantes portugueses, as discriminações de que os trabalhadores estrangeiros então eram vítimas em França, foi eleito chefe de redacção do «Diário de Lisboa» logo após o 25 de Abril, a quem saiu da RTP devido ao avolumar das pressões de direita (ao contrário do que pretende fazer crer a campanha animada por Helena Vaz da Silva). Há sempre alguém à nossa esquerda, é certo. Mas não creio que seja Helena Vaz da Silva quem esteja à minha esquerda.

Helena Vaz da Silva recorda «direitismos» que me teriam impressionado menos do que as antiguidades de «Agosto 76». É manifestamente infeliz. Nenhum dos exemplos que aponta comprova o que pretende demonstrar. Estives se Helena Vaz da Silva menos ocupada em substituir a sua concepção liberal da informação pela máscara de uma pseudoposição de esquerda e teria encontrado, certamente, exemplos de compromissos entre um conceito independente de informação e as solicitações e pressões do poder. É uma das servidões dos cargos de direcção de um meio de comunicação social, na televisão como na Imprensa, em Portugal como em qualquer outro país do mundo. A pedra de toque, no nosso caso, é saber se esses compromissos violam a expressão das liberdades conquistadas após o 25 de Abril. Creio que ninguém me poderá acusar de haver ultrapassado essa linha.

Evoca Helena Vaz da Silva «um programa sobre a Reforma Agrária com a CAP», para me acusar de não haver feito, posteriormente, um programa com representantes dos trabalhadores. Primeira inexatidão: não houve um programa com a CAP, mas um debate entre ministro da Agricultura e Pescas, eng.º Lopes Cardoso e dois representantes da CAP, debate de que fui moderador. Helena Vaz da Silva sabe, mas finge ignorar, que o debate foi proposto pela CAP à RTP e aceite publicamente, em Rio Maior, pelo ministro da Agricultura; que os representantes dos trabalhadores agrícolas não foram convidados para o debate por acordo entre o ministro da Agricultura e a CAP, exclusão que aceitei por a multiplicação dos intervenientes e dos pontos de vista prejudicar, inevitavelmente, a clareza de um debate na televisão; que o ministro da Agricultura, ao lamentar, no início do debate, a ausência dos trabalhadores agrícolas, não estava obviamente a atacar-me, antes pretendeu sublinhar ser indispensável a opinião dos trabalhadores agrícolas para julgar a Reforma Agrária. Acontece, ainda, que o debate se realizou no final do breve interregno entre a saída de José Carlos Megre e a entrada de Helena Vaz da Silva para a chefia da Divisão de Actualidades (anteriormente Departamento de Programas Político-Sociais). Nos seis meses seguintes, Helena Vaz da Silva chefiou a Divisão de Actualidades, o departamento a que teria competido a realização do debate com os trabalhadores agrícolas. Porque não organizou este programa? Não teria havido necessidade de um «esforço hercúleo» para me convencer a aceitar a proposta: a acreditar na imprensa de direita, fui sempre extremamente permeável às sugestões do eng.º Lopes Cardoso...

Passemos a outro ponto, deixando ao leitor as conclusões a retirar da evidente má-fé da acusação anterior. Helena Vaz da Silva diz que pretendeu organizar «um debate sobre energia com representantes do Governo e outros elementos». É exacto. O debate não se fez, acrescenta, porque o Governo não podia preparar-se com tão pouca antecedência. É menos verdade, mas ainda não é falso, já que foi a justificação dada oficialmente. Ficou, pois, Helena Vaz da Silva à espera de que o Governo se preparasse. Trocando-lhe as voltas, vou eu e combino um programa só com a parte governamental. E acrescento um toque sádico à turtuosa combinação: proponho-lhe que organize o programa. Aí falhei. Sempre fiel à sua concepção independente de informação, Helena Vaz da Silva recusou ser cúmplice do crime.

Deixemos Helena Vaz da Silva com os seus fantasmas e regressemos à realidade. O Governo tem o direito de utilizar o tempo de antena da RTP, dentro dos limites fixados no Estatuto da Televisão, para expor e defender a sua política. Exceptuados os Estados Unidos, é um direito que existe em todos os países. Ao abrigo deste direito, o secretário de Estado da Energia e Minas informou-me de que pretendia explicar ao País as razões que haviam determinado os cortes de energia. Não podia ser recusada a pretensão. Nem haveria qualquer razão para a recusar, uma vez que o esclarecimento interessava a toda a população. Sugeriu o secretário de Estado da Energia e Minas que o habitual monólogo do «Momento Político» fosse substituído por uma entrevista. Não uma declaração sob a forma de entrevista, mas uma entrevista sem perguntas combinadas, sem batota. Helena Vaz da Silva diz que recusou organizar o programa. A verdade é que não havia nada para organizar. A entrevista foi feita por José Júdice, um dos jornalistas em serviço na Divisão de Actualidades, a quem não foi imposta qualquer orientação prévia, qualquer limitação. Será suficiente para esclarecer a minha intervenção e de José Júdice neste atentado contra um «conceito independente de informação».

Helena Vaz da Silva recorda outro debate que não fez, o debate sobre os «pides»: a Comissão de Extinção, «à última da hora, não pôde vir». É verdade, mas não é toda a verdade. Cala, pudicamente, a razão por que a Comissão não pôde vir. Para avivar a memória dos mais esquecidos, bastará recordar a morte de Fernando O'Neto, tão atacado em vida, tão elogiado depois de morto. Recorda este debate para criticar, ainda que tardiamente, a Comissão de Extinção? Para condenar a libertação dos «pides»? Não. Evoca-o para me acusar de haver organizado um programa em que o presidente da Comissão deu, sozinho, o seu ponto de vista. Para insinuar que eu estaria feito com a Comissão para evitar um debate público sobre os «pides». É falso. O presidente da Comissão de Extinção fez uma comunicação ao País através da televisão por determinação do Conselho da Revolução. Nem a RTP o convidou, nem eu poderia impedir que fizesse a comunicação. O telespectador mais distraído poderá não distinguir claramente os programas que são da RTP dos programas do Governo ou das Forças Armadas. Mas é evidente que Helena Vaz da Silva, ao cabo de alguns meses na RTP, não pode fazer tal confusão.

Nova acusação: eu teria tentado impor a Helena Vaz da Silva a organização de um debate com o Secretariado da Associação de Pais, «sozinha, em directo, em data e com nomes a indicar por eles». Este debate teria sido exigido à televisão pelo Secretariado da Associação de Pais, por se considerar lesado ou mal representado num debate anterior sobre os pais e a escola. Há aqui dois erros, para não dizer duas mentiras. Em primeiro lugar, a exigência não surgiu após aquele debate, mas depois de eu, com o acordo do presidente da Comissão Administrativa, tenente-coronel Pedroso Marques, haver recusado incluir no Telejornal uma declaração do sr. Penha Coutinho, um dos animadores da Associação de Pais. Fora acordada com a Associação de Pais a apresentação de um resumo das conclusões da reunião que efectuara em Leiria. Além de exceder largamente o tempo concedido, a intervenção do sr. Penha Coutinho esquecia a reunião de Leiria, era um manifesto político. A minha decisão provocou uma campanha em alguns jornais, em especial nas colunas de «O DIA», motivou uma queixa ao Presidente da República. Posteriormente, o presidente da Comissão Administrativa da RTP decidiu oferecer à Associação de Pais a possibilidade de ir à televisão expor os seus pontos de vista, sozinha, em directo, em data e com intervenientes a indicar por ela. Limitei-me a transmitir a Helena Vaz da Silva a decisão do presidente da Comissão Administrativa. Sempre fiel a um conceito independente de informação, seria de esperar que Helena Vaz da Silva viesse a terreiro para criticar a Comissão Administrativa, a campanha na Imprensa, as influências que se terão movido a nível oficial. Não o faz. Como não ataca o Governo ou a Comissão de Extinção por se terem recusado a participar nos debates que pretendeu organizar. É uma atitude que tem um nome feio.

Apenas uma breve referência à minha recusa de reexibir, com um debate, o filme-montagem «Discurso do Poder», emitido em 25 de Abril, no programa «Especial Eleições». Poderia ter sido considerada «direitista» ou «oficiosa» a recusa de passar o «Discurso do Poder». Mas a recusa da reexibição, alguns dias depois! A adoptar-se o critério de reexibir, com um debate, os programas que suscitaram críticas, a programação da RTP transformar-se-ia no moto-contínuo.

Afirma Helena Vaz da Silva que travou uma «luta hercúlea» para que a televisão assinalasse com a projecção de «A Espiral» o dia do aniversário do golpe de Pinochet. É mentira, mais uma vez. Não houve luta, menos ainda uma luta hercúlea. A intervenção de Helena Vaz da Silva na projecção de «A Espiral» limitou-se à apresentação da proposta de aquisição, embora o filme tenha uma extensão excepcionalmente longa, pouco adaptada aos limites da programação da televisão, ainda que os direitos pedidos pelo produtor excedessem os preços habitualmente pagos pela RTP. A partir daí, não faltaram os pretextos para impedir a projecção de «A Espiral», fosse esse o meu propósito ou o do Carlos Cruz. O produtor pedia 10 000 francos franceses; Helena Vaz da Silva informou-me de que conseguira, depois de algumas chamadas telefónicas para Paris, reduzir os direitos a pagar para 5000 francos; enganara-se, o produtor consentiu apenas numa redução para 9000 francos. Fui eu, e não Helena Vaz da Silva, quem convenceu a Administração, facilmente de resto, a pagar uma quantia que excedia as tabelas normalmente praticadas na RTP. O filme só chegou a Lisboa, só foi desalfandegado, no dia 7, quatro dias antes da emissão. Helena Vas da Silva encontrava-se na Figueira da Foz, donde regressou já depois da projecção de «A Espiral». Ocupei-me eu, pessoalmente, de conseguir a sua tradução e sonorização em tão curto lapso de tempo. Houve um esforço hercúleo, mas não de Helena Vaz da Silva; foi feito pelo tradutor, Nunes de Carvalho, e pelo locutor, José Corte Real, assim como pelos técnicos que participaram na legendagem e sonorização do filme.

«Lembra-se que você dizia que do Chile já todos estão fartos», pergunta Helena Vaz da Silva, que desce, aqui, à insinuação torpe. Todos fartos. Em especial aqueles que passaram pelas cadeias da PIDE e pelo exílio, para quem o fascismo não se resumiu a um ou outro corte da censura. Em especial aqueles que sabem que um «Pinochet» português os lançaria novamente na cadeia ou no exílio. Ao contrário do que Helena Vaz da Silva talvez suponha, o Aljube, Caxias, Peniche, o Tarrafal, eram menos agradáveis do que Cascais, a Marinha ou Albufeira.

Não voltarei às acusações de Helena Vaz da Silva relacionadas com a anulação da emissão de «Agosto 76». Como ela própria escreve: «Mas para quê insistir em falar do nudismo quando todos sabemos que isso é poeira nos olhos, que o problema é outro?» O problema era e é, de facto, outro. Foi o que eu afirmei, ao situar o problema numa perspectiva política. É também o que Helena Vaz da Silva confessa, implicitamente, ao partir da reportagem sobre o nudismo para as acusações políticas a que atrás respondi.

Não deixarei, no entanto, de rectificar mais duas mentiras de Helena Vaz da Silva. Afirma que eu decidira a anulação da emissão de «Agosto 76» antes de proceder ao seu visionamento como provaria o facto de haver pedido um filme para o substituir antes de iniciar o visionamento. Bastará reler as declarações de Vicente Jorge Silva a «O Jornal» ou a nota que enviei à Comissão Administrativa a justificar a anulação da emissão, nota que foi reproduzida no «Expresso», para se verificar que só após o visionamento de «Agosto 76» foi pedido um filme para substituir este programa. Quanto ao filme «Brasil — o estalar da castanha», Helena Vaz da Silva pretende que eu me teria identificado com o protesto da Embaixada do Brasil. Nem o protesto da Embaixada do Brasil teve a gravidade que lhe foi atribuída por alguns jornais, nem eu me identifiquei com o protesto. É a insinuação torpe utilizada também a propósito de «A Espiral»... Helena Vaz da Silva não se limita, de resto, à insinuação política: «Reduzi-lo a um filme sobre prostituição como você faz é já ter um olhar muito, muito distorcido ...» Ora não fui eu, mas alguns jornais que reduziram as referências ao filme «Brasil — o estalar da castanha» à sequência sobre a prostituição. Justamente os jornais que parecem ter ficado mais incomodados com a anulação da projecção de «Agosto 76». Quanto ao olhar muito, muito distorcido, eu passei a minha infância e a minha adolescência no interior de Angola, em regiões onde o vestuário de homens e mulheres não ia além de uma tanga. Talvez, por isso, sempre me surpreendeu ver Helena Vaz da Silva vestida ...

É possível que Helena Vaz da Silva ainda volte ao ataque. Não contente em me maçar com cartas nos jornais, começou já a escrever-me cartas pessoais. Prometo ao leitor enfadado com esta polémica que não responderei às novas acusações que me venha a fazer. Mesmo que me acuse de ser do ELP, de me entregar a práticas sexuais aberrantes ou de dormir com um chapéu de chuva aberto sobre a cama.»

CARLOS DE VEIGA PEREIRA

Esta revista contém cenas eventualmente hilariantes

HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos Matinées às 16 h
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)

A CP INFORMA

NOVOS HORÁRIOS

A partir das zero horas do próximo domingo — 26 de Setembro — vão entrar em vigor novos horários, que constituem o chamado «Horário de Inverno».

Por dificuldades surgidas na execução do respectivo Guia-Horário, não será possível pôr o mesmo desde já à disposição dos interessados o que contamos fazer dentro em breve. Entretanto, aconselhamos os utentes a consultarem os cartazes horários afixados nas estações ou a esclarecerem-se nas Secções de Informações existentes nas estações de Lisboa (Santa Apolónia e Rossio) e do Porto (S. Bento).

Chamamos a atenção do público para os novos horários, porquanto foram introduzidas numerosas alterações nos que têm estado em vigor, umas por razões de ordem técnica, outras a partir de justas sugestões apresentadas pelos senhores passageiros e que puderam ser contempladas pela exploração ferroviária.

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

UMA TELEVISÃO À MEDIDA DE QUÊ?

Todos os anos, por esta altura, anunciam-se os figurinos da TV para a nova estação. Ainda ontem à tarde me entretive a reouvir uma mesa-redonda pré-histórica, isto é, de antes do 25 de Abril em que reafirmava a tripla função da TV: cultural, recreativa e formativa.

Adiante.

Para não quebrar a linha da tradição, foi-nos dado ontem a saber, grosso modo, como vai ser nos próximos seis meses.

Não vale a pena falar do menino antes do parto. A intervenção de Carlos Cruz sugere um molho de sugestões, de críticas, de comentários por dentro e à margem. Será preferível aguardar mais alguns meses, na convicção de quanto valem pouco os bons propósitos se, se e se. Até porque a urgência não é nenhuma. O projecto está a andar, foi pensado e repensado, o que se diria aqui efeitos directos não teria.

Claro que não é nunca inútil uma conversa em comum — bem diferente das conversas a um, de que temos na televisão portuguesa alguns exemplos...

Algumas linhas por que a crítica sempre se bateu em Portugal são enfim contempladas no projecto Carlos Cruz: a importância devida ao «público de ouro» que é a criança; a necessidade de uma linguagem mais viva, mais directa, sem que para isso tenha necessidade de ser água-chilra; a primazia aos assuntos nacionais, etc.

Repito que entre o pensar e o fazer alguma distância vai. Falta pouco para saber como funciona o motor.

Posto o que, seguem algumas observações primeiras.

O RUMO

Verdade que é preciso atender ao público existente. É verdade que esse público está bem longe de ser homogéneo. Trata-se de uma característica do fenómeno da TV.

Hoje, em Portugal, e no que respeita à Televisão, não são iguais os pontos de vista da CAP e dos Sindicatos Agrícolas; dos caciques e do MARN; dos homens da CIP e da Intersindical; dos recuperadores e dos trabalhadores. Não podemos esquecer, no entanto, que a Constituição claramente aponta para uma sociedade rumo ao socialismo. Nesse projecto se deve integrar a Televisão. Daqui se conclui que a Televisão deve exercer uma actividade de acordo com os interesses dos trabalhadores.

Isto em teoria pode levantar objecções do género das do costume: quem define as regras de jogo?

. Na prática tudo se esclarece. A menos que também se admita que a CAP, o CDS, a CIP, o PPD, estão ao serviço dos trabalhadores...

POBREZA, MAS...

Fala-se na probreza da Televisão no que respeita a meios técnicos e humanos. Dentro de certos limites, fora dos quais se entra na esfera dos milagres, a dedicação profissional e ideológica pode fazer muito em condições difíceis de trabalho. As coisas devem pertencer a quem as ama, segundo Brecht. A Televisão não foge à regra.

As relações humanas, quando se deterioram, tudo deterioram. As relações humanas não se fortalecem na injustiça, num clima de ódio e de suspeição. Como se pode falar um pobreza de meios e de quadros, quando algumas dezenas dos melhores profissionais se encontram afastados dos seus postos de trabalho?

. Alguns desses profissionais antifascistas estão ameaçados de despedimento num processo vergonhoso, enquanto servidores atentos do fascismo são protegidos e reintegrados em vários domínios da vida nacional.

Falar-se na pobreza de meios da Televisão tem um sabor, portanto, a hipocrisia, sendo no entanto verdade. Porque essa pobreza não se resolve com o afastamento dos bons profissionais. Pelo contrário: aumenta.

AFINAL, COMO É? (DEDICO ESTE CAPÍTULO A PITACAS ANTUNES)

Acrescenta-se uma perplexidade: estão programadas actividades no sector da música, do teatro, dos culturais. Há óperas na música, há peças portuguesas.

Acontece que Mário Vieira de Carvalho e Álvaro Salazar, responsáveis pelo sector musical, estão suspensos por motivos políticos. Quem os substituiu? Quem fez o trabalho que era deles?

. Acontece que Artur Ramos, responsável do sector teatral, está suspenso por motivos políticos. Quem o substituíu na angariação das peças? Quem faz o trabalho que era dele?

. Acontece que Manuel Ferreira, responsável dos culturais, está suspenso. Quem o substituíu? Quem faz o trabalho dele, na sua ausência?

. Em resumo: quem é que se resolve colaborar com uma Televisão onde se despedem antifascistas? Quem é que desce a substituí-los, se vier a consumar-se o despedimento? Será que o que era indecente fazer no tempo do fascismo, se pode agora fazer com uma navalha, perdão!, com um sorriso nos dentes?

ANALFAS, E NÃO SÓ

Carlos Cruz falou em 30 por cento como sendo a taxa de analfabetismo no país à beira-mar plantado. É um optimista. Conte pelo menos com 40. Há freguesias com 80 por cento de analfabetos, sabia?

. Mesmo assentando em 40, saibamos que nos restantes 60 que sabem ler muitos mal sabem ler e escrever o nome e grande parte sabe mas não usa: não compra livros, nem jornais, têm lá agora pernas de galgo para correr atrás das legendas...

Apresenta-se como uma da principais inovações da nov programação a grande parte de produção portuguesa. No entanto, à primeira vista, a hora de maiores audiências continua preenchido com material estrangeiro e próprio para alfabrutizados, perdão!, para alfabetizados...

Em que ficamos?

. Aliás, nada nos é dito quanto à indispensável reconversão de horários. Querem que o país trabalhe e dão-lhe televisão até às tantas?

QUE DESTINO PARA O 2.º CANAL?

Os paradoxos não ficam por aqui.

Reconhece-se a necessidade de atender à audiência de província por ser aquela que está mais longe das possibilidades culturais e recreativas. Passemos ao largo desta visão um tanto idílica destas possibilidades culturais e assentemos em que nas aldeias e vilas da

Continua na pág. 18

Restaurante
7 MARES
PORTIMÃO
De 1.ª categoria
Aberto das 12.30 às 15 e das 19.30 às 24
COZINHA PORTUGUESA
No Bar: pianista privativo
Encerrado às 2.as feiras
ORGANIZAÇÕES FERNANDO BARATA

TEATRO ABERTO
Pr. de Espanha metro Palhava telef. 77 09 69
grupo 4 apresenta
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht
JOÃO LOURENÇO
(18.ª SEMANA)
DE 3.ª A 6.ª FEIRA ÀS 21 e 15 H.
SÁBADO ÀS 15.30 e 21.15
DOMINGO só às 16 h.

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05
Teatro da Cornucópia
Tambores na Noite de Bertolt Brecht
ESTREIA, 4.ª Feira dia 29
«CURTA CARREIRA»
Todos os dias às 21.30h
Dom. às 18h
Descanso à 2.ª feira (28./13)
BILHETES À VENDA

Hoje

«Os Jovens Rebeldes»

I PROGRAMA

14.00 Telejornal — 1.ª edição
14.15 Hoje Pode Ver
14.25 Retrospectiva
14.40 Culinária
15.05 Aconteceu, Acontece
15.30 «Jovens Rebeldes»
16.30 Fungagá da Bicharada
17.00 Cinema de Animação
17.50 Documentário
18.20 Da Saúde e da Vida
18.30 Concerto
19.20 Stop
20.00 «Gente do Amanhã»
20.30 Telejornal — 2.ª edição
21.05 Musical
22.15 A China de um só Homem
23.00 Telejornal — 3.ª edição
23.30 Fecho

II PROGRAMA

20.00 Abertura e Beethovèn
20.50 «Paz na Guerra»
22.20 Telejornal
22.55 Fecho

Amanhã

I PROGRAMA

....12.00: Missa de Domingo; 12.40: Da Vida e do Povo; 13.10: No Jardim Zoológico; 13.35: Desenhos Animados; 14.00: Telejornal — 1.ª edição; 14.15 Hoje Pode Ver; 14.30: Corrida de Toiros; 15.15: A Casa do Marinheiro; 15.45: «Aquela Pequena de Paris»; 17.30: Presença do Brasil; 18.00: Hoje ha Palhaços; 19.00: «Heidi»; 19.30: TV Rural; 20.00: Relax... Relax; 20.30: Telejornal — 2.ª Edição; 21.05: Telefutebol; 21.45: «Vidas Perdidas»; 23.00: Telejornal — 3.ª Edição; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

....20.00: Foi Exito na TV — «Kung Fu»; 21.00: Jogos Sem Fronteiras; 22.30: Telejornal; 23.00: Cinema de Animação; 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-831271
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

PUB

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalo-Mecânica do Distrito de Lisboa

PLENÁRIO DE DELEGADOS SINDICAIS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais para um Plenário a realizar no próximo dia 28 de Setembro, pelas 20.30 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses
   a) Análise e discussão do Projecto de Regulamento do Congresso.
2. Informações.

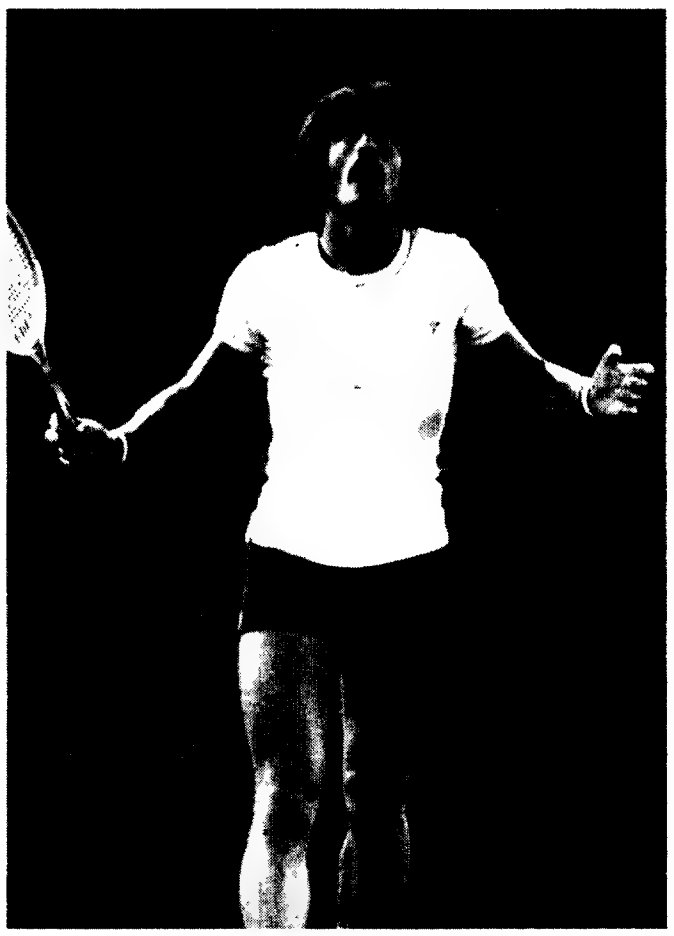
NOTA:

É necessária a apresentação do cartão de Delegado Sindical

Lisboa, 22 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

Desporto



Vilela esperava um «milagre»: do céu só veio chuva

Portugal nem cheirou a "Davis"

. A selecção do Mónaco já eliminou a portuguesa a uma jornada do fim da 1.ª eliminatória da «Taça Davis», em Ténis.

No encontro de pares, disputado ontem no «court» coberto do Estádio Nacional, José Vilela e Raul Peralta perderam com a dupla Bernard Balleret-Louis Borfiga, por 3-0 (com os resultados parciais de 6-1, 7-5 e 6-2). Hoje disputam-se os dois derradeiros encontros de singulares, estando o Mónaco a vencer por 3-0. Na próxima eliminatória, defrontará a selecção sueca. Portugal não foi o mais pequeno travão aos monegascos.

NACIONAIS DE FUTEBOL

Sporting em Leixões: bom ou mau tempo?

. Os campeonatos nacionais de futebol prosseguem do modo habitual: dividindo a jornada semanal por sábado e domingo. Eis o calendário para hoje, no respeitante à 1.ª divisão: Boavista-Varzim, no Bessa, às 16; Benfica-Académico, no Estádio da Luz, às 21 e 30. Segunda divisão: U. Lamas-Paredes; Alba-Feirense; Sanjoanense-Sp. Covilhã e U. Tomar-U. Leiria, às 16 horas. Terceiro escalão: Lusitano Vildemoinhos-Arrifanense; Paços de Brandão-Freamunde; Almeirim-Matrena e Torralta-Costa da Caparica, às 16 horas; Vianense-Mogadourense, às 17 horas.

Jogos para amanhã, na 1.ª divisão: Belenenses-V. Setúbal; V. Guimarães-Estoril; Portimonense-Sp. Braga; Leixões-Sporting; Beira-Mar-Atlético e Montijo-F. C. do Porto, às 16 horas.

Segunda divisão: Espinho-Lourosa; Salgueiros-Paços de Ferreira; Penafiel-Vila Real; Farense-Fafe (em Braga); Régua-Tirsense; Vilanovense-Chaves; Torriense-Torres Novas; Portalegrense-Caldas; Marinhense-Académico de Viseu; U. Coimbra-Estrela de Portalegre; Peniche-U. Santarém; Sesimbra-Esperança de Lagos; Lusitano de Évora-Alcochetense; Barreirense-U. Montemor (na Tapadinha); Odivelas-Farense; Olhanense-Oriental; Sintrense-CUF; Almada-Juventude de Évora, às 16 horas; Marítimo-Vasco da Gama, às 17 horas, nos campos dos indicados em primeiro lugar, com as excepções indicadas.

Terceira divisão: Desp. Bragança-Desp. Aves; Tadim-Mondinense; Joane-Cabeceirense; Maria da Fonte-Monção; Mirandela-Esposende; Bairro Latino-Forjães; Rio Ave-Limianos; Leça-Trancoso; Infesta-Sp. Lamego; Leverense-Cucujães; Oliveirense-Aliados do Lordelo; Viseu e Benfica-Avintes; Vale-Cambrense-Penalva do Castelo; Mangualde-Águeda; Marialvas-Tazem; Ala Arriba-Esperança de Coimbra; Covilhã e Benfica-Anadia; Oliveira do Bairro-Tabuense; Tondela-Febres; Desportivo Gouveia-Ançã; Desportivo Guarda-Naval; Cartaxo-Bombarralense; Batalha-Lousanense; Marrazes-Ginásio de Alcobaça; Alferrarede-Ponte de Sôr; Alcanenense-Sp. Pombal; Benfica e Castelo Branco-Nisa e Benfica; Campo-Maiorense-Vieirense; Alhandra-Elvas; Trafaria-Nacional; Benavente-Cova da Piedade; Lisboa e Olivais-Desp. Olivais; Bucelense-Loures; Elvense-Casa Pia; Estrela V. N.-Vila Franquense; Sacavenense-Alverca; União Santiago-Amora; A. Reguengos-Desportivo Beja; Rosairense-Quarteirense; Moura-Paio Pires; Lusitano V. R.-Silvese Aljustrelense-Odemirense, às 16 horas.

Igualmente se processa a 2.ª jornada do Campeonato Nacional de Juniores com jogos esta tarde: Lisboa e Nelas-Arrifanense, às 15 e 30; U. Coimbra-Mirandense e V. Setúbal-Cuf, às 16 horas, amanhã: Infesta-V. Guimarães; Sporting Braga-Leixões; Gil Vicente-Mirandela; Vianense-Amarante; Varzim-Marco; Ermesinde-Chaves; Sanjoanense-Lourosa; Académico de Viseu-Desp. Guarda; Vila Novense-Feirense; Sp. Covilhã-F. C. Porto; Boavista-Académico; Estrela de Portalegre-Unidos; Vila Franquense-Caldas; U. Leiria-V. Lisboa; Sporting-Torriense; Alter do Chão-Peniche; S. Luís-Almada; Belenenses-Olhanense; Atlético-Benfica; Sesimbra-Ferreirense e Esperança de Lagos-Farense, às 11 horas.

Bolota e Arnaldo: corrida para «atender» o Porto

NO G.P. DE INGLATERRA

Hunt desclassificado: Niki Lauda à cabeça do "Mundial" Fórmula 1

. O britânico James Hunt foi desqualificado no «Grande Prémio da Grã-Bretanha», pelo Tribunal Internacional do Desporto Automóvel que atribuiu a vitória ao austriaco Niki Lauda, que havia terminado a prova na 2.ª posição. Todavia, os seis meses do Tribunal negaram provimento ao recurso da equipa da «Ferrari», apresentado depois do «Grande Prémio de Espanha», sobre a largura do eixo traseiro do «McLaren» de Hunt: A «McLaren» foi multada por esse motivo, mas a vitória de Hunt foi mantida.

Devido à desqualificação de Hunt, no «Grande Prémio de Inglaterra (disputado em 18 de Julho, no circuito de Brands Hatch) Niki Lauda aumentou para 17 pontos a sua vantagem no campeonato mundial de condutores, tendo agora 64 pontos, contra 47 de James Hunt.

FRANÇA

O «volante» francês Jacques Henry, num «Porsche Carrera», venceu a 25.ª «Volta à França» em automóvel. Henry teve como co-piloto Bernardo Grobot e Michele Mouton como navegador.

Durante a prova desistiram 69 dos 119 carros que alinharam à partida em Nancy. Classificação final: 1. Jacques Henry («Porsche Carrera») 9.21.40,1; 2. Bernardo Beguin («Porsche Carrera») 9.37.22,8; 3. Jacques Almeras («Tilber-Porsche Turbo») 9.37.32,3; 4. Ladagi Segolen («Porsche Carrera») 10.17.07,9; 5. Jean Huges Hazard («BMW») 10.18.46,6; 6. Charlotte Dacremont («Alpine Renault A-310») 10.21.17,3; 7. Pierre Bos («Porsche 911 WB») 10.24.49,7; 8. Thierry Perrier («Porsche Carrera») 10.31.47,6; 9. Henri Greder «Opel Kadett») 10.36.44,1.

PASSAPORTES abreu
Av. da Liberdade 160-LISBOA

PORTUGAL

BASQUETEBOL

Novo reforço para o basquetebol do F. C. do Porto: trata-se de George Sing (24 anos, 2 metros e 2 centímetros de altura, ex-representante do Ferroviário de Lourenço Marques).

CICLISMO

Atletas portugueses vão participar, a partir de 2.ª-feira, na «III Ronda Ciclista de la Hispanidad» (Troféu Príncipe Filipe), que vai correr-se em Espanha. A comitiva, que é dirigida por Idalino de Freitas (presidente federativo), engloba os ciclistas João Costa (Pinheiro de Loures), António Fernandes e Floriano Mendes (Sangalhos), Alexandre Ruas, Alfredo Gouveia e Marco Chagas (Costa do Sol), mais o mecânico Francisco Araújo, o massagista Fernando Crespo e Manuel Tiago (dirigente do Pinheiro de Loures) que vai ao volante do carro de apoio dos velocipedistas, viatura que foi cedida graciosamente pelo clube de Manuel Tiago.

GOLFE

Os campeonatos mundiais de golfe que em breve se iniciam no Algarve, terão uma inscrição recorde. O «World Amateur Golf Council» entidade que rege o golfe amador mundial acaba de anunciar estarem inscritas 42 equipas para o campeonato masculino e 27 equipas para o campeonato feminimo.

Os números mais elevados, atingidos em edições anteriores da prova, foram de 36 equipas masculinas e 25 femininas.

O campeonato feminino terá lugar em Vilamoura (de 6 a 9 de Outubro) o campeonato masculino decorrerá na Penina (de 13 a 16 de Outubro). Portugal estará presente em ambos os campeonatos.

A equipa feminina será constituída por Graça Medina, Teresa Mata e Verónica da Silva e será capitaneada por Vera Nobre da Costa Lemox.

A equipa masculina será formada por Nuno Brito e Cunha José Lara Sousa e Melo, Jorge Soares, e Pedro Caupers, sendo capitaneada por Fernando da Costa Cabral.

HÓQUEI PATINADO

A selecção de Portugal de hóquei em patins vai pôr o título em jogo no 15.º Campeonato da Europa de Juniores, que se disputará em Barcelos de 4 a 9 de Outubro. Além de Portugal, estarão presentes as selecções da Espanha, Alemanha Federal, Bélgica, Holanda, Itália e Suíça.

A representação portuguesa está já instalada na pousada «Albergaria Conde de Barcelos».

Fazem parte do estágio os seguintes elementos: Vaz da Silva (vice-presidente da Federação e chefe do grupo), Alexandre Silva (director coordenador), dr. Italo Rivera (médico), Octávio São Marcos (massagista), Florindo Silva (mecânico) e os jogadores Rui Rosa (Salesiana), Silva (Campo de Ourique), Pereira (Oeiras), Mário (Cascais), Fernando Soares (Benfica), Garrido (Sporting), Jorge (Salesiana), Ventura (Sporting), Oliveira (Sporting) e Cruz (Salesiana).

TIRO AO ARCO

. No Estádio Nacional (campo de tiro ao arco da Federação) disputam-se, amanhã, o campeonato nacional de juniores e o «Torneio Amizade», provas que vão ocorrer simultaneamente, com a presença de uma turma italiana de juniores e representações espanholas (Badajoz, Huelva e Sevilha) no «Amizade».

MUDANÇAS

Enquanto o defesa sportinguista Saraiva se tranfere para a Académica da Amadora, o colega Chana (também do hóquei patinado «verde-branco») seguiu para Barcelona, onde vai discutir as condições apresentadas para um contrato com clube espanhol. Chana partiu acompanhado da noiva: se gostarem do ambiente, a mudança será quase certa, embora o presidente sportinguista João Rocha tenha ainda a última palavra no assunto.

RESCALDO

António Beirão, o ciclista do Louletano que recorrera do re-

Continua na pág. 17

LÁ FORA

PATINAGEM

Duas patinadoras da Alemanha Federal ganharam, em Roma, as provas individuais (para senhoras) de exercícios obrigatórios, nos Campeonatos do Mundo de Patinagem Artística sobre Rodas. Gabrielle Krichen ficou em 1.º lugar (com 204,8 pontos), seguida por Petra Schneider (com 201,4 pontos). Nos lugares seguintes da classificação figuram as italianas Cristina Bursi e Laura Mestriner (com 200,7 e 198 pontos, respectivamente). Cornelia Schmoll (da Alemanha Federal) ficou em 5.º lugar, (com 194,4 pontos) tendo a norte-americana Natalie Dunn (com 193,7 pontos) ficado em 6.º.

Entretanto, os norte-americanos Darlene Waters e Ron Sabo ganharam, pela segunda vez consecutiva, o título de campeões do Mundo (em pares). Outro par norte-americano (Karen Meyia e Ray Chappatta) ficou em 2.º lugar, seguido pelos representantes da Alemanha Federal (Ute Brause e Kalus Richten).

«RECORD»

O ciclista holandês Fred Rompelberg bateu ontem o «record» mundial da hora e o dos 100 km-perseguição respectivamente com 76,613 1.15,24 (média de 79,568 km/h). Os «records» foram alcançados na pista do velódromo olímpico em Roma.

SURPRESA

O Canadá e os Estados Unidos empataram por 1-1, ontem à noite, em encontro preliminar da «Taça Mundial» de futebol. O jogo foi caracterizado pela rudeza.

MORTE

Marcelo Chavero (de 12 anos) morreu ao engolir o apito quando arbitrava um jogo de futebol entre rapazes, disputado em Rosário (Argentina).

Continua na pág. 17

Eusébio partiu ontem para a Costa Rica: por três jogos, 150 contos

Desporto

NA BULGÁRIA

Como Portugal ganhou uma medalha de bronze

«Medalha de bronze: Portugalia» — anunciou ao microfone um dos responsáveis do «Centro Dimitrov», perante mais de duas mil pessoas. Procedia-se à entrega de medalhas da competição de basquetebol.

Em 1.º lugar, classsificou-se a Bulgária; em 2.º, a União Soviética; em 3.º Portugal. A França ocupou o 4.º lugar. Uma estrondosa salva de palmas recebeu a «capitã» da equipa nacional. A «claque» dos nossos compatriotas também se manifestou ruidosamente.

O «Centro Dimitrov» é o maior centro de juventude da Europa. Cerca de quatro mil jovens convivem simultâneamente, durante alguns dias, junto ao Mar Negro. Principalmente vindos dos países socialistas. Quando ali estivemos, havia ainda franceses e suiços.

Para além das condições óptimas de alojamento, é espantoso como os responsáveis do «Centro Dimitrov» criam actividades para os tempos livres. Desde o desporto ao cinema, às palestras, à confraternização entre países, aos bailes.

E é neste esquema de actividades que Portugal é convidado a jogar basquetebol feminino. Tentamos logo arranjar uma equipa. E lá fomos para o campo. Algumas nunca tinham jogado. Só

que tinhamos decidido «vender cara» a derrota. Adversários: a Bulgária. A maior parte de nós, dificilmente chegava aos ombros das búlgaras. Tivemos que recorrer algumas vezes, a «espertezas», compassar a bola por entre as pernas das jogadoras. «Passe», aliás, muito aplaudido.

Claro que perdemos. Seguiu-se o jogo «União Soviética-França», tendo, a URSS ganho sem grandes dificuldades. Chegou-se à final. Bulgária-União Soviética. Nós estávamos a assistir por mera curiosidade. Alguns dos nossos companheiros de viagem também ali ficaram. De repente, o árbitro do jogo chamou o guia da nossa excursão e segredou-lhe: *Se a Bulgária ganhar, Portugal recebe a medalha de bronze.* Não foi preciso saber mais. Começou logo uma gritaria infernal de apoio à Bulgária. Ensinaram-nos uns «slogans» em bulgaro. Que resultaram. E foi assim que ganhamos uma medalha de bronze em basquetebol.

Este é um episódio vivido no «Centro Dimitrov», onde a juventude tem o seu lugar. É apoiada e incentivada. *Pluralisticamente* os jovens podem escolher a ocupação para os seus tempos livres. Sugestões não faltam. Podem, até, simplesmente, ficar a conversar. Ou ir nadar para o Mar Negro...

Para nós, foi uma lição de respeito pela juventude. Para nós, foi um exemplo daquilo que se pode fazer e não se faz no nosso País. E começamos a pensar que talvez nunca seja feito.

FERNANDA MESTRINHO

PORTUGAL

Continuação da pág. 16

sultado positivo de um exame anti-«doping» efectuado durante a Volta a Portugal, não compareceu na contra-análise, pelo que foi desclassificado da competição, suspenso por 30 dias de toda a actividade desportiva oficial e sem direito ao depósito de 2500 escudos efectuado em tempo pelo seu emblema, para o competente recurso.

BOAVISTA

Para o Boavista, chegou um jugoslavo à experiência: chama-se Branko Babic, tem 25 anos, esteve ao serviço do Estrela Vermelha (de Belgrado) e foi várias vezes «internacional» pelo seu país (14 no «team» A, 11 como júnior). Entretanto, para o jogo dos «axadrezados» com o Varzim, haverá um «espião» na bancada: Ion Zaharia, treinador dos romenos do Galati.

MOTOCROSS

O Sport Futebol Damaiense organiza amanhã, pelas 14 e 30, na pista do Alto da Damaia, a 7.ª prova do campeonato nacional de motocross: o «Troféu Sumol 1976», para minomotocross, infantis, cadetes e veteranos.

XADREZ

Joaquim Durão inicia hoje, na Suíça, a participação num torneio internacional de xadrezistas.

LÁ FORA

Continuação da pág. 16

Segundo a Polícia, Chavero foi atingido na cara pela bola no preciso momento em que apitava para assinalar uma falta, não tendo sido possível evitar que o apito, alojado na garganta, o sufocasse.

RESISTÊNCIA

À beira dos 37 anos, o ciclista italiano Felice Gimondi venceu a ligação Paris-Bruxelas (306 km em 7h. 28m.) à frente do holandês Kuiper e do belga Freddy Maertens. Recorda-se que Gimondi revalidou este êxito 10 anos depois de ter logrado triunfo idêntico.

Agostinho: 3.º em Montjuich

Michel Pollentier (da Bélgica) ganhou em Barcelona a 13.ª prova ciclista da «Rampa de Montjuich», prova em que o português Joaquim Agostinho terminou na 3.ª posição. A corrida era constituida por três etapas: um contra-relógio por equipas de dois elementos, uma prova em linha (de 23 quilómetros) e um contra-relógio individual. A classificação final foi decidida em função dos tempos obtidos nas duas últimas provas.

É a seguinte a classificação dos dez primeiros: 1. Pollentier, 49.12; 2. Joop Zoetemelk (Holanda) 49.17; 3. Joaquim Agostinho 49.30; 4. Freddy Maertens (Bélgica) 49.31; 5. Bernard Thevenet (França) 49.48; 6. Pedro Torres (Espanha), 49.57; 7. Lucien Van Impe (Bélgica) 50.24; 8. António Martos (Espanha) 50.28; 9. José Pesarrodona (Espanha) 50.31 e 10. Juan Pujol (Espanha) 51.02.

SURDEZ

Recupe e a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.

MICROSOM — Organização especializada em protese auditiva.

LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.

PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

AVISO AO COMÉRCIO

DE

VINHOS DO PORTO

AGUARDENTES

VINHOS DE MESA

A Firma Vinalda Lda., fundada em 1947, com sede em Lisboa, vem por este meio comunicar a todos os seus Clientes que, por vontade expressa dos Produtores Cockburn Smithes & Cia., Lda., de Vila Nova de Gaia, deixou de representar e distribuir os produtos sob as marcas COCKBURN e TUELLA o que vinha fazendo, em exclusivo, há mais de 28 anos.

Mais informa que deixa de prestar assistência àquelas marcas, a partir de 1 de Outubro de 1976, pelo que pede desculpa por quaisquer inconvenientes que esse facto possa ocasionar.

Ao mesmo tempo aproveita para agradecer a atenção e colaboração que todos lhe dispensaram durante estes últimos 28 anos.

Vinalda, Lda.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO CENTRO

R. SIMÕES DE CASTRO, 159, 1.º — COIMBRA

ASSEMBLEIA DE DELEGADOS SINDICAIS

Convocam-se todos os Delegados Sindicais do Sindicato dos Trabalhadores Electricistas do Centro, para uma Assembleia que se realiza, na sede do Sindicato, no dia 29 de Setembro às 10 horas e que tem a seguinte Ordem de Trabalhos:

1. — Congresso dos Sindicatos
2. — Legislação do Trabalho

Coimbra, 22 de Setembro de 1976

A DIRECÇÃO

Nacional

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

Beira e do Minho há menos diversões e cultura do que nos imensos bairros em volta de Lisboa e Porto.

Sucede que, no que respeita aos horários, se devia ter em linha de conta o ritmo da vida rural. Apresentar os melhores programas tão tarde é condenar a província à marginalização.

Grande parte da questão podia ser resolvida com aquilo a que pomposamente se chama «segundo canal». Ficará ele, diz-se, destinado a «aprofundar» diversos temas: culturais, políticos, económicos, desportivos. Quer dizer: numa política que se pretende antielitista, mantém-se um segundo canal — para as elites...

Pois não é verdade que há em Portugal 40 por cento de analfabetos? Por quê não um tele-Alfa através do segundo programa?

. Pois não é verdade que a Reforma Agrária coloca problemas de gestão, de contabilidade, de agricultura de informação de ordem geral? Por que não fazer isso através do segundo?

. Porque não utilizar o segundo canal num suporte do ensino por correspondência?

. Pelos modos, o segundo programa será uma espécie de primeiro — mas mais chato. Aqui batemos no ponto: as pessoas querem programas culturais e não gostam dos programas culturais. Não há contradição. As pessoas gostarão dos programas culturais quando em Portugal os monitores culturais aprenderem a não confundir cultura com chatice.

O ideal é que tudo seja cultural. A cultura em compartimento estanque é uma cortesã que só os ricos podem pagar. Uma «boîte» de luxo para a burguesia decadente. Enquanto a cultura se continuar a vender nas farmácias — continuaremos a assistir a espectáculos deprimentes como aquele de ontem de cidadãos portugueses que desconhecem Cesário Verde, Lopes-Graça, Pedro Nunes...

Fiquemos hoje por aqui. Voltaremos ao assunto, certamente. Com os desejos de que tudo não fique mais na mesma...

BARES - BOITES
RESTAURANTES TÍPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364858*368197. Rosy Striptease-sousa

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 281461/164526/264586/264621/264946

MAQUINA OFFSET

Precisa-se a uma ou duas cores, formato 70x100. Carta à Delegação deste jornal no Porto ao n.º 115

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado. O vento era moderado de Sudoeste. Chovia e caia aguaceiros e havia trovoadas nas regiões do litoral a Norte do Porto.

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado, podendo apresentar períodos de boas abertas durante a tarde. Períodos de chuva ou aguaceiros a Norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela Probalidade de trovoadas nas regiões montanhosas do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H	
PORTO	16º
COIMBRA	16º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	19º
FARO	20º
FUNCHAL	22º
V. DO CASTELO	14º
BRAGANÇA	11º
SAGRES	19º
PONT. D.	16º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.47	4,4 m	10.26	0,5 m
17.07	4,5 m	22.49	0,6 m
Dia 26			
5.28	4,4 m	11.07	0,6 m
17.50	4,4 m	23.30	0,7 m
Dia 27			
6.11	4,3 m	11.51	0,8 m
18.36	4,2 m		

AMANHÃ

NASCER AS 7.28
OCASO AS 19.28

DIA 30 DIA 8 DIA 16 DIA 23

Caminhos de Ferro Portugueses

Informações ao Público

Verbais e Telefónicas

Horário a praticar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro

LISBOA-ROSSIO:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

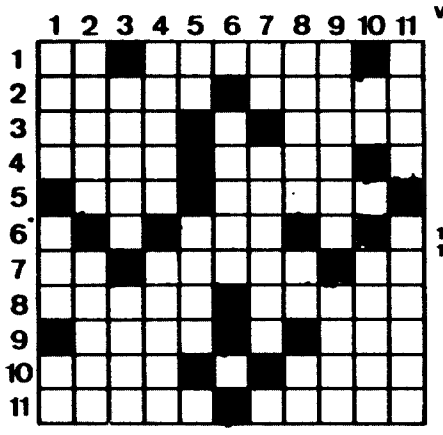
Informações Telefónicas:
32 62 26 / 32 62 27 / 32 62 28
das 10.00 às 20.00 horas

LISBOA-SANTA APOLÓNIA:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 11480



HORIZONTAIS:

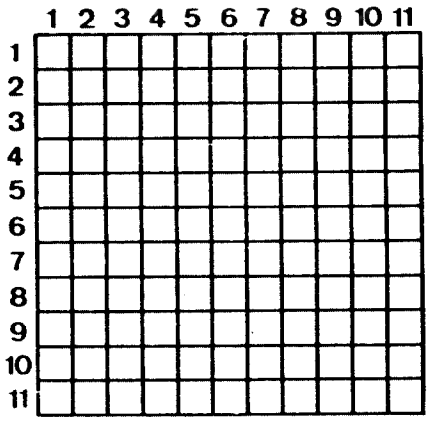
1 Amónio (s.q). Procurar.
2 Malograr. Aguço.
3 Rio da Rússia. Nome de letras.
4 Aprel Vaga.
5 Medida de líquidos da Suiça. Mulher que está para consorciar-se, ou casada há pouco.
6 Ave da família dos láridas (Bras).
7 Duzentos em romano. Asa do nariz. Apelido.
8 Rio de Portugal. Pronome demonstrativo (pl).
9 Nome que os indígenas brasileiros davam aos franceses. Estava.
10 Terreno onde se junta o sal que se tira das marinhas. Levantar.
11 Fundador do Islamismo. Ave trepadora.

VERTICAIS:

1 Chuva. Mil e duzentos em romano. Preposição.
2 Faleça. Gastava.
3 Invulgares. Pouco denso.
4 Soltam balidos. Procediam.
5 Cidade da antiga Caldeia. Impulso.
6 Causa (fig).
7 Centiare. Tristeza (pl e fig).
8 Anui. Campeão. Distar.
9 Nadava. Estiagem.
10 Nota musical. Curar.
11 Nome de florr. Unira por casamento.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7640



HORIZONTAIS:

1 Escaler ou galeota, na Índia. Simples.
2 Vila e concelho do distrito de Portalegre. Cidade da Arábia.
3 Lírio. Pronome pessoal. Óxido de cálcio (s.q).
4 Crustáceo comestível. Termina.
5 Um dos estados da América do Norte. Adição.
6 Curasse.
7 Campeão. Flutuas. Berilo (s.q).
8 Cidade do Peru. Tornar opado.
9 Organização das Nações Unidas. Ruins.
10 Varão. Freguesia do concelho de Guimarães.
11 Cidade de Espanha. Habitas.

VERTICAIS:

1 Árvore da Índia Portuguesa. Nome dado na Guiné à caba que serve de templo ao deus principal dos indígenas.
2 Advertência. Cifra.
3 Ementas. Sebe.
4 Carta de jogar. Espécie de forragem. Atmosfera.
5 Galeota dos mares do Levante. Pássaro gigante da Nova Zelândia.
6 Zomba. Transfere para outro dia.
7 Cidade de Itália. Figura que simboliza o povo americano.
8 Preposição. Lugar onde abundam flores ou plantas meliferas. Letra grega.
9 Ornamente. Mais mal.
10 Gasta. Bário (s.q). Apelido.
11 Divisão de uma casa. Trabalhas ao serão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 11479

HORIZONTAIS:
1 FORMOSURA.
2 Apear. Murra.
3 Demo. Irun.
4 Are. Pia. Age.
5 Rã. POUCO. Oc.
6 Aires. Aliso.
7 Sais. Bona.
8 Caetano.
9 Mói. Pau.
10 Erne. Miar.
11 Raera. Trama.

VERTICAIS:
1 Fadara. Omer.
2 Operais. Ora.
3 Reme. Racine.
4 Mão. Peia. Er.
5 Or. Posses.
6 Piu.
7 Um. Acabar.
8 Rui. Olon. Mr.
9 Arrã. Inópia.
10 Rugosa. Aam.
11 Caneco. DURA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 7639

HORIZONTAIS
1 Briga. Teixe.
2 Aunar. Armar.
3 Reuni. Agora.
4 Iça. Ale.
5 Aru. Adi. Até.
6 Uo. Axada. Ás.
7 Ave. Ama.
8 Orei. Arre!
9 Nardo. Anuir.
10 Im. Or. As. Sa.
11 Oó. Só. Sabor.

VERTICAIS:
1 Bar. Ausónio.
2 Rueiro. Ramo.
3 Inucu. Aer.
4 Gana. Ávidos.
5 Ari. Axe. Oro.
6 Ada.
7 Taa. Ida. Aas.
8 Erga. Amansa.
9 Imola. Aru.
10 Xareta. Riso.
11 Era. Esperar.

PROVERBIO FORMOSURA, POUCO DURA

Emergências de serviço

LISBOA

TURNO D-1

Toda a Noite

AJUDA
Moura, Trav. Memória, 55 (Telef. 630944);
ALAM. AF. HENRIQUES
Ibéria, R.Barão de Sabrosa, 235-A (à Alameda) (Telef. 728277)
AREEIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860)
AVENIDAS NOVAS
Figueira, Av. Marquês de Tomar, 20,22 (Telef. 44995)
BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telef. 844361);
BAIXA
Oliveira, Rua Prata 240 (Telef. 321415)
BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telef. 703393)
CAMPOLIDE
Rualgo, Lda. Alto do Carvalhão, 5-A-B (Telef. 651721)
LUMIAR
Pauleia, H.os, Alma. Linhas de Torres, 282-B (Telef. 790332)
OLIVAIS
Nova dos Olivais, Rua Manhiça, lote 469 (Olivais-Sul -Zona Nascente) (Telef. 316402)
SANTOS-O-VELHO
S.A. E. Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 72-74. (Telef. 861010.

TURNO D12
(Até às 22 horas)

ALFAMA
Anunciada, Rua Vigário, 74 (Telef. 866360)
ALVALADE
S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A-B (Telef. 727958)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho Albuquerque, 7-A (à P.a Paiva Couceiro). (Telef. 843571)
AV. DA LIBERDADE
Fernandes, R. S. José, 173 (Telef. 326478)
BEATO
Grijó, R.do Grilo, 25 (Telef. 385264)
BELÉM
Botânica, Rua Junqueira, 38-40 (Telef. 638132)
BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A-B (Telef. 780511)
CAMPO OURIQUE
Castro Fonseca, Rua 4 de Infantaria, 28-A (Telef. 788857)
CAMPO PEQUENO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (à Av. Sacadura Cabral) (Telef. 770776)
CHILE
Castro, Av. Almirante Reis, 76-A (Telef.821973)
ESTEFÂNIA
Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (Telef. 44158)
MOURARIA
RosaViegas, Rua de S. Vicente, 31 (Telef. 864351;
PICHELEIRA
Martuz, Calçada da Pichaleira, 140-B-C (Telef. 720703-728395)
S. BENTO
S.Bento, Rua Poiais de S. Bento, 73 (Telef. 679673)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L.Coronel Ramos da Costa, 10 (T.234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R.Cândido dos Reis, 30 (T.204020)
ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E.Nacional, 178-B (T.2040302)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (T.2073212); Mascarenhas Neto, R. Almeida Garrett (T.2076454)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, E.das Barrocas, 50-A (T.2494182)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)
MONTIJO
Giraldes, R.Almirante Reis, 45 (T.2310008)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T.2233471)
SETÚBAL
Higiene, R.Frei Agostinho da Cruz (T.22408); Portugal, R.Camilo Castelo Branco (T.23211)
SEIXAL
Soromenho, R.Paiva Coelho, 38 (T.2218560)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C.G.Guerra, 166 (T.2113953)
CAXIAS
Nova, R.Bernardim Ribeiro, 1-A (T.242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039)
OEIRAS
Central, R.Conde Ferreira, 29 (T.2430058)
NOVA OEIRAS
Leal
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (T.2471054)
MURTAL
Primavera, R.das Parreiras, 2 (T.2472278)
S.PEDRO DO ESTORIL
S.Pedro, R.9 de Abril, 24 (T.263052)
AMOREIRA
Amoreira (T.262313/267314)
MONTE ESTORIL
Ostende, R.de Espinho, 1 (T.260391); Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T.260085)
CASCAIS
A.Costa, R.Freitas Reis, 24-C (T.280214); Cordeiro, Av. C.G.Guerra, 40 (T.280170/281419)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, Pta. 28 de Maio, 3-A (T.935518); Carmela, R.Elias Garcia, lote 28 (T.933303); Helénica, R.Elias Garcia, 2 (T.933613); S.Jorge, R.Pedro del Negro, 5, Reboleira (T.939703)
DAMAIA
Lemos, R.Goa, 21-A (T.971121)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043)
CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T.2942181)
MEM MARTINS
Rodrigues Rato (T.2912038)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim (T.980456)
SINTRA
Marrazes, Estefânia (T.2930058)
COLARES
Abreja (T.299088)

PORTO

TURNO 1

ATÉ ÀS 22 HORAS

Clérigos, R.dos Clerigos, 36 Cruz, R.de Costa Cabral, 1082 Maia, R.do Campo Alegre, 192 Botelho, R.da Alegria, 863 Estácio, R.Sá da Bandeira, 120 Guarani, R.Pedro Hispano, 367 Menezes de Lima, P.Dr Pedro Teotonio Pereira, 227 Lidador, R.do Lidador, 171

TODA A NOITE

Campos, R.Padre Luis Cabral, 943. Foz Monte dos Burgos, R.do Monte dos Burgos, 802 Aliança, R.da Conceicao, 2 Alves Moreira, Av. Rodrigues de Freitas, 167

COIMBRA

Paiva, Praça do Comércio, 57 (Telef.23231)
Silcar, Rua Ferreira Borges, 88 (Telef. 22923)
S.Sebastião, Rua António Jardim (Tele. 28802)
28802).

cinemas

CASTIL
Tel 630194 — 15,17,19, 21.15 e 24

Intr. men. de 18 anos

Colorido

FELÍCIA

Um filme de Max Pécas

(Este filme contém cenas eventualmente chocantes)

IMPÉRIO
Tel 555134 5 — 15 15, 18.30 e 21.15

Grupo B . 10 anos

A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO
2.ª Semana
Tony Curtis, Jack Lemmon, Nathalie Wood

A mais divertida comédia de todos os tempos de Beake Edwards
70mm/M écran gigante

POLITEAMA
Tel 323805 — 14 15, 16 30, 19, 21 30

Interdito a men 18 anos
7.ª semana de êxito total
ÊXTASE SEXUAL DE MACUMBA
ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRAFICO

ROMA
Tel 727778 — 15 30, 18 30, 21 15

Int men 18 anos
Um filme de Marx Pecas
LUXÚRIA
2.ª Semana
Este filme contém cenas event chocantes

MUNDIAL
Te. 538743 — 15 15, 18.30, 21 15

Interdito men 18 anos
SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
Contém cenas eventualmente chocantes

CARLOS MANUEL — Sintra
Tel 2930304 — 21 15

Não acons. a men. de 18 anos

QUATRO LADOS PARA UM TRIÂNGULO

CALEIDOSCÓPIO
Tel 795093 — 14.00, 16.30, 19.00, 2115

Para todos
Festival Tarzan
com Johnny Weissmuller
TARZAN E AS AMAZONAS
Amanhã as 14,16.30,19 e 21.15
Para Todos
Festival Tarzan
TARZAN E A MULHER LEOPARDO

ÉDEN
Tel 320768 — 14. 16.30, 19.00, 21.15

Uma página movimentada da história do Far-West!

O JUSTICEIRO DE DEUS

com William Berger
Donald O'brien

Não acons. a men. 18 anos

ODEON
Te. 326283 — 15 15, 18 15, 21 15

Maiores de 14 anos
7.ª semana de enchentes
O DIREITO DE NASCER
A odisseia das mães solteiras

APOLO 70
Tel 763111 — 14.00,16.30,19.00 e 21.15

Não acons. a men 13 anos
AMOR
Hoje às 24 H. Grupo D (18 a.)
Western
O VILÃO DO ARIZONA
de Telly Gavalar
Amanhã às 11 H. Para Todos
Manhã infantil
O COMBOIO QUE LEVAVA SAUDADES

CASINO ESTORIL
Tel 264521/264996 — 17 e 21 15

Não acons. men. 18 anos
AS RIVAIS
Stephane Audran e Jean-Louis Trintignant

S. JORGE
Tel 554153 — 15 15, 18 15 e 21 15

Não acons. men 18 anos
2.ª Semana
A MULHER, O AMOR E O ÓDIO
Philippe Noiret Romy Schneider
3 Oscares do cinema francês!

RESTELO
Tel 610376 — 21 00

Inter. men. de 18 anos

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

AVIS
Te. 47163 — 15 15, 18 15, 21 15

Não acons. men 13 anos
20.ª Semana
BOBBY
A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel 535134 — 15.15,17,18.45 e 21.15

Não acons men 13 anos
4.ª Semana
A INTENTONA
(O 6 de Julho)
Um grande documento histórico

ESTÚDIO 444
Tel 779095 — 15.30, 18.30 e 21.15

Int. men. 18 anos
DESENHOS PICANTES
(Este filme pode cair sob a alçada do Decreto-Lei n.º 254/76

D. JOÃO V — DAMAIA
Tel 971794 — Às 21.15

Não acons. menores de 13 anos

OS DEFENSORES DA CIADDE

Em ARMAÇÃO DE PÊRA o DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no MINI-GOLFE

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

UNIVERSAL
Tel 774402 — 15.00, 19.00, 21.00

NÚMERO DOIS
Um filme de Jean Luc Godard
Nota: Sessões reservadas aos sócios da AEFA: Inscrições nas Escadinhas da Achada, 10-1.º ou no próprio Cinema Universal na Rua da Beneficência, 175, Telef. 774402
Sábado às 00.30 **NÚMERO DOIS**
Sessões públicas às 17.00, 23.00 filme de Jean-Luc Godard
A MULHER CASADA

CONDES
Tel 322423 — 13.30,16.15,19 e 21 45

Grupo B . M. 10 anos

TORA! TORA! TORA!

a gigante epopeia jamais filmada

c/ Martin Balsan e Joseph Cotten

BERNA
Tel 776013 — 15 15, 18 15, 21 15

Não acons men 13 anos
Treine-os! Excite-os! Arme-os! Largue-os em território nazi!
DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
Um filme de Robert Aldrich
6.ª Semana

LONDRES
Tel 801313 — 14,16 30 18 45 e 21 15

Não acons. men. 18 anos
O PORTEIRO DA NOITE
c/ Dirk Bogarde e Charlotte Rampling
Hoje às 24 H. M.de 13 anos
JOE HILL

ROXY
Tel 48??? — 15, 18 e 21 15

Para Todos
A alegria entra-lhe no coração
A CANÇÃO DA NORUEGA
c/ Torlav Maurstad
Christina Schollin

TIVOLI
Te. 47059? — 15 15, 18 30 e 21.15

Não acons. men. 18 anos
O terror aumenta em cada lanço da
ESCADA DE CARACOL
c/ Jacqueline Bisset
Christopher Plumer

ALVALADE
Te 897480 — 15 18 e 21 15

Grupo B m/10 anos
O melhor filme para oferecer aos seus filhos
OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINAS VOADORAS

PATHÉ
Tel 821933

14.15. 16 30. 18.45 — 21 15. 24
Interdito men 18 anos
O amor para além dos corpos
HISTÓRIA D'O
8.ª Semana
Com Corine Clery Udo Kier Anthony Steel, Jean Gaven

NIMAS
Tel 574313/574313

14 15. 16.30 18 45 21 15
Não acons. men 18 anos
CHOVE EM SANTIAGO
13.ª Semana de lotações esgotadas
O Chile de Allende a Pinochet

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.30, 22.45 (13 anos)
«As Coisas que o Padre Faz»
ADÓQUE
20.30, 22.30 (18 anos)
«A Grande Cegada»
MARIA MATOS
21.30 (18 anos)
«O Director da Ópera»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Cada Cor Seu Paladar»
TEATRO VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Fanshen»
TEATRO ABERTO
21.15 (13 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»
LAURA ALVES
20.30, 22.45 (18 anos)
«Vamos Trocar de Mulher»

LISBOA/Cinemas

CINEBOLSO
21.30, 24.00 (18 anos)
«São Elisabeth» e «Sexo nunca, somos britânicos»
SATÉLITE
19 00 e 21 15 (13 anos)
Foram os Deuses Astronautas?»
PARIS
21.15 (13 anos)
«Trinitá Cow-Boy insolante»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«O caso do Pervertido Sexual»
OLÍMPIA
21.00 (14 anos)
«O desafio de Pancho Villa»
LUMIAR
21.15 (18 anos)
«O pequeno grande homem»
IDEAL
21.15 (10anos)
«Odisseia submarina»
CINEARTE
21.15 (18 anos)
«Seis pistolas contra César»
CALEIDOSCÓPIO
21.00 (6 anos)
«Tarzan e as Amazonas»
EUROPA
21.15 (6 anos)
«O que faz Mudar um Homem»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Golpe Baixo»
RESTELO
21.00 (18 anos)
«Emannuelle Anti-Virgem»

LINHA DE SINTRA

SÁ DA BANDEIRA
22.30
«Garganta Funda»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Wang-Yu — O Invencível»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (18 anos)
«Amores Sem Freio»
AMADORA
Lido
21.30 (14 anos)
«Sombras Brancas»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.15 (13 anos)
«007 — Agente indecente»
SINTRA
Carlos Manuel
21 15 (18 anos)
«Loucura Sexual»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Bob e Carol e Ted e Alice»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Love Story (História de Amor)»
ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Segundos para uma Fuga»
CASCAIS
Oxford
16.00 e 21.15 (13 anos)
«Tão Amigos que Nós Éramos»
CASCAIS
S.José
21.15 (18 anos)
«A Esposa Virgem»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«As Noviças»
ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Os Vorazes»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Por Ordem de Mussolini»

PORTO/Cinemas

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Delírio de Amor»
SÁ DA BANDEIRA
22 30 (18 anos)
«Garganta Funda»
ÁGUIA DE OURO
21 15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»
S. João
21.15 (6 anos)
«O Gendarme em Férias»
RIVOLI
21.15 (13 anos)
«Cavalgada Fantástica»
TRINDADE
21.15 (6 anos)
«Onde está o Óscar»
BATALHA BEBE
21.30 (13 anos)
«Diário de uma Esquizofrénica»
COLISEU
21 30 (13 anos)
«Bobby»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Uma Noite em Casablanca»
BATALHA
21.15 (13 anos)
«Pato com Larania»
CARLOS ALBERTO
21 15 (18 anos)
«Os 120 Dias de Sodoma»
OLÍMPIA
21 15 (6 anos)
«Os Barbeiros da Sicília»
JÚLIO DINIS
17.45, 21.15
«História de uma Freira»
VALE FORMOSO
21 15 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»
AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Trinitá Cow-Boy Insolente»
S. TEOTÓNIO
21.15 (18 anos)
«O Patife»
GIL VICENTE
21.15
«Tragam-me a cabeça de Alfredo Garcia»

radio

1.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Conjuntos; **18.00**: O 166.º aniversário da Batalha do Buçaco, programa do E.R.C. música portuguesa; **19.00**: Cantorias; **19.30**: Música variada; **20.00**: Jornal da noite; **20.30**: Orquestras; **21.00**: Contraponto . editorial; **23.05**: Rádio revista, por Luís Pereira de Sousa; **24.00**: Fecho.

2.º Programa

16.03: Conclusão da transmissão integral das «Suites Inglesas», de Bach; **16.47**: Um poema sinfónico; **17.16**: Solos de piano; **17.45**: Noneto em fá maior, de Spohr; **18.20**: Música sinfónica; **20.00**: Música de Chopin; **20.30**: Obras do período barroco italiano; **21.00**: Melodias russas, de Glinka; **21.15**: Sinfonia «Harold em Itália», de Berlioz; **22.00**: Conjuntos instrumentais; **22.30**: Música de bailado; **23.00**: Intercâmbio musical; **23.23**: Música sinfónica; **00.10**: Música de câmara; **01.00**: Fecho.

3.º Programa

16.00: Variante; **16.15**: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo; **16.40**: Dsico... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.15**: Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**: Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**: Contacto; **21.15**: Hora luterana; **21.30**: Quando o telefone toca; **23.00**: Nocturno; **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

16.00: Emissão nacional; **18.00**: Entardecer — ver, ouvir... e comentar; **19.00**: Entardecer; **19.30**: O diálogo de sábado; **21.00**: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; **17.00**: Canções; **18.00**: Apenas música; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Orquestras; **21.00**: Concerto; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.08**: Apelos; **18.15**: Igreja em notícia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Pentagrama; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas vivos; **23.05**: Trifónico; **23.30**: Dicionário político; **00.00**: Meditando; **02.00**: Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

F.I.L. superlotada com festa do "Avante"

. Muitos milhares de pessoas superlotaram ontem as instalações da FIL, no primeiro dia da festa do «Avante», órgão central do P.C.P. Foi uma grande demonstração da capacidade de mobilizadora daquele partido, mas esta festa gigante evidenciou outro aspecto não menos importante: uma enorme capacidade de trabalho das bases do PCP. Está ali patente aos olhos do público o esforço organizado de milhares e milhares de militantes na representação das principais actividades económicas do Continente e Ilhas.

O que está patente ao público nas instalações da FIL pode também ser encarado como uma resposta cívica a todos quantos, desenvolvendo um anticomunismo primário têm caluniado e deturpado a acção dos comunistas nos diferentes sectores da vida nacional.

As palavras de Álvaro Cunhal ao visitar a festa do Avante, acompanhado por Dias Lourenço e outros dirigentes do PCP, e que classificou esta realização como «uma grande afirmação de força e vitalidade do Partido Comunista, da sua profunda e estreita ligação com a classe operária e o povo trabalhador» podem efectivamente ser subscritas em nome de uma observação objectiva.

Os dirigentes do PCP que chegaram à FIL cerca das 21 horas fizeram uma visita às delegações dos países socialistas ali representados e às restantes zonas onde decorre a Festa e que ocupa não só a área coberta como a totalidade da área descoberta da FIL.

O elevado número de «stands» e representações patentes na festa «Avante» torna impossível uma descrição mesmo superficial mas não podemos deixar de fazer referência ao pavilhão Avante onde está atente uma completa exposição focando todo o historial do PCP desde a sua fundação e o seu contributo nas grandes lutas travadas pelo povo português contra o fascismo. Noutro «stand» o público pode observar uma mini tipografia, ver como era feito o Avante clandestino e inclusivamente adquirir uma cópia de um desses exemplares impresso no momento nessa pequena tipografia pelos processos técnicos utilizados pelos militantes comunistas nos tempos da clandestinidade.

A festa prossegue hoje com um programa ainda mais variado e dezenas de artistas actuando nos diversos locais preparados para o efeito.

Da parte cultural destaca-se um colóquio de escritores subordinados ao tema «Escrever porquê?» e um debate sobre a Reforma Agrária, orientado por Margarida Tengarrinha, Américo Leal e António Gervásio e um colóquio sobre a situaça. da mulher em que será moderadora Alda Nogueira.

Na zona dedicada à Reforma Agrária poderão ser adquiridos diversos produtos agrícolas a preços baixos, provenientes das unidades colectivas de produção e cooperativas de pequenos e médios agricultores.

Em numerosos «stands» com bom vinho e excelentes petiscos os visitantes podem recompor-se das energias gastas. Há para todos os gostos, petiscos de todo o tipo e vinhos de todas as regiões.

Um comboio especial vindo do Porto chegou ao princípio da tarde a Lisboa e dos diferentes pontos do País vieram dezenas de autocarros, para a festa do «Avante» que se prolonga até às 24 horas e termina amanhã à tarde com um comício em que participarão todas as delegações estrangeiras.

Querem safar bombistas

Continuação da pág. 1

referiu, entre outros, o comandante da P. S. P. do Porto considerando este e aos restantes, como sendo elementos activos e influentes, e garantindo que havia outros muito mais importantes, razão por que não receava pelo seu futuro, pois protecção não lhe faltaria e, de uma maneira ou de outra, em breve estaria em liberdade.

Estranha-se assim que estando as autoridades na posse de elementos tão positivos, em Março ou Abril, que confirmavam e complementavam os apurados em Setembro do ano findo na sequência das investigações da explosão de Monsanto, que vitimou dois dos bombistas, quando armadilhavam os engenhos explosivos destinados a destruir as antenas da TV. Tais investigações atingiram um êxito bastante apreciável e que permitiriam, caso tivessem seguimento, evitar toda a série de sangrentos atentados que se lhe seguiram.

Sabe-se que certos atrasos deveram-se ao melindre e natureza das investigações, bem como as personalidades presumivelmente implicadas. Houve que rodear as investigações de cuidados que provocaram uma certa morosidade, agravada pelo facto de os atentados se virem repetindo com acentuada frequência, obrigando os investigadores a dispersarem-se, deslocando-se e procedendo a exames minuciosos nos locais das explosões na esperança de recolher elementos úteis, dando, cada um desses casos origem a novos processos que, como era evidente a relacionação entre si, impunha a conveniência de manter as averiguações nas mãos do mesmo grupo de investigadores.

A questão de competência quanto à regionalização, foi facilmente superada pela Polícia Judiciária de Lisboa e do Porto, ao aplicarem um sistema de conjunção de esforços e de intercâmbio rápido e directo, convergindo informações e sincronizando actividades.

Tentou-se evitar o que, de início, foi frequente: fugas de informação a partir de elementos policiais, causadoras da frustração em certas diligências importantes, por os visados serem antecipadamente informados, como aliás desse facto de gabou o Ramiro Moreira quando foi detido na sua residência onde tinha muito material de guerra e explosivos.

Terá também prejudicado o bom andamento das investigações, as deficientes estruturas da P. J., agravadas com o aumento da criminalidade de natureza comum. O facto de ser do conhecimento público a falta de poder de operacionalidade da nossa única Polícia especializada em investigação criminal, não preocupou os responsáveis pela governação do País.

PRESSÕES

Este sentimento, que aliás ainda subsiste não só das que possam vir directamente dos implicados na acção terrorista, como daqueles que os terroristas vêm servindo, caso alcancem o Poder — não há dúvida de que se as forças da direita viessem a dominar o País, os bombistas agora presos receberiam honras de heróis enquanto os seus perseguidores entrariam em Caxias — facto porém que não desanima os investigadores, como nos foi garantido.

A acção dos governantes, foi por demais criticável, especialmente durante o VI Governo, devendo-se desde já salientar que no tempo de Vasco Gonçalves, os bombistas mantiveram-se mais quietos. O VI Governo não impôs como lhe competia, dando o seu apoio e a força que as Polícias aguardavam, como palavra de ordem, talvez — admite-se — por os alvos das acções terroristas serem a esquerda.

Quanto à Polícia Judiciária Militar, de criação recente, enferma ainda de deficiências e insuficiências de difícil superação a curto prazo, apesar da evidente boa vontade e entusiasmo dos elementos que a compõem.

Os elementos das duas Polícias de intervenção no caso das bombas, continuam entretanto, a ser alvo de ameaças veladas e directas, havendo mesmo (o que não deixa de ser sintomático) o uso da piada por parte de colegas de serviço, funcionários nitidamente incapazes de compreenderem que o desmantelamento de uma rede criminosa se impõe independentemente da cor partidária que esteja por detrás dessa acção terrorista. Esses funcionários, que agora pretendem acintosamente desanimar os que corajosa e honestamente cumprem o seu dever, muito possivelmente oferecer-se-iam como voluntários no caso dos bombistas serem filiados em partidos de esquerda, ou (quem sabe?) serão comparsas, ainda não descobertos, do Júlio Regadas?

. Por outro lado, há um certo desfasamento entre as autoridades militares investigadoras e as que, juridicamente, apreciam as provas e decidem da situação dos detidos, parecendo que se exige àqueles um preciosismo de provas que em casos desta natureza é difícil de conseguir e uma rapidez inimiga do bom êxito, impondo-se prazos legalistas, para indivíduos que tiveram todos os prazos para agir impunemente.

Assim, e segundo fontes bem informadas, pareceria estar iminente a soltura do Abílio de Oliveira, um dos principais responsáveis pela actuação do grupo terrorista, para o que não deve ser estranha a febril actividade do seu advogado, dr. Abranches Ferrão.

Tal facto, a confirmar-se, iria, como é óbvio, pôr em cheque todas as investigações em curso e seria, certamente, factor de desânimo para os investigadores, ao mesmo tempo que poderia permitir novos e intensos surtos terroristas.

Moçambique
Independência exigiu doze anos de luta

O povo moçambicano celebra hoje o 12.º aniversário do começo da luta armada de libertação nacional, desencadeada pela Frelimo sob a direcção de Eduardo Mondlane.

Foi precisamente há doze anos que em Mueda, Cabo Delgado, o colonialismo português assassinou centenas de moçambicanos por reivindicarem melhores condições de trabalho. Essa chacina, conhecida por «massacre de Mueda», deu origem à luta armada que levaria Moçambique à independência.

«Esta luta não é contra o povo português, mas sim contra o regime que assim o atira para uma morte inglória» — afirmaram sempre os dirigentes da Frelimo.

E Samora Machel, presidente daquela organização e da República Popular de Moçambique, declarou quando o país se tornou independente:

. «A nossa luta foi para a libertação nacional e independência de Moçambique. Foi uma luta para a conquista da nossa personalidade destruída pelo colonialismo. Foi uma luta pela personalidade moçambicana.»

Intersindical recebida por Eanes

. «O Governo anuncia consultas ao patronato, o que contraria a legislação em vigor dado que não estamos a viver num Estado corporativo, o que poderia inclusivamente levar a pôr em causa o próprio movimento sindical» — afirmaram, esta manhã, à entrada do Palácio de Belém, onde foram recebidos pelo Presidente da República, três elementos do secretariado da Intersindical (Jaime Machado, José Judas, e Carlos Carvalho).

O objectivo da reunião, de acordo com as delcarações dos elmentos da Intersindical, seria o de «tratar de alguns problemas relacionados com a nota oficiosa saída no dia 13 e que trata de matérias e direitos fundamentais dos trabalhadores, em que segundo consta da Constituição, os Sindicatos e as Comissões de Trabalhadores devem participar através da sua organização de classe».

«Além disso», afirmaram aqueles elementos, « anota oficiosa dá um prazo muito curto para discussão de oito decretos-leis que os trabalhadores não conhecem porque não foram divulgados».

Outros assuntos que provavelmente poderão ter sido discutidos no encontro com o general Ramalho Eanes, relacionam-se com a Previdência, Reforma Agrária e outros de ordem económica.

Angola e Zâmbia vão trocar embaixadores

. Angola e a Zâmbia estão à beira de normalizar as suas relações, tendo decidido trocar embaixadores e estabelecer uma comissão conjunta que se debruçará sobre os seus problemas.

O acordo foi alcançado em Luanda, em conversações travadas entre uma delegação zambiana e representantes do Governo angolano.

O estabelecimento de relações vem na sequência de três encontros cimeiros com o presidente Agostinho Neto.

Meio milhão de hectares aguarda expropriação

. O Ministério da Agricultura e Pescas informa que o número de propriedades a desocupar é de 101, e não 111, como chegou a ser divulgado. A sua superfície, um pouco superior a 10 mil hectares, representa um a dois por cento da área de intervenção da Reforma Agrária, que totaliza um milhão e 600 mil hectares.

Deste total, 900 mil hectares já foram expropriados e 180 mil estão nacionalizados pelo que restam ainda 520 mil hectares de terra por expropriar. Está previsto o prosseguimento do processo de expropriação de terras que ultrapassem, como determina a lei, o limite de 50 mil pontos.

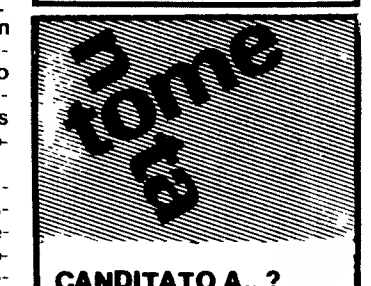
Em Beja, há ainda cerca de 70 mil hectares por expropriar, enquanto se eleva a 350 mil hectares a área legalizada das 56 unidades colectivas e outras herdades sob controlo dos trabalhadores. No distrito de Évora, há cerca de 70 mil hectares de terra por expropriar tendo sido já expropriados cerca de 350 mil hectares. O número de cooperativas existentes eleva-se a 150.

No distrito de Portalegre, as terras a expropriar atingem uma área de 100 mil hectares. As unidades colectivas existentes elevam-se a 52.

Termina hoje o prazo estabelecido pelo Conselho de Ministros para apresentação do programa de intervenções elaborado pelos grupos de trabalho constituídos para o efeito. Tudo indica que a desocupação será levada a cabo pacificamente.

Relógios atrasam 60 minutos

. Atenção, leitor: logo à noite, à uma da manhã (de domingo), os relógios atrasam 60 minutos. É a hora de Inverno, de acordo com o que foi estipulado oficialmente. Um esquecimento fa-lo-á levantar-se uma hora mais cedo na segunda-feira...



CANDITATO A...?

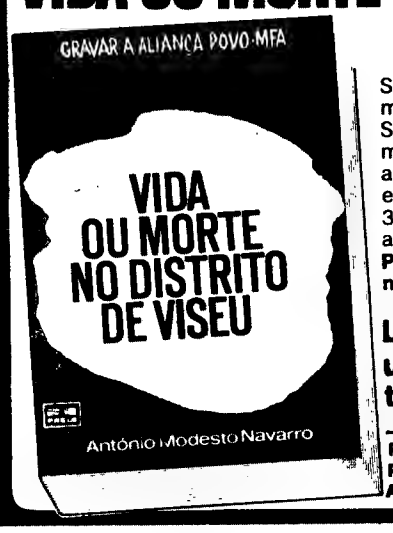
«O Ministério dos Negócios Estrangeiros informa que se encontra em aberto o lugar de economista na Divisão de «Political Affairs», Secção de Estudos Soviéticos, da OTAN.

«Os candidatos ao preenchimento desta vaga, deverão ter formação universitária no campo da economia, a par de vários anos de experiência no campo de investigação económica, bons conhecimentos das línguas francesa, inglesa e russa, e se possível de outro idioma de um país que faça parte do Pacto de Varsóvia.

«Os possíveis candidatos interessados, poderão obter informações mais detalhadas, junto da secção do Pacto do Atlântico neste ministério.

«As candidaturas deverão ser apresentadas até ao final do mês de Outubro de 1976.»

VIDA OU MORTE NO DISTRITO DE VISEU



Se pretende saber o que foi a CODICE, perceber melhor o que esteve por detrás da queima das Sedes, conhecer o caciquismo, a exploração e a miséria generalizada no interior do País e avaliar a justeza da Aliança Povo-MFA, não deixe de ler este novo livro de António Modesto Navarro. São 359 páginas de textos e entrevistas subordinadas aos temas: **Subdesenvolvimento e Organização Popular** e **Dificuldades e Resultados das Campanhas do MFA no distrito de Viseu.**

Leia este documento único sobre um ano cheio de heroísmo e de traições à nossa Revolução – 1975

Preço 200$00
Pedidos em qualquer livraria ou à Prelo Editora
Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B - Lisboa

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal

Diário de Lisboa

sete PONTO sete

teatro
carlos porto 6

cinema
jorge leitão ramos 9

Música:
mário vieira de carvalho 10

televisão 11

Lisboa, 25 a 1 de Outubro de 1976
Orientação gráfica de Rodil Garcia

estude!
GANHE MAIS DINHEIRO!
CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO
(indique um só curso)

CURSOS EM PORTUGUÊS

Rádio, Electrónica, TV
Desenho e Pintura
Relações Públicas
Secretariado
Electricidade
Fotografia
Inglês
Cultura Geral
Corte e Costura
Vendas/Marketing

CURSOS EM ESPANHOL

Técnico de Automóveis
Mecânico de Automóveis * Motores Diesel
Electricidade do Automóvel * Maquinaria Agrícola
Mecânico de Aviação * Mecânico de Helicópteros
Piloto Desportivo e Comercial
Ajudante de Laboratório Químico
Auxiliar de Farmácia * Técnico de Plásticos
Desenhador Mecânico * Desenhador Projectista
Desenhador de Construção de Obras
Desenhador de Carpintaria e Marcenaria
Canalizador e Saneamento * Construtor de Obras
Formação de Pais * Educação Sexual * Publicidade

Peço o envio do livreto sobre o curso de GRÁTIS
.....
Nome .....
Morada .....
Localidade .....
DL/12

cec Álvaro Torrão * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

DIZ-ME COMO TE VESTES E DIR-TE-EI QUEM ÉS

A situação dos historiadores não é brilhante no que diz respeito à história do vestuário. Não se sabe, por exemplo, quem foi a primeira mulher que, nos tempos já distantes da Idade da Pedra Lascada, pediu ao seu homem um casaco de peles. Admite-se a hipótese, porém, de que o dito homem saísse para a floresta a fim de o obter directamente dum leopardo e que não tivesse regressado a casa. Isto, pressume-se, por o leopardo lhe ter oposto uma resistência eficiente. Permanece envolta em mistério uma data importantíssima da história, já que ninguém sabe exactamente em que ano foi resolvido serem os homens a cobrir-se de peles de animais e não os animais a cobrir-se de peles de homem. Tudo o que diz respeito ao vestuário, repete-se, está por descobrir. Por que razão andavam Adão e Eva nus no Paraíso? Por que motivo andarão de saias os escoceses e os gregos — dois povos tão diferentes, ignorantes. com tão pouco de comum?

Nenhum dos gandes historiadores sabe responder a qualquer destas perguntas e os políticos, mais interessados em deixar-nos em pêlo do que vestidos, são igualmente

O mundo atribui, apesar de tudo isto, uma importância enorme ao vestuário. O «jean» «despreocupado» com que o progressista substituiu a calça vincada do burguês é mais caro do que o era a calça substituída e obedece, em matéria de corte, a regras tão fixas e ortodoxas como a do burguês. Custa mais dinheiro uma blusinha com a frase «kiss me» do que a tradicional blusinha de cambraia que usavam as nossas avós e ninguém tenha ilusões sobre o preço do «desprendimento» político: o blusão de couro do militante custa dois salários mínimos...

Por mais que se afirme «indiferente» ao vestuário, o homem do século XX é tão ortodoxo neste campo como o era

É tão difícil por exemplo, imaginar o presidente Mao de «smoking», numa recepção oficial como imaginar o duque de Edimburgo, vestido à Mao, presidindo à cerimónia da os outros, abertura do Parlamento.

Este «7.7» é dedicado ao vestuário, embora não tenha a pretensão de resolver qualquer dos problemas indicados. Em obediência ao espírito da época, o que este «7.7» pretende é unicamente «levantar problemas», «provocar o diálogo» e «abrir a discussão», sobre o tema aliciante do vestuário. Também em obediência ao espírito da época, este «7.7» está-se marimbando para as consequências dos problemas que levanta — os outros que os resolvam.

Para além do tema que tem por «leitmtif», os leitores do «7.7» encontrarão nele toda a informação a que estão habituados

Posto isto, resta-nos, apenas, desejar-lhes um bom «fim-de-seman», já que seria excessivamente optimista desejar-lhes, nos tempos que vão correndo, uma boa «semana inteira»

breve história do vestuário

Adão e Eva na Caparica

Quando o mundo foi criado, Adão e Eva andavam nus. Esta gravura demonstra-o de uma forma inequívoca. O documento talvez não seja aceite pelos historiadores convencionais, mas nenhum homem de bom senso o repudiará

As recepções no período da época lascada acabavam muitas vezes assim...

Os filhos de Adão e Eva, atacados subitamente por um pudor difícil de compreender ou por um frio de rachar (sobre o assunto, as opiniões dividem-se) puseram de parte a tradição familiar da nudez e começaram a aparecer meio vestidos nas recepções. Como não havia pratos, as senhoras serviam as tapas dos «cocktails» em pedaços de pedra e como os alfaiates ainda não tinham grande técnica, de quando em quando as peles com que as senhoras se cobriam escorregavam e elas ficavam nuas com uma pedra nas mãos — daí o chamar-se ao período «período da pedra lascada».

Com o evoluir das bebidas alcoólicas, o homem foi-se sentindo cada vez melhor sobre a face da Terra e acabou por ficar grego, o que afectou profundamente a sua maneira de pensar e de vestir. O primeiro local onde o homem se sentiu grego foi numa península que fica à direita de quem olha para o mapa da Europa um pouco acima da Turquia e que, por isso mesmo, se chama Grécia. Os primeiros homens que se sentiram gregos sentiram-se mal porque estavam metidos numa experiência nova, já que até então ninguém se sentira grego. Sentir-se mal, nessa época, era grave porque o senhor Bayer ainda não nascera e não tivera, por isso, oportunidade para inventar a Aspirina. O facto de se sentirem mal levou os primeiros homens que se sentiram gregos a fazer uma série de disparates que a história registou como, por exemplo, a de um grego que andou à procura da verdade com uma lamparina na mão quando toda toda a gente sabe que a verdade só viria a ser inventada no Século XIX. Outro disparate que a História registou foi a invenção de jogos idotas como, por exemplo, o jogo das estafetas que os levava a correr como se estivessem a ser perseguidos, dando um pauzinho uns aos outros para ver quem é que chegava primeiro à meta com o qusinho. Inventar coisas

Expressão facial do primeiro homem que se sentiu grego

destas, quando ainda nem sequer tinham inventado cigarros, liamba e «bidets», revela até que ponto foram afectados pelo facto de se sentirem gregos. Sentiam-se tão mal que nem sequer sabiam que não precisavam de correr, ou de fazer fosse o que fosse, para que todos chegassem à meta com um pauzinho, já que a natureza fora generosa neste capítulo no que diz respeito aos gregos propriamente ditos — no que se refere às gregas: é qe velara desmemoriada.

No respeitante ao vestuário, os gregos não se distinguiam muito das gregas porque uns e outros usavam umas túnicas muito parecidas. Esta semelhança facilitava a confusão, como é demonstrado por ter sido na Grécia que se inventaram uns festivais, hoje proibidos, chamados bacanais. Daí o verbo «eu bacano, tu bacanas, ele bacana, etc.» e da expressão «é bacano», que faz parte do calão.

Os homens que se não sentiram gregos optaram pela designação de romanos para se diferenciarem dos

Grega, de túnica feminina, estranhando o facto (aliás estranho) de não ter braços

restantes. Entre uns e outros verificavam-se algumas diferenças de vestuário nomeadamente do vestuário feminino já que algumas romanas, andavam nuas aos ombros dos homens, a julgar pelos quadros que existem sobre o rapto das Sabinas (ou das «sabidas» — sobre a palavra há algumas dúvidas). Esse documento histórico revela não apenas esse estranho hábito de algumas romanas, como, também, que as ditas eram gordas, dotadas de pernas grossas e feias. Ainda se não sabe ao certo porque é que os romanos as passeavam aos ombros mas julga-se que não era para as levarem ao futebol

Cidadã romana. Como se vê, é muito parecida com a cidadã grega

Com o passar do tempo e sem que ninguém desse por isso, chegou a Idade Média, que o poeta Fernando Pessoa poderia definir como sendo o «pilar da ponte da tédia entre ela e a outra». A Idade Média, como é do conhecimento de todos, foi uma época muito moral: havia os santos e os outros que, por sua vez, se dividiam em ricos e pobres subdividindo-se estas duas classes em dois grupos: os homens e as mulheres. Cada uma destas classes tinha a sua forma de trajar característica. Os santos, por exemplo, andavam com uma espécie de toga comprida e usavam sempre, atrás da cabeça um círculo redondo que se julga ter sido de porcelana e ter estado na base da actual indústria cerâmica. É de admitir que os primeiros pratos da actual Vista Alegre datem dessa época. A gravura mostra duas santas envergando o seu uniforme profissional e usando, atrás da cabeça, os círculos de porcelana a que nos referimos. Havia, então

Santas envergando o seu uniforme medieval

muitos santos e muitas santas e havia, sobretudo, muitos mártires. Estes últimos, como é o caso de S. Sebastião, não usavam túnicas mas, em compensação, cravejavam lanças, pregos e espadas no corpo. Como a época era muito moral, as pessoas, em princípio, casavam unicamente para se reproduzir (dizemos «em princípio» porque lá para o meio do casamento chateavam-se e faziam outras coisas) o que provocou a divulgação de uma camisa de noite lisa e áspera, dotada de um pequeno orifício que permitia o cumprimento do dever conjugal sem pecado, isto é, sem «hors d'euvres» e sem sobremesas. Como este suplemento, em matéria de moral, se considera vinculado aos princípios medievos, não voltaremos a referir-nos ao assunto. As restantes classes vestiam-se de acordo com as suas posses: os ricos andavam bem vestidos e os pobres andavam mal vestidos. Todos, porém, andavam vestidos — acerca disso os historiadores são unânimes. Outra

Curioso, mas incómodo, o trajo convencional das mártires era feito de lanças, espadas e pregos

As senhoras ricas vestem-se ricamente

As senhoras pobres vestem-se pobremente

coisa acerca da qual não há dúvidas é de que, depois da Idade Média, veio a Idade Contemporânea que começou com o Renascimento.
Embora ninguém, ainda, tenha atribuído grande importância ao facto, o certo é que os homens começaram a contar os anos depois do nascimento de Cristo. Não se sabe ao certo porque o fizeram, tendendo a maioria dos estudiosos a defender a tese de que não tinham mais nada que fazer. Isto, não obstante Freud e os seus adeptos afirmarem a pés juntos que a contagem tem, na sua origem, um fenómeno sexual. O que sabe é que é que, precisamente em 1453, a pretexto de um tal Maomé II ter conquistado Constatinopla, chatearam-se e resolveram iniciar uma era nova, o chamado Renascimento. Deve dizer-se, em abono da verdade, que falharam nos seus intentos porque no dia 31 de Dezembro desse ano descobriram que, em vez de terem voltado ao ano I, tinham entrado em 1454. Isto mostra, sem sombra de dúvida, que o Renascimento foi em vão.
O cansaço que levou os homens à descoberta do Renascimento não teve, porém, apenas este motivo, já que os homens também estavam fartos da Idade Média e dos seus santos, santas, padres, frades e bispos. Acima de tudo, estavam fartos dos padrões morais que os impediam de gozar a vida à sua vontade. O resultado foi que resolveram interessar-se outra vez pelos clássicos que, por figurarem nus nas estátuas, sempre prometiam ser mais divertidos do que os padres dos conventos. A perversidade do homem do renascimento está, porém, bem patente no facto de ele, em lugar de se ter despido para recompreender a vida, se ter vestido ainda mais do que os homens da Idade Média. É difícil conceber maior perversidade!

Mesmo sem se descalçar (cortamos-lhe os pés para a ajudar) levava-lhe duas horas a despir-se

Coberto de casacos, blusões, calções enfunados, colarinhos de renda, luvas de seda e outras peças de vestuário, o homem do renascimento teve de inventar vícios e perversidades que o não obrigassem a despir-se completamente porque isso fá-lo-ia perder mais de uma hora e — é preciso não o esquecer — havia que aproveitar a luz do dia porque as câmaras ainda não tinham verbas para substituir as velas de estearina então em uso pelas lampadas eléctricas.
O homem do século XVI por outro lado, também não tinha uma ideia muito clara do que fosse o conforto, como se prova, à evidência, pela fotografia do túmulo de Roger Lygon, que faleceu entre 1575 e 1580 — haverá vestuário e posição mais incómoda para enfrentar a eternidade?

Roger Lygon enfrenta assim a eternidade

Dir-se-ia, olhando para os fatos dos homens do século XVI e XII, que reinava o princípio de que quanto mais importante e mais rico se era, mais obrigado se estava a andar incomodamente vestido. O vestuário era um símbolo de riqueza e de importância, um sinal iniludível de que o portador era «alguém na vida».
Sabido, como o é, que as casas de banho da época não tinham banheiras nem chuveiros e que o desodorizante estava ainda a três séculos de distância, é de admitir que as reuniões sociais Seiscentistas e Setecentistas fossem curiosamente perfumadas...
Não se pode entender a evolução do vestuário sem se ter bem presente que, se toda a arte é uma tentativa de exprimir ideias com coisas materiais, a arte do vestuário tem um único objectivo: transmitir através do uso de cores, de materiais, de formas e de tecidos, todos eles simbólicos, uma noção precisa da classe social, do meio ou do «sex appeal» do portador. O fato da mulher, por exemplo, tem oscilado sempre entre ocultação ou a revelação de certas partes do corpo tidas por sexualmente atractivas, consoante as épocas. Se no século XVI e XVII as mulheres ocultavam os seios, no século XVIII sentiam-se obrigadas a mostrá-los para que ninguém duvidasse da sua existência. Com estes comentários entramos no século XVIII, em cuja primeira parte as burguesas meteram os seios dentro e em cuja segunda parte meteram os seios para fora.

Senhora exibindo os seios a um amigo do marido

Ter ou não ter o seio de fora foi a questão entre as mulheres endinheiradas do século XVIII e dizemos «mulheres endinheiradas» porque as mulheres do povo nunca tiveram o problema — usavam-nos dentro do vestido e não os exibiam em público. Vê-los era privilégio do «seu homem» e não de quem os quisesse olhar. Diga-se, aliás, de passagem, que a diferença entre a mulher com o seio de fora e a mulher com o seio escondido, correspondia à diferença cada vez maior que ia separando a burguesia do povo. —
Quem usava os seios de fora tinha a sua ética de classe e estava-se nas tintas para a ética do povo. Quem tinha os seios de fora, tinha fogões em casa e não andava, no Inverno, a trabalhar os campos. Quem tinha os seios de fora, besuntava-os com pomadas inacessíveis a quem se levantava de madrugada para cuidar da casa. Quem tinha os seios de fora pertencia, por outras palavras, à classe que lentamente se ia apossando da terra.
Abandonemos, porém, estas considerações socioeconómicas, para entrarmos directamente no problema do vestuário. Ninguém sabe ao certo o que faziam as burguesas que tinham seios pequenos ou que os tinham caidos. Ninguém sabe ao certo nada disto e é provável que ninguém o venha a saber. O que parece incontestável é que houve uma guerra

Senhora sem privilégios não exibindo os seios a ninguém

Senhora com posterior volumoso

surda entre as mulheres sem seios e as mulheres com seios e que as mulheres com seios acabariam por sair vencedoras no século XIX. De entrada, o século XVIII caracterizou-se por uma certa ordem, por um desejo de ordenação que se traduziu, no campo do vestuário, por um corte mais lógico e por uma maior simplicidade. O burguês não se queria confundir com o aristocrata, em seu entender perdulário, inútil e vinculado a privilégios que urgia liquidar. Ele, burguês, era a «ordem nova», a revolução, a lógica, o trabalho. Tudo isto se torna evidente a quem examina o vestuário do início do século.
Tudo isso foi por água abaixo, com o triunfo burguês da Revolução francesa. Uma vez instalado no poder, o grande burguês tratou de imitar o antigo aristocrata que lhe ocupara a cadeira durante tanto tempo.

Os do nosso tempo e os excentricos mais conhecidos da história em matéria de vestuário, nunca conseguiram bater os «incríveis» e os maravilhosos» que tomaram conta da moda depois da revolução francesa, mas aos dias de festa seguiram-se os de trabalho. Havia que consolidar o domínio burguês no escritório, na oficina e no campo. Havia que «respeitabilizar» a classe. O homem, sobretudo, começou por imitar, no seu vestuário civil, os uniformes napoleónicos e manteve, sempre, uma certa sobriedade que a mulher da classe média, agora com, mais possibilidades de opção em matéria de cores e de tecidos, nunca seguiu. Os seios desapareceram das ruas, é certo, mas, em compensação, os posteriores aumentaram extraordinariamente e mantiveram-se enormes, bojudos, garrafais, durante muitos anos. Só lá para a segunda metade do século é que começaram novamente a diminuir porque... não cabiam nos novos meios de transporte, se é que cabiam nos passeios!

Burgueses imitando no trajo uniformes napoleónicos

Tivessem os posteriores das senhoras mantido as suas proporções monumentais e ser-lhes ia muito fácil, agora, transportar G-3 sem que ninguem as visse... A nova independência da mulher, por outro lado, traduziu-se em inúmeras coisas e teve a sua expressão, por exemplo, no fato de banho. Da camisa pesada de flanela do princípio do século XIX, ao bikini dos nossos dias, que diferença!
A maior evolução verificada no campo do vestuário teve lugar precisamente no século XIX.

Embora não haja documentos seguros sobre o incidente, diz-se que

Houve uma luta terrível entre as saias das mulheres e as portas dos automóveis, afirmando-se que os primeiros automóveis foram equipados de motores porque os seus proprietários queriam fugir às mulheres, o que é perfeitamente possível. Nos anos 20 do século XX, já as mulheres tinham abandonado os enfeites de vestuário e optado por vestidos que lhes permitiam entrar nos comboios, nos automóveis e nos aviões.

O vestuário feminino aproximava-se a passos largos do masculino e os dois viriam a encontrar-se no nosso tempo.

Para além do automóvel, o que mais contribui para esta revolução do vestuário foi, sem sombra de dúvida, a I Guerra Mundial que obrigou a mulher a trabalhos a que até aí não estava habituada e que tirou, das lojas, os tecidos que até então lhes permitiam fantasiar-se à vontade.

Os anos vinte marcaram, ainda, a vitória definitiva (por enquanto) das mulheres de peitos pequenos sobre as mulheres bem abastecidas neste campo, já que a ordem do dia era eliminar as diferenças que as separavam dos homens e é geralmente sabido que essa é uma delas embora não seja, talvez, a mais importante.
Por essa altura surgiu, ainda, um tipo de vestuário novo no mundo pela sua agressividade e pelo seu incontestável objectivo de «assustar». O vestuário dos fascistas italianos, tal como a arte dos fascistas italianos, ilustra bem o que dissémos sobre a natureza do vestuário em geral, já que se destinava a transmitir ao público uma imagem perfeitamente definida dos seus portadores.

Posporrentes, convencidos, autoritários e outras coisas mais que não é costume ver em letra de imprensa, os fascistas italianos escolheram deliberadamente um tipo de vestuário destinado a «vender» a sua masculinidade e a impressionar os seus inimigos. Da bota alta bem engraxada, ao boné de pala comprido, passando pelas calças enfunadas, nada lhes faltou que pudessem utilizar para esse efeito.

Os fascistas usavam fatos muito másculos...

Infelizmente para o Mundo, os antifascistas trajaram deste modo durante anos

Os nazis não lhes ficaram atrás nesta matéria e as alemãs de cabelo curto e de farda engomada que se passeavam nas ruas de Berlim esticando o braço ainda se não sabe ao certo porquê e para quê, são um exemplo típico da mulher da época.

Macho afascistado passeando com fêmea afascistada

Entre nós, como é sabido, o traje oficial do fascismo teve outra natureza, dada a brandura tradicional dos nossos costumes e o facto de não dispormos, na altura, de dinheiro para grandes fantasias. Os nossos fascistas usavam todos casaco preto e calça de fantasia, podendo dizer-se que o ministro Silva Cunha, microscópico e ridículo, era o modelo oficial português. Somos um país pobre e foi o melhor que se arranjou...

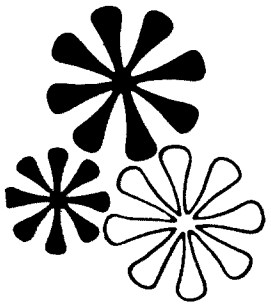
O chapéu de aba virada, que todos usavam, era outro símbolo da profissão de fascista português e bem pena é que tenha caído em desuso, agora que falta água nas albufeiras, porque sempre serviria para armazenar a pouca água da chuva que nos cai do céu.

A II Guerra Mundial, que obrigou as mulheres a trabalhar ao lado dos homens nas fábricas, nos campos e nos próprios exércitos, revolucionou, pela segunda vez no século, o vestuário masculino e feminino.

Para começar, introduziu as calças como traje obrigatório para ambos os sexos — a mulher, por outras palavras, reivindicou tudo o que o homem tinha, incluindo a embalagem. Ainda bem que não foi ao contrário, porque seria horroroso sair à rua com os homens garbosamente vestidos de mulheres.

A Primeira Guerra Mundial modificou radicalmente a mulher. Esta não esconde nem exibe os seios — finge que não os tem!

Não se julgue, porém, que desta medida resultou uma diminuição da vaidade ou da pompa humana, porque o contrário é que estará certo: o blue jean tem um corte impecável, custa tanto dinheiro como umas calças de flanela e é, em si mesmo, tão simbólico como outra coisa qualquer. As calças de bombasina, por outro lado, seguem na rota do blue jean para que ninguém duvide de que, como diria Brito Camacho, as calças é que mudaram mas a, perdão, o homem, é sempre o mesmo.



Sapato roto ou são melhor é no pé que na mão.
Com bom fato se esconde ruim linhagem.
Corpo é vestido, alma é pessoa.
Debaixo de bom saio está o homem mau.
Desde que vestidos não vemos não nos conhecemos.
Faz-se a roupa conforme o pano.
Mais vale descoser do que arromper.
Mais vale roto que remendado.
Não são os tacões que fazem o gigante.
Por se andar vestido de lã não se é carneiro.
Quem muito lave a roupa é porque muito a suja.
Quem se veste de ruim pano veste-se duas vezes ao ano.
Quem te cobre que te descubra.
Ninguém as calça que as não borre.
Por sol que faça não deixes a capa em casa.
Fazenda esfarrapada vale pouco ou nada.
Dá Deus o fato conforme o frio.
Quem tem capa sempre escapa

caixa do PONTO

TEMA DE NANCY: TEATRO CÓMICO POPULAR

1 A FESTA É UMA ARMA

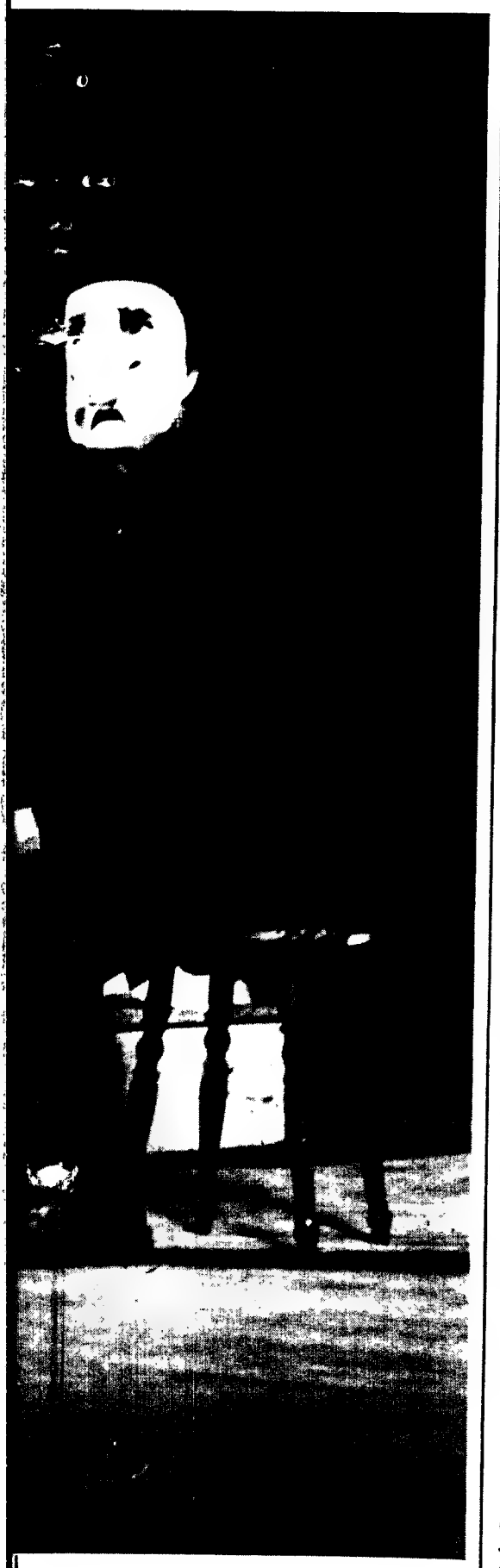
O Festival de Nancy foi este ano, e pela primeira vez, organizado a partir de um tema: o teatro cómico popular. Chamámos já a atenção para o facto de o 1festival não nos ter parecido tao cómico e tão popular como o titulo prometia. Esse facto não implica o menospreza por grande número de espectáculos apresentados e que assumiam formas peculiares de manifestações radicais em tradições que remontam à **commedia dell'arte.**

LUTAR NAS ENTRANHAS DO IMPERIALISMO

O grupo El Teatro Campesino, dirigido por Luís Valdez, apresentou no Ginásio Verdun o seu último espectáculo, «A Barraca dos Oprimidos». Lembramos que este grupo nasceu na Califórnia, em 1965, como consequência de uma greve de trabalhadores do campo. Esta iniciativa foi inspirada pelos espectáculos realizados nos anos 1930-40, na fronteira mexicano-americana. A emigração de mexicanos pobres que vão trabalhar para os EUA, aliás em território que foi colonizado pelos americanos, e a luta em condições desumanas que esses trabalhadores travam quotidianamente contra os patrões ianques, são afinal o material de que estes grupos itinerantes se serviram e servem para as suas criações.
Em 1965, César Chavez, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, declarou a greve dos campesinos e foi então que Luís Valdez criou o grupo tendo como actores camponeses, alguns dos quais nunca tinham visto teatro. Os espectáculos do grupo são geralmente constituidos por pequenas cenas representadas ao ar livre, nos campos, nos sindicatos, etc. O movimento do teatro campesino ampliou-se de tal maneira que existem hoje mais de 70 grupos chicanos nos EUA, grupos cuja actividade tem como constante a consciencialização dos trabalhadores sobre a situação social e história em que estão inseridos.
Para Luís Valdez, o Teatro Campesino é simultaneamente Brecht, Cantinflas e a **commedia dell'arte.** Compreende-se que assim seja, pois os objectivos deste tipo de teatro são muito claros e directos: trata-se de criar conflitos nos quais os espectadores possam encontrar e situar correctamente os seus próprios problemas e as soluções — de ordem geral e nunca de ordem individual — mais adequadas.
O espectáculo inicia-se com uma breve apresentação feita por Luís Valdez que se refere à história do grupo e ao significado do espectáculo. É través de dois signos muito concretos que este toma forma. Trata-se de uma bandeira vermelha com uma águia em fundo branco, e de um casaco de **nylon** azul que tem nas costas as seguintes letras: Teamsters. A bandeira é a do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas (o vermelho é o sangue dos companheiros que perderam a vida; o branco representa a luz do Sol; a águia é a águia asteca, símbolo do povo mexicano); veremos o significado do casaco.
Utilizando formas elementares (queremos com isso dizer que os actores utilizam apenas os seus corpos, a sua voz, e pequenos objectos de cena como uma corda, além de dois ou três trajes **ricos**), o espectáculo conta a história de um camponês mexicano que emigra para os EUA e lá conhece a exploração do capitalismo até ganhar consciência do significado do seu trabalho e da forma de lutar contra aqueles que o exploram. Essa forma é a unidade com os outros trabalhadores, unidade que se concretiza através da greve. Surge então a justificação dos signos apresentados no início do espectáculo: a bandeira empunhada pelos trabalhadores em greve, o casaco de **nylon** que é usado pelos camionistas, traidores de classe como no Chile, que se aliam aos patrões para dividir os trabalhadores e enfraquecerem a sua luta.
Nestas breves notas não podemos fazer mais do que assinalar a simplicidade dos meios cénicos utilizados, a autenticidade da representação, que não é um artefacto de actores militantes, mas o reflexo de uma realidade vivida quotidianamente, a utilização brechtiana das canções e das máscaras. Não queremos, no entanto, deixar de assinalar um pormenor do espectáculo que diz bem das suas possibilidades expressivas: enquanto os trabalhadores falam, quase sempre, espanhol e aparecem de rostos limpos, os exploradores e os seus lacaios aparecem com máscaras do diabo, da morte, do **cow-boy** (muito maquilhado), e falam sistematicamente em inglês.
Belo e forte espectáculo, este.

À MANEIRA DE RONCONI

Um dos espectáulos mais importantes do Festival (no que se refere aos meios utilizados) foi apresentado por um grupo italiano, o Teatro Libero de Nápoles. «Masaniello», um texto de Elvio Porta e Armando Porglise, foi apresentado no Pavilhão dos Desportos, a estrear, em virtude do seu dispositivo cénico exigir um espaço em que os actores possam evoluir entre



o público. O espectáculo, dirigido por um antigo assistente de Luca Ronconi, foi evidentemente inspirado na concepção do mais célebre dos espectáculos daquele encenador italiano, «Orlando Furioso». «Masaniello» é representado em vários praticáveis colocados na arena do recinto na qual estão de pé centenas de espectadores, enquanto outros tantos preferiram sentar-se nas bancadas. Os actores e os próprios praticáveis evoluem de acordo com a encenação o que obriga o público a deslocações constantes (é essa de resto uma das armas de um espectáculo deste tipo). Através de belas canções, acompanhadas por um grupo musical, e do diálogo, o grupo conta a história de uma revolução popular que eclodiu no Reino de Nápoles em 1647. Na origem directa da revolta aos impostos sobre a fruta que o Rei Carlos V pretendeu lançar.

Masaniello chefia então uma rebelião que levou à expulsão do vice-Rei de Nápoles, ao incêndio do Palácio, acabando, como de costume, por as forças reais reconquistarem o Poder, tendo assassinado o chefe dos revoltosos depois deste se ter rendido.
Parcialmente interpretado em dialecto, o espectáculo é por vezes difícil de seguir, e moroso por excesso de diálogo. No entanto, a força dos actores, os registos diversos de que a encenação se serviu multiplicando os planos de representação, o ambiente de festa que por vezes se conseguiu criar, fazem deste espectáculo uma experiência de vanguarda, uma obra popular e um discurso político.

A SURPRESA JUGOSLAVA

Uma das surpresas do Festival de Nancy foi, para nós, a apresentação de um pequeno grupo jugoslavo que apresentou um espectáculo no qual utiliza o esquema e as personagens da **commedia dell'arte** para fazer uma crítica corrosiva a situações contemporâneas e em especial ao militarismo e à guerra. É difícil descrever um espectáculo de que não se entende quase uma palavra (por vezes os actores metiam uma frase em francês ou em inglês) e de que, no entanto, se entende tudo, tal a força de expressão, a todos os níveis, destes actores jovens mas com capacidades de movimentação, de acrobacia, de mímica, de imaginação, que nos deixaram de boca aberta. Isto só se pode explicar por um trabalho preparatório de grande fôlego, por uma formação básica do actor feita a sério.
A utilização da linguagem da **commedia dell'arte** para contar histórias dos nossos dias foi já admiravelmente aproveitada por Ariane Mnouchkine e pelo Théâtre du Soleil. Este espectáculo jugoslavo não tem, claro, as pretenções de «L'Âge d'Or», no entanto não lhe é inferior. Conservando-se mais próximo do esquema e das situações da **commedia dell'arte** consegue exprimir, com uma força e uma simplicidade admiráveis, a denúncia, a crítica de uma sociedade — a nossa — incapaz de respeitar e salvaguardar os autênticos valores do homem.

2
EM BUSCA DO RISO PERDIDO

O primeiro domingo do Festival Mundial de Teatro veio justificar o título geral que demos a estas crónicas. Com efeito, tratar-se-ia de uma blague falar do teatro como um acontecimento que sai do **ghetto** e consegue interessar aquilo a que habitualmente se chama o não-público se o teatro não saísse para a rua. No domingo, contudo, os grupos arejaram e conseguiram, sem ir muito longe, dar uma outra imagem a esta bela cidade.

COLOQUIAR SOBRE O RISO

Depois de assistirmos a algumas manifestações, mais ou menos didácticas, sobre o teatro cómico popular, confirmamos uma vez mais que o riso é como o amor: mais vale fazê-lo do que discuti-lo. O primeiro colóquio realizou-se no anfiteatro da Faculdade de Direito que estava cheio até às costuras. Na mesa, algumas celebridades: o actor Alain Cuny, a encenadora inglesa Joan Littlewood, Jean-Louis Barrault, Dario Fo, Augusto Boal. A meio da sessão, e para grande alegria dos presentes, Luís Valdez, do Teatro Campesino, foi ao palco dizer algumas palavras vivas. Porque o que caracterizou o colóquio foi ter sido uma coisa morta. À parte Augusto Boal, que se referiu com o poder que o caracteriza, às suas expriências do teatro do oprimido, ouvimos sobretudo palavras académicas de senhores que estavam ali nitidamente por estar. Foi pena que Dario Fo não tivesse podido desenvolver a sua intervenção sobre as origens e ideologias da **commedia dell'arte**, o que teria certamente enriquecido o colóquio, no qual o público praticamente não participou.
Ainda em tom de colóquio, foi o diálogo travado, mais tarde e num dos teatros de Nancy, entre o actor cómico Guy Bedos e o escritor e crítico de cinema («Nouvel Observateur») Jean-Louis Bory. Aqui houve mais animação não só em consequência do poder comunicativo dos dois principais intervenientes (Bedos é

extremamente popular) mas ainda pelo tipo de sessão em que as intervenções «discursivas» eram ilustradas pelos **sketeches** interpretados com talento por Guy Bedos. Este pôs em questão o problema do humor político, a necessidade de fazer do riso uma arma contra os poderes repressivos. Tratando-se de um homem de esquerda, não nos surpreenderam as suas referências críticas ao regime de Giscard e ficámos a saber que estão proíbidos de actuar na RTF alguns dos principais artistas franceses. Como em Portugal no tempo do fascismo e, salvo erro, depois do 25 de

Novembro. É claro que a palavra proibir talvez não seja ortodoxa embora traduza uma situação de facto.
Ainda nesta rubrica podemos colocar o espectáculo com alguns outros cómicos franceses: Jacques Lecoq, Avron, Evrad e Byland. Tratou-se aqui de uma lição, aliás magistral, sobre o mecanismo do cómico dada por Lecoq, lição magnificamente ilustrada pelas intervenções dos outros artistas. De salientar, a análise sobre o papel da máscara no teatro cómico, com a apresentação de diversos exemplos de máscaras.

UBU (NÃO) OCUPA A CIDADE

Um dos pontos altos do Festival deveria ter sido o cortejo-espectáculo «UBU em Nancy», organizado por um encenador romeno, Radu Penciulescu. Foi um fiasco, devemos dizê-lo. Duas dúzias de figurantes, sinalizados de soldados dos EUA, em dois **jeeps**, uma banda de música, o Pai UBU e a Mãe UBU num descapotável, ele de bigode à Hitler e capacete colonial, ela gorda e feia, como convém, tudo isso não bastou para fazer uma revolução. E o cortejo passou quase despercebido numa tarde calma de domingo de uma cidade provinciana e burguesa onde certamente não escasseiam os ubus. De sublinhar o facto de o Pai UBU ter sido autorizado a ir à varanda da Câmara fazer um discurso, quer dizer, investir a cidade. Foi a nota insólita num cortejo demasiado bem comportado.
Aliás, outras manifestações de rua conseguiram atrair mais gente de que o Pai UBU. O Teatro Campesino apresentou na bela Praça Stanislas, jóia da arquitectura do século XVIII, um pequeno espectáculo com canto e dança inspirado nas lendas maias; noutro local, a Comuna apresentou o «Bão» para as crianças; na Rua Grande um quarteto de cordas tocava música clássica; de um pouco mais longe, uma janela de um rés-do-chao, vinha o som de um violino que um amador tocava. Da Associação de Emigrantes Portugueses caíam **confettis**, os suecos do Skanska Thetern faziam as suas habilidades circenses. Durante algumas horas, as crianças e os adultos presentes viveram o teatro e a música com a alegria espontânea e simples que normalmente não têm.

VÂNGUARDA «MADE IN USA»

Pensamos que não vale a pena perder muito espaço com dois espectáculos americanos que foram a Nancy. Espectáculos apresentados por grupos de vanguarda que começam a ser consagrados (?), constituem, no entanto, um sintoma trista não pela falta de talento mas pelo cabotinismo, a decadência de imaginação que marca este tipo de vanguarda. Tanto o espectáculo do Ridiculous Theater como o do Mamou Mines (este aguradado com muito interesse, pois o grupo ia a caminho de Belgrado participar no Festival do Teatro das Nações), tanto um como o outro representam tentativas de teatro grotesco, o primeiro procurando despontar relações entre indivíduos, clichés burgueses, a carga ridícula de situações convencionais, o segundo pondo em jogo pessoas e objectos de forma a que surja nítida a coisicodificação daquelas. Isto é talvez uma interpretação abusiva porque os espectáculos são manifestações mais ridículas do que ridicularizadoras, próprias para mostrar à família em dias de festa (desde que a família seja uma espécie de antifamília, claro).

SOLIDARIEDADE COM O CHILE

No domingo de manhã, realizou-se numa das principais salas de Nancy uma jornada de solidariedade com os actores do Grupo Aleph de Santiago do Chile dissolvido por Pinochet e de que alguns elementos estão presos e outros desaparecidos. Participaram alguns dos rupos presentes no Festival: entre eles o Teatro Campesino e a Comuna. Um conjunto musical formado por chilenos exilados em Nancy cantou, e alguns actores do grupo interpretaram excertos de uma peça representada pelo Aleph antes de ser liquidado e já depois, no campo de concentração. Carlos Paulo, da Comuna, disse algumas palavras sobre o significado de um grupo português poder participar naquela manifestação depois de Portugal ter saído de 50 anos de fascismo, e o grupo cantou «Grândola, Vila Morena». Por fim, Augusto Boal lembrou que quando estava preso houve uma manifestação semelhante em Nancy que muito contribuiu para a sua libertação. Surgiu a formação de um **omité** internacional permanente de solidariedade, e referiu a necessidade de todos se manterem unidos e activos na luta contra o fascismo. O facto de o Grupo Aleph ter estado em Nancy em 1973 tornou ainda mais pungente esta cerimónia. Infelizmente, e sobretudo para os portugueses, a plateia de Nancy é constituída por gente com pouca vida, incapaz como foi de transformar aquela manifestação num verdadeiro acto político.

AINDA O CÓMICO E O POPULAR

Dirigida por Arturo Corso, um dos mais próximos colaboradores de Dario Fo, a Cooperativa di Teatro Populare apresentou um espectáculo que tinha como ponto de partida a conhecida peça de Goldoni «Arlequim, Servidor de Dois Amos». Tratava-se

Continua na pag 8

Continuação da pág 7

aqui de fazer a desmontagem do espectáculo como objecto culturalista através dos esquemas da **commedia dell'arte**. Os actores que constituiam uma trupe da época punham-se o problema de fazer Goldoni para os burgueses, e comerem, ou de fazerem teatro popular, passando fome. O espectáculo passava por várias peripécias e acabava por se transformar numa representação pirandelliana embora à maneira da **commedia dell'arte** com os intérpretes sendo obrigados a ensaiar Goldoni. Fazendo referências à actualidade, o espectáculo põe constantemente em jogo o seu próprio estatuto: faz-se um discurso em louvor do teatro mas ao mesmo tempo interroga-se sobre como pô-lo ao serviço dos esfomeados. Prolongando-se excessivamente, «Arlequim: Escolhe o Teu Amo» acabava parodiando o teatro de concentração, a a interiorização do actor à maneira do ritual grotowskiano. Espectáculo curioso, rico em incidências sociais e em pistas teatrais não deixava, no entanto, de cair na armadilha cultuturalista que pretendia denunciar.

O grupo de Fenebra Theâtre Mobile preferiu ir a França buscar material para o seu trabalho (e nem por isso o seu espectáculo deixava de constituir uma referência à **commedia dell'arte**). Para isso, escolheu uma das mais populares figuras do teatro francês: Tabarin, que surgiu em Paris por volta de 1620. O espectáculo é constituído por uma série de cenas burlescas ligadas por um fio sentimental em que são criticados hábitos e moralidades da época mas que são ainda nossos, definindo-se por uma **verve** e por uma inventiva cénica excelentes. A composição das personagens e a liberdade de comportamento que as define, o lirismo ténue que o percorre, fazem deste espectáculo uma das coisas interessantes do Festival.

O QUE FICA POR DIZER

F)))

Fica quase tudo por dizer de um Festival que não deixou de ser para nós uma experiência de espectador a ter em conta: não pretendemos mais do que fornecer algumas pistas para o leitor porventura interessado.

CARLOS PORTO

TEATRO DO BAIRRO ALTO
(R. Tenente Raul Cascais, 1-A (ao Rato, T. 661515)
TAMBORES NA NOITE
de Bertolt Brecht
pelo Teatro da Cornucópia.
(A partir do dia 29)
Uma peça da juventude do autor de «O Círculo de Giz Caucasiano» por um dos nossos melhores grupos independentes. Aguardado com o interesse que merece.

MARIA MATOS
(Av. Frei Miguel Contreiras, 52 T. 897017)
O DIRECTOR DA ÓPERA
de Jean Anouilh
pela Cooperativa Reportório
Uma nova companhia que começa politicamente com o pé direito e teatralmente com o pé esquerdo. Começa, pois, duplamente mal. Esperemos pelo próximo espectáculo (com uma peça de Natália Correia).

ABC
(Parque Mayer T. 366745)
CADA COR SEU PALADAR
de Francisco Ribeiro, Armando Cortês e Nicolau Breyner
A tristeza de uma revista sem futuro.

TEATRO ABERTO
(Pç. de Espanha)
O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
de Bertolt Brecht
pelo Grupo 4
Um grande espectáculo que se transformou num grande êxito de público.

ADOQUE
(Martim Moniz)
A GRANDE CEGADA
de Ary dos Santos, Braga Santos, César de Oliveira, Correia Martins, Ferro Rodrigues, Francisco Nicholson, G. Preto e J. Luís Gomes.
A qualidade da revista ao serviço do humor e da democracia. Uma lição

VASCO SANTANA
(Entrecampos T. 768609)
FASHEN
de David Hare
pelo Teatro-Estúdio de Lisboa
Uma peça inglesa sobre um tema chinês.

MONUMENTAL
(Saldanha T. 555133)
AS COISAS QUE O PADRE FAZ
de Luiz Tegedor e José Alfayate
Para os admiradores de Camilo de Oliveira. Sem interesse para os que gostam de teatro.

LAURA ALVES
(R. da Palma, 253 T. 864756)
VAMOS TROCAR DE MULHERES?
de Luís Rego e Didi Kaminga i
Para os admiradores de Badaró. Há?

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
(em digressão)
DESPEDIMENTO SEM JUSTA CAUSA
de Júlio Maurício
Algures na América Latina, como outrora em Portugal. Para os que conheceram o fascismo na carne, para aqueles que não querem conhecê-lo, para os que têm saudades e precisam que a memória do terror lhes seja avivada. Um espectáculo simples e directo capaz de falar a um público popular.

MINI ENTREVISTA COM JOSÉ VIANA

D.L. — No decorrer de uma entrevista publicada no último «7.7», o Rogério Paulo declarou que quando acabar o espectáculo em que está a trabalhar, vai colaborar contigo em Almada. Como ninguém sabe que vais trabalhar em Almada, gostaríamos de te ouvir sobre o projecto...

J.V. — Almada, sabe...

A Academia Almadense tem duas casas de espectáculos, o seu velho teatro que está fechado há muito tempo e o cine-teatro que é utilizado como teatro, de vez em quando. Pensando que não era razoável manter um teatro fechado, sobretudo num momento em que há tantos artistas sem palco, a direcção da Academia resolveu perguntar-me se eu estaria interessado em utilizá-lo e eu aceitei.

D.L. —: Há quanto tempo se passou isso?

J.V. — Há uns meses. Aliás, até tem graça contar a forma como se estabeleceu o contacto. Tenho uma filha que canta internada no conjunto Outubro e que foi actuar a Almada, onde lhe mostraram o teatro dizendo que estava reservado para mim. Ela, surpreendida, exclamou «para o meu pai!» e eles que não tinham a menor ideia de que ela era minha filha, pediram-lhe para me pôr em contactos com eles...

D.L. — Em que regime é que vais? És empresário? Empregado da Academia?

J.V. — Nada disso. Trata-se de um caso de solidariedade que vale a pena contar. A gente da Academia sabia que tanto eu como a Dora estavamos desempregados e, por entender que isso não era justo, resolveu proporcionar-nos trabalho entrando com o que tinha — um teatro. Acontece que isso não bastava porque o teatro estava velho e precisava de obras. Convocaram uma assembleia geral a votarem a verba necessária à obras. Tive outros apoios, como é o caso do Rogério Ribeiro, que fez o projecto de decoração do edifício que inclui murais e azulejos (estes do Querubim Lapa) para só falar de dois dos artistas ligados ao projecto.

D.L. — Mas qual é a tua situação?

J.V. — É difícil de explicar, na medida em que ele resultou de um entendimento profundo com a direcção da Academia. Deduzidas as despesas, a Academia cobra uma percentagem da receita, mas a parte mais substancial é para nós. E é tudo, excepto que há no nosso contracto uma clásula que não deve ser frequente: o contrato e todas as suas cláusulas podem ser modificadas sempre que ambas as partes o entenderem.

D.L. — Disseste «para nós». Isso quer dizer que vais formar companhia...

J.V. — Conto com o apoio de vários profissionais, como o António Machado, o Manuel Coelho, o Vicente Batalha, a Dora, e a Gina Santos que admite a hipótese de trabalhar connosco a partir de Outubro. Conto, ainda, com jovens como o Carlos Ivo e com veteranos como a Elisa de Guisette. Deixei deliberadamente para o fim o Rogério Paulo, cujo apoio tem um valor inestimável para nós. Vamos formar uma companhia profissional mas a sua constituição definitiva, no que respeita à apresentação da primeira peça, está dependente da política de subsídios que vai ser adoptada e que nos condiciona, como é evidente. Pedimos um subsídio que nos parece razoável, mas ainda não tivemos resposta. No que respeita à instalação sonora e à aparelhagem eléctrica, que são sempre muito caras, a Academia fez um pedido à Fundação Gulbenkian, baseando-se no facto de irmos exercer uma acção cultural que vai benificiar toda a população de Almada. Também ainda não teve resposta.

D.L. — As coisas parecem-me ainda um tanto ou quanto atrasadas. Quando é que o teatro estará pronto a funcionar?

J.V. — Calculo que daqui a 60 dias. Começamos a ensaiar já na segunda-feira.

D.L. — Vamos, então, falar do teu reportório...

J.V. — Vamos estrear com uma peça minha que se chama «A grande jogada» e, depois, tencionamos pôr em cena «Retábulo do Flautista» de Jordi Teixidor e «Os invasores» de Egon Wolf. Pensamos que o teatro tem de ser smpre um teatro de circunstância e estamos particularmente interessados em apresentar autores portugueses.

D.L. — Quando é que escreveste «A Grande Jogada»?

A.V. — Comecei a escrevê-la logo que subiu à cena a revista «O pá pega na vassoura» e levei um ano a acabá-la

D.L. — Prevês mais alguma actividade?

J.V. — Já arrancamos com um trabalho de iniciação teatral que teve uma larga aceitação em Almada. Basta dizer que já contamos com cerca de quatro dezenas de pessoas que trabalham três vezes por semana e que me parecem interessadas na Academia. Têm feito exercícios de imaginação criativa e de colocação de voz e análises de textos. Desta nossa actividade vai surgir um grupo amador paralelo a que até poderemos vir a recorrer para obtermos novos profissionais. Não temos pressa e como pretendemos fazer um teatro de intervenção política, simplificámos os processos técnicos mas não prescindimos — antes pelo contrário — da análise política e do estudo cuidadosos das circunstâncias.

D.L. — Uma última pergunta: em que condições económicas é que os profissionais vão actuar?

J.V. — Isso depende de vários factores, nomeadamente do montante dos subsídios que nos forem atribuídos, da aparelhagem que nos for concedida e, até, do êxito que tivermos. Uma coisa é certa: arrancamos com um grupo de profissionais, mas o grupo de amadores apoia-nos de toda a forma. Temos quem esteja disposto a trabalhar em todos os sectores da nossa actividade com a noção exacta de que, fazê-lo é uma forma correcta de trabalhadores compensarem outros trabalhadores que, no fundo, lhes estão a dar o que têm. Trata-se de uma troca amiga.

CINE/PONTO

Isto é, evidentemente uma nova revista de cinema (principalmente) e outros espectáculos como teatro, discos, rádio e TV. Ou seja uma espécie de concorrente do 7.7 que, apesar disso, também torce pela subsistência e êxito desta nova publicação.
Quanto mais não fosse porque da equipa que a produz, um bom par de nomes são nossos amigos. Ora vejam: Lauro António (director e proprietário), que foi largos anos o crítico do «DL» e agora está no «Diário de Notícias» João Lopes e José Camacho Costa, que também já foram «da casa» (do «Sempre Fixe»», defunto) e depois da «Vida Mundial» donde se desempregaram com a entrada da equipa de Natália Correia, Mário Damas Nunes, um homem que tem a honra de ser uma das vítimas do 25 outonal e andou pelo «República» e, agora pelo «Página Um» e Maria Eduarda Reis Colares que, ao que sabemos começa agora a fazer crítica, após longo estágio com L. António. O Teatro é assinado por Jorge Listopad e a Música por Nuno Martins. De Paris escreve Isabelle Thirean e, de Londres, Miguel Cardoso. Tratando de fotografia está

Waldemar Ramalho enquanto que a Carlos Babo está destinada a triste incumbência de ver televisão (brrr!!) e de debitar sobre.
Ou seja, e para já, uma equipa heterogénea, a puxar pela testa e a fazer toda a força do mundo para que «Isto é espectáculo» ande e frutifique.
Neste primeiro número (que já está à venda por uma nota de 20, ou duas moedas de 10 ou quatro de 5, etc) e após as apresentações de praxe, fala-se de Nagisa Ishima e **O Império dos Sentidos** Marguerite Duras e **Son non de Venise dans Calcutta desert**, Pasolini e **Salò, Trás-os-Montes** e, avulso, **A mulher casada** de Godard, **Ykuza**, de Polack, **Rollerball** (em ante-estreia) para além de uma panorâmica sobre os filmes da quinzena dos realizadores, teatro, televisão etc.etc. ou seja 56 páginas de espectáculo.
Da psicanálise ao aquivo uma revista que vem tentar a sua sorte, no marasmo português. Que viva!

SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
de Pier Paolo Pasolini
(Itália-França-1975)

Dizer que este filme é importante (como testemunho, como prática, como catalisador das várias hipocrisias burguesas da sociedade em que se exibe) não é a mesma coisa que gostar deste filme. Não só porque o gosto é coisa subjectivíssima, para mais próxima, no geral, da ideologia dominante, mas fundamentalmente porque não é possível de se possuir **Saló**, de se tomar o filme como nosso irmão interior. Porque esta película é um ser único, arisco e esquivo, nosso vizinho, nosso próximo, mas não nós-mesmos. Dessa carga de agressão nasce a sua força. O seu génio.

CINEMA MUNDIAL
(interdito a men. 18 a.)

UMA MULHER DA RUA
de Martin Scorsese
(USA__ 1972)

Quando fez este **Boxcar Bertha** (de seu título original), Martin Scorsese era um perfeito desconhecido a quem Roger Corman dera a mão para realizar este filminho de pequeno orçamento. O que o senhor Scorsese se tornou todos o sabemos: prémio em Cannes-76 para **Taxi driver** (para quando a sua estreia em Portugal?), um dos nomes fortes nos novos realizadores americanos.
Boxcar Bertha, que o público ignorara na estreia (há uns meses no Pathé e no 2000) é agora relançado, com plena justiça pela mão do Quarteto, sempre atento. E merece-o amplamente.

CINEMA QUARTETO __ sala 2

O PORTEIRO DA NOITE
de Liliana Cavani
(Itália__ 1974)

Muita celeuma, muito dinheiro, actores de primeiro plano, tema «escandaloso», uma realizadora polémica, os críticos ao serviço do imperialismo a ajudar (ouçam esta: «Inserem-se no filme definições várias de todo o tipo de cadência, deitando para o chão tudo aquilo que a maior parte das pessoas prefere fazer numa cadeira, mesa ou cama...» __ Vincent Canby do «New York Times», citado no programa do Londres).
Um filme que reduz o nazismo ao fascínio de uma psicologia patológica, à decadência, como se tudo se explicasse pelo inconsciente individual. Onde escorrega, inexoravelmente para a direita.

CINEMA LONDRES
(não ac. 18 a.)

QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?
de Mike Nichols
(USA__ 1966)

O melhor teatro americano levado ao **écran** com a força de um talento que breve se perderia no mar dos dólares. Aqui, porém, Nichols esmera-se e o resultado é um dos mais terríveis «directos» a uma sociedade matriarcal em desagregação. Liz Taylor, Richard Burton, Sandy Dennis e George Segal, como jamais voltariam a estar, são os parceiros desta noite de **Walpurgis**, onde não faltam as «flores para los muertos» falsamente vivos numa alvorada que fecha.

CINEMA QUARTETO __ sala 4

OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MÁQUINASVOADORAS
de Ken Annakin
(USA-1965)

Por princípio a espectacularidade é uma característica difícil de controlar. Que o diga Mankiewicz que hoje renega a **Cleópatra**. Em matéria de comédia a superprodução poucas vezes soube usar os meios para atingir plenos fins. Esta película de Annakin é disso mero exemplo pois é, afinal de contas, ao nível dos actores que ela consegue acumular pontos. E neste domínio atenção a Gert Frobe.

CINEMA ALVALADE
(grupo B-10 anos)

MASH
de Robert Altman
(USA__ 1970)

Há filmes, juramos, que provocam em nós uma estranha sensação. Expliquemos: a coisa começa pela cabeça, uma vaga tontura, cansaço, logo desce ao peito e ao estômago e aí estamos nós a sentir-nos ligeiramente incomodados, depressa nauseados; e por fim o vómito.
Não é que se jamos almas sensíveis mas ver um senhor a dizer umas larachas sobre como levar a guerra com duas piadas, isto no auge da matança vietnamita, é ou não é demais?

CINEMA QUARTETO __ sala 3
(não aconselhável men. 13 a.)

A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO
de Blake Edwards
(USA__ 1965)

Uma comédia grande espectáculo feita por um realizador de múltiplos talentos e que por isso mesmo nunca atinge o melhor. Jack Lemmnon e Peter Falk (no professor Fate eseu ajudante) a levantarem o moral de uma película onde só raramente o **gal não e evidente e o** espectacular não é vulgar.
A demonstrar que, afora Lewis, a década de 60 na comédia americana é apenas mediana.

CINEMA IMPÉRIO
(grupo B-10 anos)

DOZE INDOMÁVEIS PATIFES
de Robert Aldrich
(USA-1967)

Uma película que filma a violência pelas suas várias facetas, e também a espectacular, de onde noções morais estão arredadas e as opções são sem saída. Um naipe de actores memorável (seja-nos permitido destacar Cassavetes) para uma acção onde a ambiguidade entre um discurso humanista e um outro militarista é questão a discutir.

CINEMA BERNA
(não ac. men. 13 a.)

FESTIVAL TARZAN
com Johnny Weissmuller

Com sucesso, ao que nos dizem, prossegue o Festival Tarzan, onde muitos vão reavivar a memória da adolescência (que não do paraíso perdido) e outros encontrar os mitos que já foram ouro no cinema. Com Johnny Weissmuller chegado, para férias e negócios, aos Algarves, e possível constatar ao vivo, a diferença entre o herói e a carne, por muito que custe aos sacerdotes.

CINEMA CALEIDOSCÓPIO
(para todos)

CHOVE EM SANTIAGO
de Helvio Soto
(França-Bulgária-1975)

O maior sucesso de bilheteira actualmente em exibição, fruto de condições que seria interessante analisar: motivações emocionais para um filme que funciona tão só a esse nível, serão evidentemente importantes, o nome dos actores (que, porém, passam apenas pelo **écran**) será outra razão, só que o sucesso é tal que assume foros de alguma curiosidade. Para mais porque se trata de um filme que pouco ou nada nos diz do que se passou no Chile e que nem sequer o diz de uma forma brilhante.

CINEMA NIMAS
(não ac. men. 18 a.)

AMOR
de Karoly Makk
(Hungria-1970)

Um dos poucos filmes politicamente decentes em estreia (quando tudo é reposições ou **cinema-cochon**). Uma película que fala do amor possível entre um passado mirífico, uma longínqua miragem e um quotidiano morto. Uma história que não fala só de solidariedade humana, mas de resistência e por isso de esperança.
Duas actrizes geniais para um filme ímpar que nos chega da melhor cinematografia do Leste europeu, a húngara.

CINEMA APOLO 70
(não ac. men. 13 a.)

MUNDO DO ESPECTACULO

CASA DA CULTURA

Desde 15 de Agosto que está a funcionar na Casa da Cultura das Caldas da Raínha um curdo de formação de Actores criado com o apoioi da Direcção-Geral da Acção Cultural.
O curso, que é dirigido pelo actos José Severino, teve uma afluência inesperada de alunos e as aulas tiveram de desdobrar-se em duas turmas. A Casa da Cultura das Caldas mantém em funcionamento outras actividades relacionadas com o «ballet», a música e o cinema. Presentemente, está aberta ao público uma exposição de pintura com mais de 200 peças de artistas de todo o país.

●

«VOZES DE OZD» EM PENICHE

Actua esta noite em Peniche o Grupo Amador de Coros e Danças «Voses de Ozd» do Sindicato dos Metalúrgicos da Hungria, que se deslocou a Portugal a convite da Central Sindical Única com o apoio do Inatel.
O grupo actua hoje em Peniche e, amanhã, nas Caldas, estando previsto para depois amanhã um espectáculo no Barreiro.

●

«FESTA PERMANENTE»

Manuel Grangeio Crespo (Jaime Manuel Brás de Almeida Crespo) vai candidatar-se à presidência da Câmara Municipal de Gouveia se obtiver o apoio do P. S., do P. C. P. e da U. D. P. O programa de acção que apresenta para a Câmara tem, evidentemente, rubricas inteiramente destinadas a definirem a sua acção política, mas tem, também, rubricas em que o novo candidato se propõe levar a cabo uma intensa acção cultural no distrito. A este suplemento interessa, sobretudo, o que o candidato se propõe fazer no campo dos tempos livres e não há dúvida de que o seu programa é revolucionário já que pretende criar, em Gouveia, uma festa permanente. Os pontos 4, 5 e 6 do seu programa são claros:
4. Estudar, unificar e apoiar todas as manifestações artísticas populares num propósito de encontrar uma imagem suficientemente transparente para permitir o

acesso à sabedoria do povo.
5. Criar na aldeia de Linhares um festival internacional de arte, a exemplo daqueles que atraem anualmente multidões de turistas a tantas povoações do Mundo. Na medida do possível, esse festival deveria eventualmente ser produzido e administrado pelo conjunto das associações culturais e recreativas do concelho.
6. Aproveitar as possibilidades turísticas que oferece a rede continua de festas, arraiais ou peregrinações, que durante os meses de calor se constitui tradicionalmente no concelho.
Cada dia sua festa: há piores férias! Lutar pela criação de centros turísticos na encruzilhada (uma encruzilhada quanto mais breve melhor) entre várias povoações diferentes com festividades populares em dias adjacentes.

PONTO contra PONTO

Fim-de-semana musical (e não só...) é o que propõem ao leitor os organizadores da festa promovida pelo jornal! **Avante!** na F.I.L.
Tal como vem anunciado, o programa compreende, na sua parte muscal, os seguintes números:

Sábado, dia 25
Palco 1

15.30 h.
Francesca Soleville

16.30 h.
Grupo «Harmonia»
Tania Ivanova
Nadejda Hotcheva

17.15 h.
Area

19.00 h.
Coro dos Mineiros de Aljustrel

20.00 h.
Sara Gonzalez
Los Caña

20.30 h.
Pi de la Serra

22.00 h.
Steve Waring

23.00 h.
Coro de Serpa

23.30 h.
Conjunto de Josef Kolzon
Ludmila Sientchina
Krasnoiarsk (grupo de danças da Sibéria)
Anatoli Elyzarov

Palco 2

15.00 h.
Aparcoa

15.30 h.
Luís Cília

16.00 h.
Reel Union

17.00 h.
Andreas Varga

18.00 h.
Manuel Freire
Adriano Correia de Oliveira

19.00 h.
Carlos Mendes
Barata Moura

19.45
Luísa Basto
Samuel
J. J. Letria

20.15 h.
Luís Viegas
Vieira da Silva

22.00 h.
Coro da Academia de Amadores de Música
Direcção: Lopes Graça

23.00 h.
Benedicto e Bibiano

23.45 h.
Oktoberklub

Palco 3

11.00 h.
Banda de Música da Amora

15.00 h.
Rancho Folclórico «Os Camponeses»

16.00 h.
Coro de Serpa

17.00 h.
Brigada Vítor Jara

18.00 h.
Benedicto e Bibiano

19.00 h.
Conjunto «Estrela Vermelha»

20.00 h.
Reel Union

21.30 h.
J. J. Letria

22.00 h.
Harmonia

22.30 h.
Introito

23.00 h.
Coro dos Mineiros de Aljustrel

24.00 h.
Rui Mingas

24.30 h.
Sara Gonzalez
Los Caña

Palco 4

11.00 h. a 15.00 h.
Animação permanente
com a participação dos
conjuntos «Estrela Vermelha»
«Brigada Vítor Jara»
Banda da Amora
Adriano C. de Oliveira
Samuel
Introtio
J. J. Letria
Reel Union
Pi de La Serra
Benedicto e Bbiano
Grupos de Pioneiros

Palco 5

21.30 h.
Noite do Fado:
Adriano Correia de Oliveira
Fernando Farinha
Fernando Tordo
José Manuel Osório
Samuel
Saudade dos Santos
Pedro Caldeira Cabral (guitarra)
António Pessoa (viola)

Palco 6

(Sala do Cinema)

22.00 h.
Com o sol em fogo embriagado de amor

Acção cénica em dois actos de Luigi Nono.
Apresentação do autor, seguida de debate.
Projecção de «slides» e audição de excerptos da música em fita magnética.
Esta obra foi estreada em 1975, no Scala de Milão, num espectáculo dedicado a trabalhadores, com encenação de Ljubinov,, director do teatro de vanguarda de Moscovo.
Baseia-se em textos de diferentes autores, incidindo sobre a Comuna de Paris e outras experiências revolucionárias.

Domingo, dia 26

Palco 1

15.00h.
Roberto
Carlos Paulo
Aparcoa

19.00 h.
Archie Shepp

20.00 h.
Area

22.00 h.
Carlos do Carmo

23.30 h.
Benedito e Bibiano

24.00 h.
Okoberklub

Palco 2

11.30 h.
Elizbieta Tarnavska
(pianista laureada
do Concurso Chopin)

14.15 h.
Harmonia
Tania Ivanova
Nadejda Hotcheva

15.30 h.
Fernando Farinha
Maria Amélia Proença

16.00 h.
Rui Mingas

16.30 h.
Sara Gonzalez
Los Caña

19.00 h.
Josif Kobzon
Ludmila Sientchina
Krasnoiarsk
A. Elyzarov

20.30 h.
Steve Waring

21.00 h.
Elzbieta Tarnavska
(piano)

22.00 h.
Carlos Paredes
Luísa Basto

22.30 h.
Francesca Solleville

23.00
Reel Union

w3.30 h.
Andraas Varga

24.00 h.
Encerramento

Palco 3

15.00 h
Real Union

16.00 h
Conjunto «Estrela Vermelha»

17.00 h
Joaquim Pessoa
Carlos Mendes

19.00 h
Brigada Vítor Jara

20.00 h
Samuel
J.J. Letria
Adriano Correia de Oliveira

21.00 h
Sara Gonzalez
Los Caña

23.00 h
Pi de la Serra

24.00 h
Aparcoa

Palco 4

11.00 h às 15.00 h

Coro dos Mineiros de Aljustrel
Rancho «Os Camponeses» (Arroteias)
Conjunto «Estrela Vermelha»
Brigada Vítor Jara
José Manuel Osório
Harmonia
Rui Mingas
Los Caña
Aparcoa
Grupo de Pioneiros de Sines

Palco 5

16.00 h
Tarde de fado amador

21.00 h
Noite de fado
(com os mesmos artistas do dia anterior)

Palco 6
(Sala do Cinema)

11.30 h
Concerto:
Música de Bach,
Filipe Pires, Jorge Peixinho,
Clotilde Rosa, etc.
Grupo de Música Contemporânea de Lisboa
Clotilde Rosa (harpa)
Maria Regina de Vasconcelos (piano)
Jorge Peixinho (piano e direcção)

De notar, neste concerto, a segunda audição de uma peça de Clotilde Rosa (estreada ontem) e a apresentação em Lisboa de uma das mais recentes obras de Peixinho, interpretada pelo autor: **o estudo em si bemol maior**, para piano.

16.00 h
Grupo de Alunos de Composição do Conservatório Nacional

Demonstração de criação e improvisação colectivas da classe de composição orientada por Constança Capdeville.
Colaboração de Constança Capdeville.

Oriundos do Canadá, os Rush são: Alex Lifeson (Guitarras) Geddy Lee (baixo e voz) e Neil Peart (bateria). Neil entraria para o lugar do baterista inicial que era John Rutsev.
Este álbum, «2112» é o primeiro que irá, dentro

GIRA-DISCO

em breve, aparecer no mercado discográfico do país. É, no entanto, o quarto trabalho deste grupo, que iniciou a sua carreira tocando em bares.
«2112» é uma obra de hard Rock, que nos conta uma história, a qual, segundo os elementos do grupo, é baseada na progressão de alguns elementos da sociedade de hoje, mas projectada 150 anos no futuro. Passa-se no ano 2112 onde toda a arte, toda a ciência, toda a literatura, todo o pensamento são controlados pelos computadores da Federação solar. Todas as pessoas nascidas sob o signo do Red Sun (sol vermelho) são controladas pelos sacerdotes do «Temples of Syrinx», onde se encontram os computadores instalados em lugares, que recordam a opulência dum harém oriental. Porém, certo dia, alguém encontra uma viola (objecto extinto em 2112) e reencontra a arte perdida da música. Esta pequena descoberta é musicalmente descrita na terceira parte do lado primeiro, totalmente preenchido pelo tema «2112», dividido em sete partes. A terceira das quais tem o título «Discovery» e inicia-se com uma sequência de notas soltas e sem nexo, saídas da guitarra de Alex, que simbolizam bem um primeiro contacto com tal instrumento. A história continua com a ida ao templo do tal sujeito, com o fim de dar a conhecer a sua maravilhosa descoberta. No entanto ela não é aceite entre os sacerdotes, que o expulsam do templo e partem a vida. Nessa noite o «Zé Ninguém» sonha com um planeta onde nada disso acontece. Talvez seja verdade, talvez não; ninguém sabe.
Inicialmente influenciados pelos Cream, Jeff Beck, Led Zepplin e Grand Funk, os Rush não foram aceites no Canadá, por tocarem um rock muito heavy. Isto levou-os a editarem, por sua conta, um LP com o título «Fly by Night»; a partir daí desenvolveram, já com o apoio de uma etiqueta, mais dois trabalhos antes de chegarem a 2112.
Geddy Lee é muito influenciado, nas vocais, pelo célebre Robert Plant dos Led Zepplin. Embora não atinja a excelente presença da Plant, Lee é um bom vocalista, com uma voz perfeitamente integrada no som metálico do grupo.
Para terminar, apenas queríamos aconselhar este disco a todas aqueles que apreciam o som heavy duns Led Zepplin ou duns Kiss.

J. P. Santos Reis

●

DISCOS RAROS

Como prosseguimento do que aqui foi dito na semana passada, continuamos hoje com a referência de outro grupo alemão — Popul Vuh. Para a maior parte de vocês este nome é desconhecido, no entanto aqueles que se debruçam sobre o Rock alemão, certamente conhecem Florian Fricke, que participou nas gravações do duplo LP «Zeit» dos Tangerine Dream. Florian é pois o «cabecilha» duma formação que adoptou o nome de Popul Vuh — um dos documentos escritos, mais antigos que se conhece no nosso planeta.
Vindos de Berlim, são, com os Amon Düül II, e gravaram três álbuns (de que temos conhecimento), que apresentam 3 fases distintas dos Popul Vuh. O primeiro, com o título «Affenstunde», vai numa viagem mística através de heterogéneas, estranhas e flutuantes tonalidades. No segundo — «In der Garten Pharoohs» (No Jardim do Faraó) — a música electrónica não atinge um papel tão importante como na obra anterior, embora Florian ainda utilize frequentemente o moog. O terceiro trabalho — «Hosianna Mantra» é inteiramente dedicado à música sacra. Até aqui (ao terceiro LP) o moog-sintetizados, era muito importante na música do grupo, mas neste trabalho ele é substituído pelo piano/cravo. Florian explica essa resolução: «Hosianna Mantra, ao contrário dos 2 álbuns anteriores, deveria ser mais claro e puro; um campo de associação em que um sentimento sacro e emocionante se movesse no âmbito da «trip» («viagem» em ácido). Portanto eu não poderia misturar o moog-sintetizador com música religiosa cristã. Aliás a música electrónica, está hoje, pelo seu aproveitamento para fins comerciais, muito afastado do âmbito das ilusões do LSD».
Devemos dizer-vos que nenhum destes discos se encontra em Portugal. Apenas na Alemanha será fácil (!??) encontrar.

J. P. Santos Reis

TRIUMVIRAT
— «OLD LOVES DIE HARD»

Oriundos da Alemanha, os Triumvirat editaram o seu quarto álbum, que muito em breve será posto à venda em Portugal. Depois do trabalho «Spartacus», que entre nós teve grande êxito, o Triumvirat conta com um novo elemento na sua constituição. É ele o vocalista inglês Berry Palmer, que, para além de cuidar das vocais compõe a letra da faixa «A cold worried Lady». «Old loves die Hard», embora sendo, quanto a nós clara está, inferior a «Spartacus», deve ser olhado com um pouco de atenção, na medida em que é um disco onde existe uma certa personalidade na música do grupo. Já em «Spartacus» se nota, ao contrário das gravações anteriores, um abandono da influência marcante e «descarada» do grupo inglês Emerson, Lake and Palmer. Embora cada um destes músicos alemães, seja influenciado, directamente, pelo grupo atrás citado, eles começam a emancipar-se, com o fim de criar uma música mais pessoal.
Jürgen Fritz é o mesmo «chefe» do grupo. A sua maneira de tocar é muito parecida com a de Keith Emerson. A sua técnica como teclista é grande, e a sua imaginação como compositor é notavel. Quem ouvir o seu solo de piano em «A day in a Life» (terceiro tema do lado primeiro de «Old Loves die Hard») não pode dizer o contrário. Dick Frangenberg (baixo) e Hans Bathelt (bateria) servem como acompanhantes de Fritz. Bathelt participa, neste álbum, ainda com dois poemas («I Believe» por exemplo).
O tema «Panic on the 5.th Avenue» é o melhor, segundo a nossa opinião. Fritz tem um grande trabalho nas teclas, principalmente na moog. Dick e Hans apresentam um ritmo que nos dá perfeitamente a sensação de confusão, desordem, corridas, fugas, perseguições, em resumo — pânico. As sirenes da Polícia (dadas pelo moog) perseguem as pessoas em fuga (imitadas pelo baixo e pela bateria).
Este é portanto, o quarto álbum dos Triumvirat, e o terceiro a ser editado entre nós, depois de «Illusions on a double dimple» e de «Spartacus».

NOTA: este grupo não pode ser, de maneira nenhuma, designado como grupo do chamado «Rock Alemão (entenda-se esta expressão como sendo um som característico vindo da Alemanha, tocado por grupos como os Tangerine Dream, Popul Vuh, Agitation Free, Can ou Faust por exemplo).
Não pode, porque as influências das Triumvirat, a sua maneira de tocar e a sua música, vem de grupos ingleses. Os chamados grupos de «Rock Alemão» recebem as suas principais influências da música contemporânea (Stokhausen), do Jazz, do free-jazz e da música electrónica. Por outro lado a improvisação é uma constante nos grupos do «Rock Alemão», ao passo que nos Triumvirat isso não é tão importante. Isto para não se falar no grande papel do LSD nos conjuntos de música cósmica.

P. Santos Reis

OS DISCOS MAIS VENDIDOS NA EUROPA

Grã-Bretanha

1.º «Dancing Queen» (Abba)
2.º «Let'em in» (Wings)
3.º «You don't have to touch» (Chi-lites)
4.º «The killing of Georgia» (Rod Stewart)
5.º «Can't get by without you» (Ral Things)

França

1.º «Por que te vas» (Heannette)
2.º «Derriere l'amour» (Johnny Holliday)
3.º «Who's that lady with my man» (Kelly Marie)
4.º «Je vais t'aimer» (Michel Sardou)
5.º «Radioactivity» (Patrick Cherie)

Espanha

1.º «Gloria» (Patti)
2.º «Fernando» (Abba)
3.º «El jardin prohibido» (Sandro Giacobbo)
4.º «Calipso Joe» (Juan Pardo)
5.º «Viva América» (Versão original)

OS DISCOS MAIS VENDIDOS NA AMÉRICA LATINA

Panamá

1.º «No mas contigo» (Mario Quintero)
2.º «La quinta sinphonia de Beethoven» (Walter Murphy)
3.º «Angela» (José Feliciano)
4.º «Europa» (Santana)
5.º «El negro chombo» (Frugo e sus tesos)

Guatemala

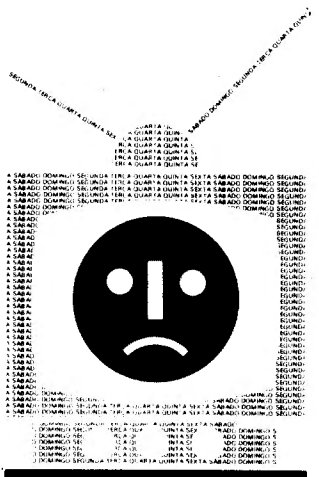
1.º «En el cielo extranan un angel» (Tavares)
2.º «Porque te amo» (Los estilistas)
3.º «Dejalos entrar» (Paul Macarteney)
4.º «Dia lluvioso en Nueva Yorque» (Chicago)
5.º Julio Inglésias en el Olympia de Paris.

Costa Rica

1.º «Y tu, amigos»
2.º «Puerto Limon» (Abracadabra)
3.º «Angelica, grande amor libre» (José Luis Rodrigues)
4.º «Serenata» (Via libre)
5.º «Otoño» (Mocedades)

Honduras

1.º «Echame, a mi la culpa» (Albert Hammond)
2.º «Quinta Sinfonia de Beethoven» (Walter Murphy)
3.º «Como está, licenciado?» (Andres Garcia)
4.º «Tu» (Léo Dan)
5.º «Estas acabando comigo» (Luis Gerapio)



TV/PONTO

SÁBADO, 25

I.º PROGRAMA

14.00 **Telejornal.**
14.15 **Hoje pode ver.** Um programa destinado a permitir-lhe escolher quando é que vai ligar ou desligar o receptor.
14.25 **Retrospectiva.** Um programa desportivo com resumos de acontecimentos.
14.40 **Culinária.** António Silva ensina a fabricar petiscos que, na televisão, sempre vão enchendo os olhos.
15.05 **Aconteceu, acontece.** Novidades técnicas e científicas que, dadas as restrições impostas à importação, dificilmente nos chegarão às mãos.
15.30 **«Jovens rebeldes».** Colonos norte-americanos, nos primeiros anos do seu país, em luta contra o ambiente, os índios, a fome e o mais que aparecer.
16.20 **Fungagá da bicharada.** Júlio Isidro e os seus amigos.
16.50 **Cinema de animação.** Vasco Granja apresenta desenhos animados que vale a pena ver. Recomendamos a rubrica.
17.50 Documentário. Programa transmitido dos estúdios do Porto.
18.25 **Da saúde e da vida.** Coisas da saúde e coisas da vida.
18.40 **Concerto.** A sinfonia «Fantasia», de Berlioz.
19.20 **Stop.** Joaquim Filipe Nogueira tenta, mais uma vez, convencer os automobilistas a terem juízo.
19.55 **Gente do amanhã.** Série filmada em que a fantasia é sublinhada.
20.30 **Telejornal.** Esperamos que não haja notícias de vulto para a gente dormir bem.
21.05 **Martinho da Vila no Algarve.** Martinho e alguns dos melhores músicos brasileiros num espectáculo realizado por José Eliseu. Resumindo: música e ritmo em doses industriais.
22.00 **A China de um só homem,** um programa do departamento de actualidade

2.º PROGRAMA (UHF)

20.00 **Abertura e Beethoven,** pelo barítono José Oliveira Lopes.
20.25 Um filme de 1935: **«Paz na Guerra».** Não se trata dum clássico do cinema, mas sempre é um filme.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE SETUBAL

COMUNICADO

Os Delegados Sindicais do Comércio, em Plenário Distrital de 18/9/76, aprovaram por unanimidade o seguinte comunicado:

NOTA OFICIOSA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO DE 15/9/76

Na sequência da comunicação feita ao País, pelo primeiro-ministro, no passado dia 9, marcada por uma profunda hostilidade aos trabalhadores, fez o ministro do Trabalho sair, em 15/9/76, uma Nota Oficiosa.

Tal Nota Oficiosa passaria desapercebida, caso os assuntos nela abordados não fossem de fundamental importância para os trabalhadores e a intenção nela contida não fosse a de fazer tábua rasa da própria Constituição.

Pretende o dr. Marcelo Curto que as Organizações dos Trabalhadores se pronunciem no prazo de 15 dias sobre oito projectos de Decreto-lei, cujo texto não dá a conhecer.

Despedimentos com justa causa, contratação colectiva, trabalho rural, doméstico e de estrangeiros, contratos a prazo, gestão das empresas em autogestão e saneamentos, são importante e complexa matéria para a qual o ministro do Trabalho pretende que os trabalhadores se pronunciem em tão reduzido prazo.

Perguntamos; numa altura em que se fala em apertar o cinto (dos trabalhadores, claro), em que todos os dias são devolvidas empresas aos antigos patrões, em que a Reforma Agrária é atacada e em que são reintegrados notórios fascistas; não pretenderá o sr. ministro do Trabalho legislar contra os interesses dos trabalhadores? Nós cremos que sim, tanto mais que na referida nota oficiosa é dado ao patronato (!!!) o direito de intervir na elaboração da legislação do trabalho.

A Constituição da República Portuguesa reconhece aos trabalhadores e **só aos trabalhadores** o direito de participarem na feitura das leis que lhe dizem respeito (Art.º 56.º e 58.º). Residindo o poder legislativo sobre tal matéria na Assembleia da República, não se compreenderá a atitude unilateral do sr. ministro, a não ser como tentativa de limitar ou mesmo coarctar a participação dos trabalhadores e os próprios poderes do Orgão máximo do País.

Estes nossos receios são tão mais fundamentados, quanto é alarmante a política de recuperação capitalista que tem vindo a ser levada a cabo pelo Governo, numa clara cedência às forças políticas mais reaccionárias.

CONTRA A LEGISLAÇÃO ANTIPOPULAR
CONTRA A RECUPERAÇÃO CAPITALISTA
PELA DEFESA DA CONSTITUIÇÃO
UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS

Setúbal, 18/9/76

A DIRECÇÃO

21.50 **Telejornal.**

DOMINGO, 26

I.º PROGRAMA

12.00 **Missa de domingo.**
12.40 **Da vida e do povo.** Que vida? Que povo?
13.10 **No Jardim Zoológico.**
13.15 **Desenhos animados.**
14.00 **Telejornal.**
14.15 **Hoje pode ver.** Pode, mas não é obrigado, o que sempre é uma consolação.
14.30 **Corrida de toiros.** Quem gosta de touradas tem aqui uma boa ocasião de ver uma. Quem não gosta pode aproveitar a ocasião para ler um livro.
15.15 **A casa do marinheiro.** Transmissão directa do Porto.
15.45 **«Aquela pequena de Paris».** Um filme produzido em 1936 com intérpretes de quem já ninguém se lembra: Pandro Berman, Lily Pons e Lucille Ball.
17.30 **Presença do Brasil.** Haverá na TV brasileira algum programa intitulado «Presença de Portugal»? É que se não há, devia haver porque nestas coisas não há qualquer razão para sermos só nós a comer...
18.00 **Hoje há palhaços.** Uma rubrica ao gosto das crianças.
19.00 **Heidi.** Um incontestável favorito.
19.30 **TV Rural.** Sousa Veloso fala de porcos, de vacas, de couves e de cenouras. Uma rubrica que talvez não ensine nada a quem trabalha a terra mas que obriga quem vive na cidade a saber de que é que vive.
20.00 **O filme «Relax... relax».** Um filme de Juan Dalain, que talvez valha a pena ver porque satiriza o turismo industrial e, muito especialmente, o turismo suiço. O filme, aliás, foi feito para a televisão suiça.
20.30 **Telejornal.**
21.05 **Telefutebol.** Um jogo do dia e resumos dos outros.
21.45 **«Clayhanger. Vidas perdidas».** Um episódio da série extraída do romance de Arnold Bennet.
22.40 **Civilização.**
23.00 **Telejornal 3.**

2.º PROGRAMA

20.00 **Foi êxito na TV.** Repetição dum episódio da série «Kung Fu» que tão popular foi no 1.º Canal.
21.00 **Jogos sem fronteiras.** Crianças adultas divertem-se como se o não fossem, não sabemos ao certo em que país.
22.30 **Telejornal.**
23.00 **Cinema de animação.** Uma corrida de desenhos animados com Vasco Granja ao volante.

SEGUNDA, 27

I PROGRAMA

19.00 **«A Pedra Branca».** Um episódio desta série essencialmente destinada às crianças, mas com adeptos entre os adultos.
19.25 **Teledesporto.** Tudo o que vai acontecer durante o fim-de-semana no campo do desporto.
19.55 **Folclore da Jugoslávia.** A rubrica, por mais estranho que pareça, é transmitida do Porto e não da Jugoslávia. É coisa para meter vinho verde...
20.30 **Telejornal.** As notícias do dia ainda fresquinhas e quentes.
21.00 **Momento Político.** Atendendo a que os problemas do momento são os do ensino, da estrutura sindical e da reforma agrária, é perfeitamente possível que a rubrica seja dedicada ao aproveitamento turístico da serra da Estrela.
21.30 **Hedda Gabler.** Uma peça de Ibsen que vale mais por ser do autor que por qualquer outro motivo. Em cena, Lurdes Norberto, Vítor de Sousa, Arminda Tavares, Armando Cortês, Benjamim Falcão, Madalena Braga e Adelaide João. Andamos cá com umas saudades do Artur Ramos...
22.50 **Telejornal.** As notícias das 20.30 repetidas a menos que tenha havido mais tragédias. Oxalá que não...

II PROGRAMA

20.00 **O Outro dos Baule.** Um documentário da série «O mundo e a arte».
20.30 Um episódio ainda não determinado de uma série filmada.
21.30 **Telejornal**
22.00 **Cantigamente.** Um programa sobre a influência dos discos na vida dos «teen agers» do tempo áureo dos beatles. O período é aquele em que o João Martins era responsável pela «23.ª Hora». Realização de António Escudeiro. Recomendamos este programa.
23.00 **Fecho.**

TERÇA, 28

I PROGRAMA

19.00 **«A Pedra Branca».** Mais um episódio desta série.
19.25 **Corpo musical.**
20.00 **Ver.** Um programa de José Eliseu, sobre artes plásticas.
20.30 Telejornal.
21.05 **Histórias de amor.** Menos estupidas do que as habituais e até, de quando em quando, francamente humanas.
22.10 **Terça à noite.** Joaquim Letria em acção, ou em inação, conforme os seus interlocutores o espevitarem ou não. Um bom programa.
23.00 **Telejornal.**

II PROGRAMA (UHF)

20.00 **«Vickie, o vicking».** Desenhos animados.
20.25 **Nancy Wilson**
20.30 **Programa musical.**
21.05 **Passatempo.** Magazine quinzenal.
21.50 **Telejornal.**
22.25 **Concerto pelo quarteto Heutling**
22.45 **Fecho.**

QUARTA, 29

I PROGRAMA

19.00 **«A volta ao mundo em 80 dias».** Mais um episódio deste clássico de Júlio Verne que divertirá todos o telespectadores, independentemente de sexos e idades.
19.25 **Museu da ciência e da técnica.** O que é, o que foi preciso lutar para ele existir, etc.
20.05 **Educação permanente.** Permanente, mas curta porque só dura 15 minutos.
20.15 **Vamos jogar no totobola**
20.30 **Telejornal**
21.05 **O último vale.** Um filme inglês produzido em 1971. Em foco a guerra dos 30 anos.
23.15 **Telejornal**, em segunda edição.

II PROGRAMA (UHF)

20.00 **Roman Holidays.** Desenhos animados.
20.30 **Fronteiras do amanhã**
20.45 **Da saúde e da vida**
21.00 **Sweeney.**
21.05 Um episódio de uma série filmada. Até à hora de fecharmos este suplemento, não nos foi possível saber de que série se trata.
21.55 **Telejornal**
22.25 **Sabe que há um museu em Ponta Delgada?** Quem não sabe fica mesmo a saber porque é o segundo programa sobre o assunto. Não queremos dizer que a TV seja chata, mas... Se um programa sobre um museu é útil, dois programas sobre o mesmo museu assustam muita gente...
23.15 **Fecho.**

QUINTA, 30

I PROGRAMA

19.00 **Desenhos animados.** Três filmes: «Vem ver como se faz», «Aninhas e o tio das pernas altas» e «Barba Papa».
19.30 **«Segredos do mar vermelho**
20.00 **TV Palco.** Um programa de Igrejas Caeiro.
20.30 **Telejornal**
21.00 **Forças Armadas.** Um programa do Estado-Maior-General das Forças Armadas.
21.30 **Aconteceu em Lisboa.** O caso Alves dos Reis, um episódio de uma série filmada em Itália sobre o célebre caso do Angola e Metrópole.
22.30 Um programa do serviço de actualidades.
23.00 **Telejornal.**

II PROGRAMA (UHF)

20.00 **O Regador mágico.** Mais um episódio desta série que ainda não percebemos se é divertida ou não.
20.30 **Ver,** um programa sobre artes plásticas.
21.00 **Teatro.**
22.05 **Telejornal.**

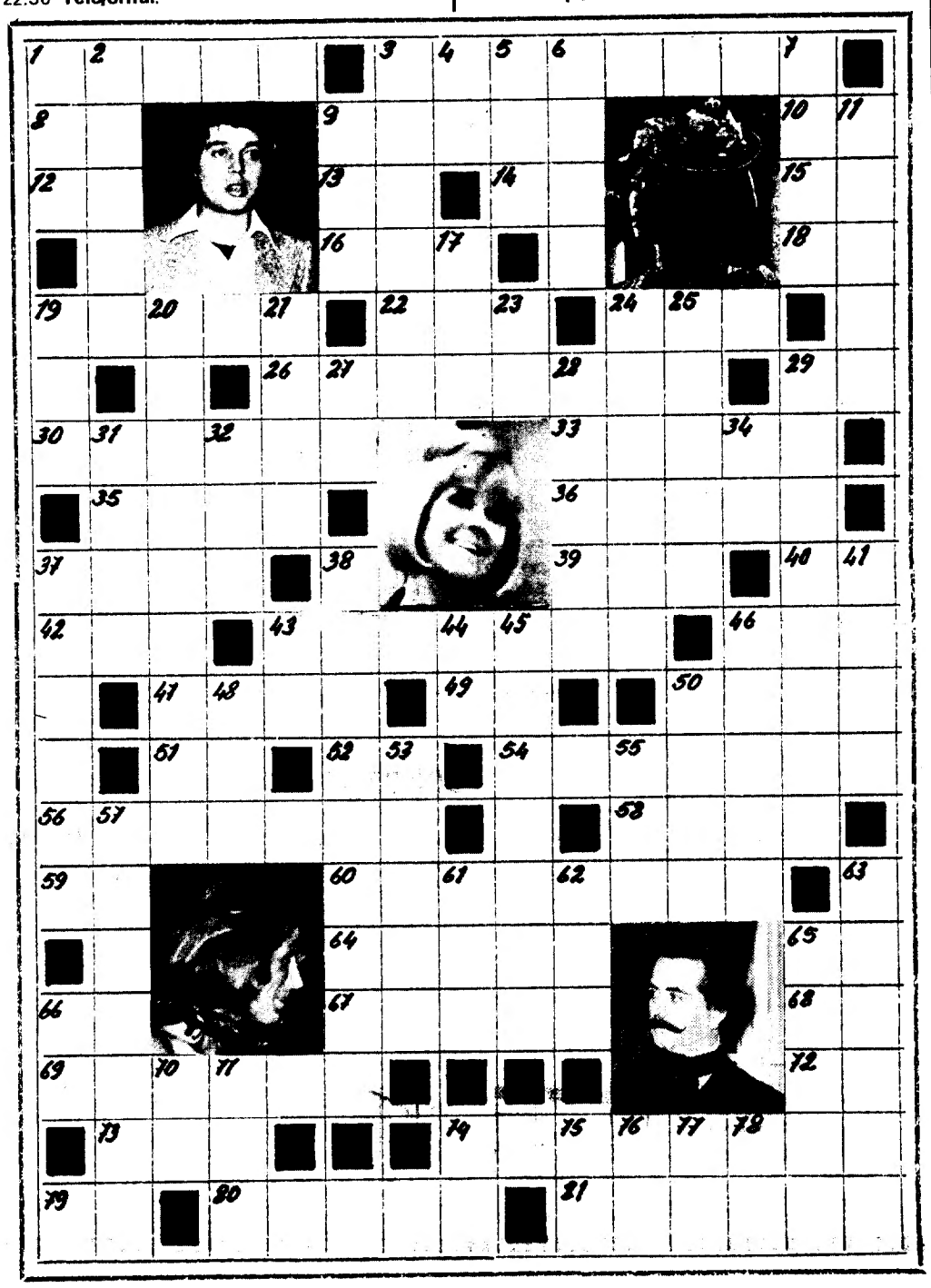
SEXTA, 1

I PROGRAMA

19.00 **Volta ao mundo em 80 dias.**
19.25 **Encontro**
20.00 **Momento desportivo**
20.30 **Telejornal.**
21.05 **Terra a terra - minha gente.** Perguntas, respostas, gracinhas, monumentos, sorrisinhos e o mais que faz parte integrante deste concurso sem graça, sem vida e sem grande utilidade.
23.00 **Telejornal.**

II PROGRAMA (UHF)

20.00 **Pipi das meias altas**
20.30 **«Abriu-se uma fenda no céu».** Um episódio da série histórias de amor.
21.25 **Telejornal**
22.00 **Documentário**
22.55 **Fecho da emissão.**



palavras cruzadas

HORIZONTAIS

1/3, Passou a lua-de-mel em Acapulco depois do seu casamento secreto com Henry Kissinger; 8, Alumínio (s. q.); 9, Furtas com subtileza; 10, Ósmio (s. q.); 12, Níquel (s.q.); 13, Érbio (s.q.); 14, Freguesia do concelho de Ponte de Lima; 15, O mesmo que nem (ant); 16, Freguesia do concelho de Alenquer; 18, Sufixo que designa estado; 19/24, Cançonetista e vedeta cinematográfica intérprete de película «O homem que sabia de mais»; 22, Czar da Rússia cognominado O Terrível». 26, Induzir; 29, Cálcio (s.q.); 30, Conserta; 33, Capital do Canadá; 35, Género de insectos coleópteros fitófagos espalhados no hemisfério boreal; 36, Uma das Espórades; 37, Calote (Gir. do Porto); 39, Rema para trás; 40, Pronome pessoal; 42, Liga; 43/69, Actor teatral que encarnou a figura de Camilo na peça «Camilo e Fanny», 46, Caminhar para cá; 47, Move os remos; 49, Miriare; 50, Sulco, para condução de água; 51, O mais; 52, Senhor; 54, Manhas do cavalo; 56, Domesticaste; 58, Gostar muito de; 59, Utensílio doméstico; 60; Tomais posse; 64, Rebolou; 65, O imperador da China, na Idade Média; 66; Crómio (s.q.); 67, Lugar de contenda; 68, Alteza Real; 72, Idem; 73, Fava de um centímetro de diâmetro, usada em quantidade diminuta como condimento; 74/80, Cançonestista português intérprete da canção «Tourada» 79, «Post scriptum»; 80, Esmoncas.

VERTICAIS

1, Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos; 2, Desenrugo; 3, Pessoa que sofreu por causa das suas crenças ou das suas opiniões; 4, Amónio (s.q.); 5, Fluído aeriforme; 6, Rio da Alemnaha que nasce no Tirol; 7, Rio do estado de Goiás (Bras.); 9, Prefixo que designa terra; 11, O Arão da Bíblia; 17, Antiga capital da Birmânia; 19, Mágoa; 20, Tangeram repetidas vezes (sinos ou campainhas); 21, Nome de mulher; 23, Artigo definido; 24, Pondes data em; 25, Em má hora (ant.); 27, Batráquio; 28, Ópera de Puccini; 29, Punir; 31, Prendi com elos; 32, Espaço de doze meses; 34, Verso; 37/45, Actriz cinematográfica que desempenhou o papel de Isabel I na série televisiva do mesmo nome; 38, Enfadarão; 44, Épocas; 43, Prefixo de negação; 44, Preposição; 46, Navegas; 48, Pronome pessoal; 50, Prefixo de origem latina que entra na composição de varias palavras com a significaçao de meio; 53, Restituir; 55, Designação genérica das plantas herbáceas; 57, Realizais; 61, Olá; 62, Transpira; 63, A língua das serpentes (pl.); 65, Tombada; 66, Duzentos em romano; 70, Érbio (s.q.); 71, Género de palmeiras do Brasil; 74, Nome de Buda, na China; 75, Rádio (s.q.); 76, Nosso Senhor; 77, Carta de jogar; 78, Laço.

SOLUÇÃO

HORIZONTAIS

1/3 — NANCY-MAGINNES, 8 — Al. 9 — Gamas. 10 — Os. 12 — Ni. 13 — Er. 14 — Sa. 15 — Ni. 16 — Ota. 18 — Or. 19/24 — DORIS DAY. 22 — Iva 26 — Arrastar. 29 — Ca. 30 — Repara. 33 — Otava. 35 — Lina. 36 — Samos. 37 — Geco. 39 — Cia. 40 — Te. 42 — Lia. 43/69 — Igrejas Caeiro. 46 — Vir. 47 — Rema. 49 — Ma. 50 — Soga. 51 — Al. 52 — Sr. 54 — Cócegas. 56 — Domaste. 58 — Amar. 59 — Pá. 60 — Apossais. 64 — Rolou. 65 — Cá. 66 — Cr. 67 — Arena. 68 — Ar. 72 — Id. 73 — Ire. 74/80 — FERNANDO TORDO. 79 — Assoas.

VERTICAIS:

1 — Nana. 2 — Aliso. 3 — Mártir. 4 — Am. 5 — Gas. 6 — Isar. 7 — Sono. 9 — Geo. 11 — Síria. 17 — Ava. 19 — Dor. 20 — Rapicaram. 21 — Sara. 23 — As. 24 — Datais. 25 — Aramá. 27 — Rã. 28 — Tosca. 29 — Castigar. 31 — Eiei. 32 — Ano. 34 — Vo. 37/45 — GLENDA JACKSON. 38 — Agastarão. 41 — Eras. 43 — In. 44 — Em. 46 — Vogas. 48 — Ela. 50 — Semi. 53 — Repor. 55 — Cas. 67 — Operais. 61 — Olé. 62 — Sua. 63 — Dardos. 65 — Caída. 66 — CC. 70 — Er. 71 — Iu. 74 — Fo. 75 — Ra. 76 — N.S. 77 — As. 78 — No.